

S U E H E C K E R
MAIS DE 16 MILHÕES DE LEITURAS NA INTERNET

Uma vida guiada por escolhas e suas...

Conse quên cias

SÉRIE MOSAICO



S U E H E C K E R

Conse quên cias

SÉRIE MOSAICO



Rio de Janeiro, 2017

Para Maria Luíza, o balé era o seu porto seguro. Nos passos da dança ela refletia seus humores, medos e inseguranças... Até conhecer Walter, um jovem ambicioso e sedutor que, por meio de sua paixão e desejo, oferece as asas com as quais a alma de Malu sempre sonhou.

Disposta a seguir em busca do seu final feliz, ela irá abrir mão de tudo em nome do amor. Mas será que essa decisão causará frustração e arrependimento? Como será lidar com os riscos de uma atitude impulsiva?

Em *Consequências* Sue Hecker presenteia seus leitores com a história que antecede *Tutor*. Uma narrativa que, como um balé, expressa toda a emoção contida nos encontros, desencontros, erros, dúvidas e, sobretudo, nas consequências de cada escolha.



Capítulo 1

Imersa na música que conduz o meu corpo, sinto meus olhos serem capturados: um homem desconhecido e enigmático me encara do outro lado do salão. Durante minutos me perco naquele olhar faminto. É como se, em um átimo, o ambiente no qual estão mais de trezentas pessoas desaparecesse e restassem apenas nós dois. Meu corpo balança no ritmo da melodia, a qual sigo como se estivesse apresentando um espetáculo particular para o qual me preparei a vida inteira e que teria como público apenas um espectador. Ele não precisa aplaudir para mostrar que está no camarote, curtindo cada movimento. Mantenho boa postura e delicadeza e todos os meus movimentos são direcionados àquele homem, compensando a ausência de coreografia com charme, graça e muita feminilidade. Não sei o motivo, mas sinto uma vontade imensa de continuar a me apresentar, a me exhibir para ele, mesmo que eu tenha passado a vida tentando me esconder dos olhos da cobiça.

— Em que aula você aprendeu esses passos? — pergunta alguém perto de mim. — Essa dança do acasalamento é para conquistar todos os homens bonitos ou algum em particular? Acho que faltei a essa lição, Malu... — Ouço a voz e sinto algo cutucar minha costela. A magia se quebra instantaneamente. Percebo que é Mya, mas não entendo o que diz e muito menos por que me chama a atenção daquele jeito. Desvio meus olhos e a vejo, a testa enrugada encimando os cílios piscantes.

— Aula?

— Entregue o jogo. Vai me dizer que aprendeu a dançar assim sozinha? Essa dança da sedução é a melhor e não me lembro de nenhuma aula de balé com esses passos.

Conheci Mya nas aulas de dança. Nunca fomos muito íntimas, apesar de ela ser uma de minhas colegas mais próximas. Nossas conversas sempre se limitaram a coreografias e figurinos. Até então, eu jamais havia saído com ela, ou com qualquer outra das meninas do curso. Aquela foi a primeira vez.

— Não sei o que você está dizendo...

— Não mesmo? — Percebo que ela olha na direção do bar. — Então deixa eu contar uma coisa. Parece que o gato que estava apreciando o seu show tem um acompanhante. Olha lá!

Viro-me para onde ambos estavam e... Surpresa! Não acredito em quem mais está ali.

— Pedro? — Aceno alegremente, sem resposta. Ele finge me ignorar, como se eu não estivesse ali. O que estaria acontecendo?

Nunca fui de sair e menos ainda de beber. Dançar era normal, fazia parte da minha vida. Não em uma pista de dança, é claro... Sempre o fiz em academias, estúdios ou em apresentações teatrais. A nova experiência de sair com as minhas colegas do grupo de dança estava sendo perfeita, se não fosse o aparente desprezo do meu meio-irmão.

Por que ele me tratou como se eu fosse uma desconhecida? Pior que me passei por uma encalhada desesperada por homem, porque foi o amigo gato dele quem respondeu ao meu aceno.

Pedro é o meu meio-irmão. Que ele não ouça meus pensamentos, pois o afastariam mais. Não sei em que momento da vida nosso relacionamento se deteriorou. Sempre me tratou muito bem quando éramos mais novos. Porém,

conforme crescíamos, foi entendendo a situação toda que nos cercava e acabou me relegando gradativamente ao esquecimento. Seu pai sempre nos comparava, enaltecendo minhas qualidades para desmerecê-lo, algo que sempre condenei. Até mesmo por saber que por trás daqueles elogios do Colibri sempre havia segundas intenções.

Perco todo o pique para continuar dançando. Por alguns instantes, fico perdida, sem saber que direção tomar. O homem que me olhava conversa com Pedro e parece distraído. Encorajo-me a tirar essa situação a limpo.

— Aonde você vai? — questiona Dammy, minha outra colega. Ela está no meio da pista, dançando com um carinha.

— Falar com um antigo amigo...

Meus passos se apertam no chão, os delicados pés de bailarina ganham a força e o peso de um lutador de sumô. Minhas narinas se inflam como as de um touro na arena, açulado pela capa vermelha que reflete a cor da minha face.

— Oi, Pedro! — adianto-me, tentando manter a voz passiva. — Você tem o péssimo hábito de querer me afastar de você. — Exaurida, encosto-me ao seu lado no balcão do bar, com a desculpa de pedir uma bebida e o repreender por sua falta de educação.

— Oi, Maria Luíza. Sabia que o mundo não gira ao seu redor? Já imaginou que tenho o direito de ficar próximo só de quem eu quero? — Não sei o que dói mais: a sua sinceridade ou a sua indiferença.

— Já pensou que não tenho nada a ver com a situação causada pelos nossos pais? — Ele mal me olha, e me arrependo, ao mesmo tempo em que replico. Acho que alguns drinques me tornaram corajosa e sincera como ele.

— Você quer dizer o que a sua mãe causou.

Mesmo que fosse ela... O que eu tenho a ver com essa situação, para ele me afastar da sua vida como fez? Será que tenho de pagar pelos erros que os outros cometeram? Nossas mães eram primas, o pai dele abandonou a esposa grávida para ficar com a minha mãe. Nós éramos duas crianças inocentes, não podemos ser culpados de nada!

— Ela não é a única protagonista e culpada dessa história.

— Não? — Disposto a me condenar, meu meio-irmão me encara, presunçoso. Detesto quando ele ergue a sobrancelha daquela maneira.

— Você é engraçado, Pedro — comento, com sarcasmo. — Quando pequeno, era meu melhor amigo e se divertia muito sempre que estávamos juntos. Na verdade, parecia até que éramos irmãos — exagero um pouco. — O que mudou de quem eu era para o que sou hoje? Será que ficarmos um pouco mais velhos me fez deixar de ser a Malu para me tornar Maria Luíza, a estranha? — Lembro que Pedro inventou esse apelido de Malu por não conseguir falar meu nome direito.

— Nada! — Limita-se a responder. — Se a tivesse considerado como irmã algum dia, você jamais estaria no meio de uma pista, dançando como uma qualquer, fazendo um showzinho pseudoerótico.

Moleque atrevido! Fuzilo-o com os olhos e só não o mando para o inferno porque o amigo está nos encarando.

Entendo que Pedro perdeu a mãe há poucos anos e se fechou para o mundo. E admito que o relacionamento deles sempre me causou inveja. Não que eu não amasse minha mãe, mas é que na relação deles havia muito companheirismo e lealdade, diferente do que eu vivia em casa. Minha mãe sempre foi um pouco egoísta, pensava somente nela e dava ataques de ciúme por causa dos cuidados que o Colibri tinha comigo.

— Então é isso? — Sorrio cintilantemente, não muito sincera. — Não me cumprimentou por causa da minha dança?

— Está se dando uma importância exagerada. Eu nem vi que era você. — Ele dá de ombros. — O ambiente está muito escuro.

— Deu para mentir agora? Se não me viu, como sabia que era eu do outro lado da pista? E também como recusou um cumprimento se nem viu? Você já foi melhor que isso, Pedro. — Por duas ou mais vezes, seus lábios repuxam para o lado esquerdo. Preciso ser cuidadosa. Acho que pisei em campo minado. Pouca gente sabe que ele é cheio de manias e rituais e sofre com o TOC desde muito novo. Seu pai nunca aceitou esse transtorno. Achava que eram manhas e caprichos, mas eu sei que não. — Não vai me apresentar ao seu amigo? — Mudo de assunto para amenizar a situação e entender por que ele, menor de idade, está bebendo em um bar com um cara que aparenta ser mais velho que ele.

Desvio meus olhos dos dele, sem esperar o seu julgamento. Conheço-o o suficiente para saber que acabei piorando tudo. Poxa! Não sou uma pessoa ruim para ele não querer me apresentar aos amigos. Ele me ignora deliberadamente, mas nem precisaria, já que seu amigo toma a iniciativa.

— Então o Pedro tem uma irmã e não apresenta para os amigos?

Não, moço bonito! Não piore as coisas com essa sua voz profunda... Não sou irmã dele, embora adoraria que ele me considerasse como tal. Infelizmente, nossos pais não ajudaram muito, deixando um caminho de mentiras e traições destruir todos os nossos laços.

— Não somos exatamente irmãos de sangue, não é mesmo, Pedro? — Tento desfazer o clima. — Prazer, Maria Luíza. — Estendo a mão para retribuir o cumprimento. De perto, ele é ainda mais bonito.

— Dá para entender perfeitamente o motivo pelo qual o Pedro não quer apresentá-la aos amigos. — Ele diminui a distância e me surpreende olhando-o, boquiaberta. Avalia-me dos pés a cabeça, vagarosa e descaradamente. — Encantado, Walter! — Minhas mãos são cobertas pelos dedos dele, cujo calor derrete a geleira dos olhos de Pedro e faz o sangue fluir por todo o meu corpo. É impossível ignorar as sensações que me invadem naquele instante.

Ele parece curioso e atencioso ao mesmo tempo. Excitada com a sua presença, quase digo para me chamar do que quiser, desde que me chame. Walter é bronzeado, tem cabelo escuro e olhos claros, cuja cor é difícil de definir devido à luz escura do ambiente. Um homem muito interessante, que seria ainda mais atraente se não fosse amigo do Pedro. A forma como segura a minha mão dá a impressão de que ele quer me proteger. Depois de um tempo, percebo que até me esqueci de respirar, de tão encantada com ele. Lentamente, solto o ar preso em meu peito.

— Apresentações feitas — comenta Pedro, de mau humor. — Acho que minha noite acabou. Podemos ir, Walter, se não se incomodar. Amanhã acordo cedo.

— Pedrão, tenho o dia livre amanhã. Se não se importa, eu vou depois.

— Não precisa ir por minha causa, Pedro. Eu só vim cumprimentá-lo. — Tento puxar a minha mão, mas Walter a detém.

— Não estou indo embora por sua causa — responde Pedro, grosseiramente. — Até mais, Walter. Se cuida, Maria Luíza. — Ele deixa algumas notas sobre o balcão, vira-se e vai embora, sem ao menos me esperar dizer um boa-noite. Sinto-me desconfortável. Parece que acabei com a noite de Pedro e nem sei ao certo o motivo de ele querer me afastar. Não é possível que ele veja todos os problemas dos nossos pais refletidos em mim. Meus ombros caem em derrota.



Capítulo 2

— Acho que atrapalhei a noite de vocês — comento, desanimada.

Os olhos de Walter se fecham, em uma piscada consoladora, e, quando se abrem e fixam nos meus, descubro a verdadeira cor: azul.

— Você não estragou nada, Maria Luíza. O Pedro já tinha me dito que não poderia ficar muito tempo.

— Mesmo assim, ainda acredito que antecipei sua partida.

— Não se culpe. Ele é grandinho e pode lidar com seus próprios problemas. E, se quer saber, foi melhor assim... Talvez sozinho ele se encontre.

As bolhas e os calos que marcaram meus pés como bailarina foram menos doloridos do que os golpes que a vida me causou até agora. Por mais que eu não admitisse, Pedro havia me magoado com aquelas atitudes. Mas Walter tem razão. Não vou estragar minha noite por causa da imaturidade alheia.

— Pode ser... — Dou um suspiro. — Obrigada, Walter.

— Pelo quê?

— Por tentar apaziguar o meu coração.

— Fico feliz que tenha ajudado. Acho que isso merece um brinde. Vamos comemorar!

Fico indecisa, sem entender tanta animação. Seus olhos brilham, os lábios se apertam em uma linha fina, demonstrando malícia. Ele não pode estar comemorando a minha desilusão. Ou será que pode?

— E qual seria o motivo do brinde, depois do que acaba de acontecer?

— Que tal o fato de eu ter chegado ao seu coração, mesmo que por caminhos tortuosos? — Acho graça da brincadeira. — Esse sorriso lindo é um “sim”?

— Tudo bem! Acho que algo forte para começar vai ajudar — digo animada, na melhor tradição de afogar as mágoas em um copo. Ao sair para dançar, queria poder ter algum momento longe de tudo com que fui obrigada a conviver por anos. Só que esbarrar com Pedro me fez lembrar uma infância e uma juventude tristes, cheias de fugas e muitas repressões.

Erguendo a sobancelha, ele me encara.

— Cuidado com a explosão de sentimentos e palavras, Maria Luíza. Primeiro, você não desmente que eu tenha chegado ao seu coração. Depois, resolve pedir algo forte. Posso levar tudo isso muito a sério e gerar grandes expectativas sobre você. Por isso, lhe sugiro cautela.

Santa Madre! Esse homem é muito direto e sua advertência me deixa em alerta.

— Obrigada, Walter. Vou considerar seu comentário como um conselho. Agora, por favor, pode me chamar de Malu? — Ao contrário dele, eu quero gerar muitas expectativas, sim, sobretudo porque ele está me deixando alucinada com aquele olhar. Meu Deus, não estou me reconhecendo! Eu deveria estar querendo afastá-lo, não atraí-lo.

— Você é maior de idade? — pergunta ele, com um sorriso no rosto.

— Acho que quem deveria estar fazendo essa pergunta sou eu, já que é amigo do Pedro. Sei muito bem que ele ainda não fez 18 anos.

— Ele é um garoto, mas mentalmente parece mais velho que meus pais. Um bom amigo. — A menção a Pedro aperta meu coração. Como eu queria poder conviver com ele. — E então? Peço suco para você ou posso escolher algo mais forte? Você decide!

— Se toda essa ladainha é para saber minha idade, fique tranquilo. Já tenho idade para consumir bebida alcoólica.

— Ótimo! — Ele sorri maliciosamente. — Para não assustá-la, confesso que tenho 25. — Finjo dar um suspiro de alívio e ele sorri. — E, antes que imagine que quero corromper o Pedro, só saímos para bater papo e ele limitou-se a tomar um suco. — Melhor que a resposta é a piscada que ele me dá.

Mal o ouço pedir as bebidas que a bartender põe no balcão, alheia ao meu sorriso de agradecimento; ela está mais interessada no homem que me acompanha.

Por pouco não tenho de procurar um lenço para limpar sua baba. Walter é este tipo de homem: que suga toda a atenção.

Ele me entrega o copo gentilmente, encostando seus dedos largos nos meus — não sei se de modo proposital ou accidental. Para ser honesta, só tenho certeza do *frisson* que sinto correr por mim como uma descarga elétrica. Ele me flagra avaliando-o mais uma vez e emudeço enquanto levanta o copo em um brinde.

— A nós!

Nós? Levo o copo aos lábios, cheia de pensamentos indecorosos com essa declaração. Vejo-o me olhar, na expectativa, de forma perturbadora. Esse homem me cativa e tira o meu controle. Penso em sair correndo e dizer que não

estou acostumada a beber quando sinto o forte cheiro de carvalho exalado pelo uísque, muito diferente dos coquetéis adocicados que tomei com as meninas há minutos. Ele parece tão experiente que não quero demonstrar ingenuidade. Então, dou um gole substancial. Ai! Minha garganta queima; contenho-me antes de fazer uma careta e revelar que senti até minha alma arrepiar. Os anos de disciplina no balé deveriam ter me ensinado que a delicadeza é o X da questão. Como posso ter sido tão descuidada por dar um grande gole sem antes degustar?

— Forte como queria?

Ele me fita por um longo momento, esperando por uma resposta que não sei dar. Tento conter a tosse. Um passo, e Walter está pertíssimo. Seu cheiro amadeirado aguça meus sentidos.

Esse homem tem um jeito único de insinuar perguntas para as quais eu teria diversas respostas. Ele é atento e talvez tenha percebido minha reação quando tomei o uísque, porém seu olhar demonstra uma preocupação diferente.

— Perfeito! — Não preciso de muitas doses daquelas para alcançar meu objetivo inicial da noite, que era sair para ficar longe de tudo e de todos. Mas nunca imaginei que, contrariando todas as minhas expectativas, meu corpo pediria para estar próximo de alguém o suficiente para receber um abraço forte e me mostrar que posso ser desejada e amada por uma pessoa de verdade, e não por um velho que me assedia quando tem chance. Queria eu ter a coragem do Pedro e me afastar do Colibri.

Por alguns instantes, permaneço olhando para ele, tentando esquecer os meus medos. Ele é tão lindo! Será que tem namorada, noiva, esposa ou qualquer outra pessoa que o espera em casa? Indiscretamente, meus olhos seguem para suas mãos, sem qualquer indício de aliança. Que alívio! O

casamento da minha mãe deixou traumas suficientes, que me impedem de me relacionar com um homem que tenha algum tipo de compromisso afetivo.

— Curiosa para saber o meu estado civil? — Diante de pergunta tão rascante, emudeço, corou, acho que até fico vesga.

— É sempre direto assim?

Seus lábios sensuais se curvam, ostentando modéstia e inteligência perceptiva.

— Somente quando quero esclarecer a uma mulher atraente que sou livre e desimpedido.

De repente, algo me alerta. Será que Pedro contou para ele sobre o nosso triste e traumático passado em comum? E será que Pedro pensa que sou igual à minha mãe? Uma caçadora de homens comprometidos? Dando um profundo suspiro, resolvo esclarecer.

— O Pedro contou a você sobre a história dos nossos pais? — pergunto, desviando meus olhos dos seus.

— Não! — A resposta não me convence.

— Acho que você ficaria chocada ao saber o que aconteceu. — Sinto-me curvar, com medo de sua reação.

— Nada me assusta. Mas ficaria chocada se descobrisse que você não consegue seguir sua vida por causa da atitude de seus pais — diz ele, sem remorsos.

— Por que diz isso? — questiono sem o encarar.

— Porque, pelo modo como fala, não sei se você está aqui em busca de companhia ou se deseja descobrir se eu sei sobre seu passado e os julgamentos do Pedro. — Com o dedo, ele ergue meu queixo gentilmente para olhá-lo.

O quê? Ele pensa que eu o estava investigando? A conversa está caminhando para uma trilha desnecessária. Fico prestes a explodir de raiva.

— Foi bom conhecê-lo. Obrigada pela bebida. — Viro as costas e ele segura meu braço.

— Malu, desculpe se fui direto, mas...

Eu o interrompo.

— Você achou que eu estava aqui para perguntar sobre o Pedro?

— Não! Só estranhei sua mudança radical de comportamento. — Consigo ver um rubor no seu rosto e a leve tensão se dissipa. De repente, ele parece mais alto, mais atraente, mais forte, e seus dedos me seguram com uma força carinhosa. Para minha surpresa, o calor que ele havia me feito sentir cresce em meu íntimo. Relaxo.

— Desculpe! Não foi minha intenção.

— Não precisa se desculpar. Aliás... — Ele aperta a ponta no meu nariz com a mão livre. — ...Este é o segundo pedido desnecessário de desculpas esta noite. O que acha de esquecermos e começarmos tudo de novo?

Pronto! Ele voltou a ser gentil e charmoso.

— Acho que tem razão.

— Você dança muito bem, Malu — diz ele, os olhos correndo sobre o meu corpo e pousando em meu decote.

Usar uma blusa daquela para sair foi ideia da Mya quando eu disse não saber o que vestir. Imagino como minha mãe me reprovava se usasse aquele traje. Diria que era roupa de prostituta e não de uma dama elegante. Porém, agora que vejo os olhos dele fixos em meu colo, vanglorio-me vaidosamente. Excitada, esforço-me para não mostrar a ele que estou gostando de ser observada daquela maneira. Levo novamente o copo até a boca, interpondo o braço sobre o busto.

Mais algumas bebericadas e sinto-me encher de uma energia e de uma euforia quase juvenis. Parece que estou tomando a poção mágica dos gauleses.

Os deuses cooperam e “Santeria”, da banda Sublime, começa a tocar.

— Vem dançar comigo! Adoro essa música. — Contrariando minha timidez, puxo-o pelo braço sem lhe dar tempo de pensar.

— Eu não sei dançar!

— Eu também nunca tinha bebido uísque antes. — Sorrio.

— Isso eu imaginei! — Claro. Ele acompanhou cada gesto meu enquanto eu bebia...

Passamos pelas meninas e faço as devidas apresentações. Elas dizem que estão pensando em ir para outro lugar com seus dois amigos e eu as tranquilizo, já que estou de carro.

Seguimos mais alguns passos até o centro da pista de dança.

O silêncio pulsa entre nós, um de frente para o outro. Fico parada diante dele; tenho que tomar uma atitude. Afinal, fui eu quem o tirou para dançar e ele parece se divertir com a minha falta de jeito. Respiro fundo e me lembro de que uma bailarina salta, gira sem cansar, vence a gravidade e fica leve até parecer levantar voo, sem jamais deixar o ritmo a abandonar.

É isso aí, Maria Luíza... Esta noite, como em todas as vezes em que precisou de apoio, a canção irá deixá-la inteira novamente.

Atônita com minha ousadia, sorrio para ele. Seu olhar vagueia pelo meu corpo, acompanhando os meus movimentos. Ele observa, curva a boca em um sorriso malicioso. Vagarosamente umedeço meus lábios, os quais ressecam, ao mesmo tempo em que seus olhos se iluminam de desejo.

Os anos de dança me tomaram de corpo e alma. Contagiaram meus dias com alegria e doçura. Fizeram-me mover como folhas ao vento. Sentir a música e me emocionar com cada situação: é exatamente isso que insinuo a ele. Todo meu charme existe por meio da dança.

— Você sabe que pode destruir uma amizade, não sabe? — Um braço longo me circula, puxando-me para próximo do seu corpo. Meu peito sobe e desce, a respiração se acelera.

— Se isso acontecer, ela não era verdadeira — sussurro, meus lábios próximos aos dele, incitando-o a continuar.

Provocações nunca foram o meu forte. Na verdade, sempre fui do time que coloca panos quentes em confusões ou discussões. Mas, hoje, parece que algo mudou. Primeiro, enfrentei minha mãe quando disse que ia sair e não sabia se voltava para dormir em casa. Depois, questionei as atitudes do Pedro. Agora, estou flertando e tentando fazer joguinhos sexuais com um desconhecido.

Provocante, me solto lentamente. Os flashes do jogo de luzes coloridas parecem nos cercar. Os pares ao nosso lado bailam, cada um de uma maneira singular. Começo a dançar na sua frente, a centímetros do seu corpo. Ele sorri e morde o lábio inferior, maliciosamente me instigando a querer provocá-lo um pouco mais. A batida da música chega ao ápice, e meu corpo a acompanha. Seus olhos parecem me tocar com vontade. Sinto uma descarga libidinosa de adrenalina.

Remexo os quadris e acrescento uma contração ao embalo, em uma nota elevada que perfura o som. Meus movimentos de dança são naturais, porém a forma como ele me encara parece ser algo extasiante.

— Perfeita! — Leio seus lábios.

Céus! Nunca me senti assim... Com desejo de ser um pouco libertina. Minha pele esquentada, parece pegar fogo.

Outro som baixinho de aprovação sai da boca de Walter, mas dessa vez não consigo entender. A emoção me toma e me entrego. Meu olhar trava com o seu e ele se junta a mim, levando meu corpo mais uma vez a grudar no seu.

— Algo me diz que você está coberta de razão. — Sua voz sai como um sopro, apenas para eu ouvir. Sempre segui em linha reta, e sentir as batidas do seu coração pulsar contra meu peito faz com que um belo ritmo se estabeleça entre os nossos corpos, que se mexem sem sentido, lentamente percorrendo um caminho que não sei onde vai dar. Algumas músicas depois, nossos corpos estão unidos em uma cadência harmoniosa, prestes a entrar em combustão.

— Você disse que não sabia dançar...

— Continuo afirmando que não sei. Talvez seja a parceira que esteja fazendo meu corpo obedecê-la.

Nossos corpos se afastam e se encontram. Nada existe ao redor, a não ser nós.

Sinto meu coração pulsar, agitado. Estaríamos nos amando em meio à multidão, como dois amantes cheios de desejo? Contenho meu fôlego ao sentir que ele está rijo e solto uma exclamação, surpresa e satisfeita. Meus olhos caem em seus lábios: ele tem uma boca tão desejável! Se o ritmo da música mudou, não percebemos, pois quem está ditando o balançar somos nós.

Levanto os olhos e consigo ver a satisfação em seu rosto.

— Onde você estava? — Sua mão sobe pela minha espinha, contornando o pescoço, passando o polegar pelos meus lábios em um toque provocador. Envolvida pela intensidade da sua exploração, entrego-me à poderosa sensualidade que emana dele. — Se você soubesse como quero beijá-la! — Walter coloca o dedo entre os meus lábios úmidos e os separa, causando um tremor ardente por todo meu corpo.

Incapaz de ordenar os pensamentos libidinosos, levo minhas mãos ao seu rosto, encostando meus lábios aos seus.

— Acreditaria se eu disser que é o que espero?

Sua língua penetra a minha boca, sem hesitação. Um som gutural escapa da minha garganta. Voluptuoso e sôfrego, ele explora cada espaço da minha boca, apossando-se dela. Repito o gesto e provo a doçura de seus lábios. Seus dedos afundam no meu cabelo. Gosto do jeito como ele me segura. Sinto-me protegida e desejada. O calor se acende como fogo e, em segundos, se alastra por nossos corpos.



Capítulo 3

Onde foi parar a minha sanidade?

Talvez tenha se perdido no desejo latente e na admiração pela mulher de cabelo escuro, pele morena, olhos pequenos e negros, ou na delicadeza de vê-la dançar, na beleza feminina que ela sustenta, em tudo o que me desarmou. Nunca me atrevi a dançar com ninguém. Mas ela me conduziu como se tivéssemos nascido para fazer isso juntos. Logo que a vi dançando sozinha, senti meu corpo reagir a seus movimentos lânguidos e sedutores. Queria puxá-la até mim e entrar no seu ritmo. Tê-la tão próxima, dançando ingenuamente, mas ainda assim da forma mais sensual que já vi, foi a minha ruína.

E agora não posso acreditar que a estou beijando.

Enquanto mergulho em seus lábios macios, minhas mãos a puxam para mim, ansiando por sentir a sua pele entre meus dedos. Na minha mente, surge uma imagem fixa dos seus seios curvilíneos, moldados exatamente para a palma da minha mão.

Quero perder o controle. Desejo devorá-la lentamente entre os lençóis da minha cama, mas por vários motivos me reprimo... Até porque ela pode ser uma complicação, devido à amizade que tenho com Pedro. Não sei qual o grau de aproximação deles. Pedro sempre foi um bom amigo, mas nunca se abriu para contar nada de sua vida.

Sinto-me um aproveitador, mas não consigo me separar dela... Parece que, a cada vez que nossas línguas se entrelaçam, mais eu preciso beijá-la. Quando

foi que me tornei um aproveitador de mulheres vulneráveis? Sim, porque, além do incidente mais cedo ter mexido com ela, sei que está levemente alcoolizada. Pedro é um cara do bem, mas quando o vi tratando-a com indiferença e grosseria, quase perdi a razão, e me contive para não partir para cima dele. Quis puxá-la e aconchegá-la nos meus braços até que ela se sentisse protegida. Nunca tinha visto aquela bela mulher antes, mas pude reconhecer no seu olhar uma tristeza imensa, talvez oriunda de um passado marcante.

Será que vale a pena me envolver com uma mulher que pode ser uma grande distração? Daqui a dois meses irei para o México, assumir minha promoção como gerente administrativo da Sidercon. Essa é a oportunidade da minha vida. Comecei a trabalhar muito cedo na siderúrgica e, em pouco tempo, tornei-me um profissional multicultural, com vasta experiência em gestão executiva e estratégica na área de *supply chain*, que engloba a cadeia de suprimentos, compras e logística. Nunca medi esforços para me aperfeiçoar. Abri mão de uma vida boêmia para dedicar-me somente aos estudos e estágios, visando a conquistar esse degrau em que estou. E ela? Bom, ela pode ser uma distração que não podia encontrar agora.

— Malu? — Ofegante, interrompo o beijo. — Vamos sentar um pouco? Meus pés estão me matando. — Que diabo de desculpa é essa? Separo-me e parte de mim já sente a falta dela. — Você é uma excelente professora. Não estou acostumado a dançar.

Minhas palavras saem entrecortadas. Seu rosto ruborizado e envergonhado prova que tomei a pior atitude da minha vida.

— Você se saiu muito bem.

A voz dela se mostra constrangida, e eu me chuto mentalmente.

— Vamos beber algo?

— Claro! Estou morrendo de sede.

Não sei se gosto da compreensão tímida com a qual ela me responde. Isso faz aflorar uma raiva primitiva dentro de mim. Queria que ela procurasse minha boca e não me deixasse impedir o que estava perfeito.

Segurando-a pela mão, que está fria e úmida, percebo que ela saboreou o beijo tanto quanto eu. No canto do bar, há duas banquetas livres, onde nos sentamos.

— Tem alguma preferência?

— Já que o ensinei a dançar, acho que vou querer outra bebida como a que pediu. Quero aprender a saboreá-la.

Leio cada palavra que diz com seus lábios inchados e me advirto para onde dirijo meus olhos, devido à excitação que sinto. Não faço nenhum movimento para tocá-la. Desejo-a muito, mas prefiro esperar para ver o que acontece. Fiquei encantado desde o momento em que a vi pela primeira vez. Por isso, tento calcular se é arriscado ou não seguir em frente. Alegro-me perceber que mexi com ela. Agora, a mulher falante parece pensativa.

— Vai beber outra dose de uísque?

Meu instinto diz que ela quer algo forte novamente, porém, dessa vez, por um motivo distinto. Talvez por se sentir muito vulnerável e necessitar de algo que lhe dê coragem, assim como eu preciso. Eu me pego vidrado, analisando-a, enquanto seu corpo fala por ela...

— E por que não?

— Lembro de você ter dito que nunca tinha bebido. Pela forma que se contorceu, imaginei não ter gostado muito do uísque.

— Foi o primeiro gole. — Ela sorri de braços cruzados. — Posso aguentar mais copos do que as músicas que você dançou.

— Posso saber quantas músicas foram? Eu não perdi tempo contando... — Tenho quase certeza de que ela também não sabe, mas acho bonitinho o jeito como deseja jogar.

— Umas seis ou sete...

— Você me fez dançar tanto assim?

— Não pareceu difícil para você... — Ela hesita e continua timidamente. — Até achei que estava gostando.

— Gostei tanto que nem vi o tempo passar. — Esforço-me para manter todo o meu controle e avançar devagar com ela. Ao mesmo tempo em que quer demonstrar audácia, ela se contém. Suspeito que alguém mexeu com sua autoestima.

— Você pede ou eu?

— Vamos matar a sua sede primeiro.

Não podia permitir que ela ultrapassasse a sua linha limítrofe. Mais um copo seria o suficiente para ela. Assim, pedi as bebidas.

— Foi melhor você pedir.

— Ficaria com vergonha de pedir a bebida?

— Não, pelo olhar da bartender, acho que seu *chorinho* na dose será maior.

O que temos aqui? Uma gata possessiva?

— Sorte a nossa, então. — Pisco para ela.

Nosso uísque chega, e reparo que ela, com a coluna alinhada, estica o braço elegantemente para apanhar o copo, dotada de delicadeza e sensualidade.

A noite vai seguindo. De um copo passamos para outro, acompanhando os assuntos aleatórios que vão surgindo. É assim que descubro o motivo por ela dançar de forma tão fascinante, já que faz balé e jazz há anos. Assim como em “O lago dos cisnes”, ela parece ser ao mesmo tempo a ave branca, pura e imaculada, e o pássaro negro cuja malícia no olhar exala o cheiro do desejo.

— Você parece muito simplista nas respostas. Fale mais a seu respeito. O que faz nas horas livres?

Quero saber tudo sobre ela. Seus olhos se desviam de mim, indicando que a Malu não dirá muito.

— Não tenho horas livres. — O olhar perdido parece refletir sobre sua resposta. — Geralmente as preencho dando aulas de balé em comunidades carentes.

— Aos fins de semana também?

— Não. Neles eu estudo dança.

— Você tem uma família. Deve ter momentos com ela...

— Minha família não é muito grande.

Malu meneia a cabeça e eu fico com a impressão de que ela esconde algo. Tenho muitas perguntas que precisam de respostas.

Vejo muita força e delicadeza dentro dela. Malu é uma verdadeira bailarina. Parece esculpida à mão, portando-se com delicadeza mesmo quando parece acuada. Admiro Manet e Degas, cujas obras impressionistas foram pródigas em retratar bailarinas. Ou compositores como Toquinho e Chico Buarque, que fizeram músicas sobre elas. Malu, para mim, é uma poesia a se desvendar.

— E a sua relação com o Pedro?

A pergunta sai antes que eu possa contê-la, e ela sorri ironicamente.

— Relação? Você deve estar brincando, não é? Não existe uma relação. Não mais.

— Desculpe... Não foi minha intenção constrangê-la. Só fiquei um pouco curioso.

— Como amigo, pergunte a ele. Talvez sua resposta explique o motivo por não termos uma relação.

Começo a entender por que uma bailarina sabe se portar com a delicadeza da dança e é capaz de suportar a crueldade da arte. Sempre ouvi dizer que o balé machuca as articulações e as pontas dos pés, forçando seus praticantes a terem concentração e tolerância. Ao observá-la, fico pensando em quantas histórias ela deve ter. E ainda continua dançando, sorrindo? Será que os desafios que tem de suportar como bailarina a fizeram lidar melhor com os problemas da sua vida real?

Cabisbaixa, ela parece triste, e eu decido mudar o foco radicalmente. Sinto vontade de falar um pouco sobre mim.

— Bem, eu treinei anos para ser maratonista.

— Não imagino outro esporte para você. — Ela volta a me olhar.

Malu não diz isso pelo meu porte físico. Tenho certeza de que a insinuação se deve ao fato de eu ter corrido do beijo. Ela gargalha por ver meu espanto, acentuando uma covinha, jogando o rosto para a frente, fazendo seu cabelo sedoso se espalhar pelo ombro. Junto-me a ela, achando graça. Acho que já estamos um pouco altos. Distraída, ela se desequilibra do banco e eu a amparo nos braços, seu cabelo escuro encobrindo-os. O doce aroma invade meu olfato e isso me leva à tentação. Sinto uma forte onda de desejo de puxá-la para o meu colo. Ela é tão linda! Chega a ser impossível não admirá-la.

— Não fugi do seu beijo — digo a centímetros do seu rosto, sentindo sua respiração acelerar enquanto tento me defender. Como consegui ficar tanto tempo longe dela, se o desejo entre nós parece deixar o ar em combustão?

— Passou a dor no pé? — Ressentida, ela pergunta com a voz amargurada e rouca.

— Ora, você não vai esquecer?

Embora tivesse evitado ao máximo um contato maior, para impedir problemas futuros, sei que não vou resistir. Decido errar e viver o presente.

— Só achei estranho como você fez para parar de me beijar.

— Acredite: lutei até agora para não voltar ao ponto em que paramos. — Perco-me no brilho dos seus olhos tenros e afasto uma mecha de cabelo do seu rosto. — Posso provar seu beijo novamente?

Estava muito próximo. Não precisava nem pedir. Bastava flexionar um pouco a cabeça, mas não o faço. Preciso ouvi-la dizer que quer.

— Não vai interromper dessa vez?

Não deveria iniciar um novo beijo. O que eu devia fazer era dar um boa-noite para ela e dizer que foi um prazer conhecê-la... Mas não conseguia mover um músculo sequer.

— Só para recuperar o fôlego. — Desenho sua face com o dorso dos dedos, fazendo-a inclinar-se com o toque. O magnetismo que emana dela me enlouquece. — O que me responde, Malu?

— Se não concordar, o que fará?

Cansado de me comportar, aposto todas as minhas fichas no melhor estilo cachorro abandonado.

— Voltarei para a posição anterior e continuarei nossa conversa.

— Então concordo... — murmurando, ouço o que precisava.

Miro-a pela última vez nos olhos negros. É o suficiente para seguir. Posiciono minha mão e envolvo seu pescoço, rompendo a curta distância. Sinto sua respiração quente contra meus lábios. O sabor dela é ainda melhor do que eu me lembrava. De um jeito lânguido e íntimo, nossas respirações parecem se acelerar, junto com o movimento das nossas bocas.

Sua mão toca meu peito, dedilhando-o carinhosamente. Isso me excita tanto que seria capaz de ter um orgasmo apenas beijando-a. Recorro a todo o meu autocontrole para evitar que isso aconteça.

Puxo seu corpo para junto do meu e a sinto tremer. Seus seios firmes e macios contra o meu peito me fazem querer mais. Sua barriga cola no meu abdômen e o esfregar de quadris arranca um gemido gutural dela. Reivindico sofregamente a paixão do nosso beijo, exatamente como desejo: intenso, ousado e libidinoso.

O calor corre pela minha pele. Cada molécula do meu corpo deseja se afundar nela. Torno-me faminto enquanto suas mãos arranham minhas costas sobre a camisa.

Seguro forte o seu cabelo e a faço olhar para mim.

— Onde você estava até hoje?

Outros beijos se alongam e se intensificam. Sou malicioso e a instigo a sussurrar o desejo que ela sente por mim. Toco o céu da sua boca, Malu choraminga, e vibro satisfeito. Afogo-me nas sensações junto com ela.

Claro que não somos o único casal a trocar carícias no bar. A música ressoa pela acústica, e não nos separamos um só instante.

Queria poder levá-la dali e beijá-la a noite toda, mas, quando as coisas começam a esquentar, dessa vez é ela que interrompe.

— Minha carruagem vai virar abóbora em instantes — diz ela entre meus lábios.

— Meu carro é grande... Acho que posso rebocá-la.

Ela ameaça se desvencilhar de mim e eu a impeço, chupando o seu lábio inferior.

— Eu preciso ir... De verdade.

— Será que posso arrumar um inimigo se convidá-la para sair um dia desses?

— Acho que arrumará é uma inimiga se não me convidar.

Deixo-a no estacionamento, mas antes, insisto em verificar que está bem o suficiente para dirigir. Na verdade, além de preocupado, tenho intenção de passar mais um tempo ao seu lado e se ela não me deixar levá-la, vou colocá-la em um táxi.

— Deixe que a levo. Amanhã pegamos o seu carro.

Quero puxá-la para dentro do meu carro. Bruxinha! Não consigo ter o suficiente dela.

— Acha que não sou capaz de dirigir? — Ela se afasta, suspende a perna esquerda e faz “o quatro”.

— Achei que valia a tentativa de poder ficar um pouco mais ao seu lado. — Não admito a minha preocupação.

Era evidente que ela estava bem, pois encontra um meio jovial de me provocar e eu acompanho cada movimento, vidrado.

Para provar sua sobriedade, ela alonga ainda mais a perna, elevando-a até a cabeça. Pensamentos íntimos e proibidos invadem a minha mente. Eu amaria vê-la fazer esse malabarismo sem o jeans que a encobre. Conhecer os movimentos de uma bailarina parece ser uma boa distração. Meu Deus! Estou duro como um tijolo. Imaginá-la treinar aberturas e alongamentos de pernas causa dor nos meus testículos. Posições sexuais inovadoras vêm como flashes. Essa mulher tem um conjunto perfeito para uma noite de sexo inesquecível.

— Uau! — digo, abobado. — Não sei mais se serei capaz de dirigir agora.

Lentamente ela desce a perna e sorri, satisfeita.

— Não seja bobo. Essa sua desculpa não me convencerá a dar uma carona.

— Desvendou meu blefe? — Provoco-a.

— Sou boa jogadora. — Ela abre a porta do carro e me dá um beijo casto. — Vou esperar sua ligação. Ela me dirá se você também é um bom jogador.

Calado, vejo o carro se distanciar.

Estou perdido.



Capítulo 4

Tomo o café em silêncio. Vejo minha mãe deixar a xícara na pia e evito os olhos do Colibri. Sei que ele espera que eu esclareça os fatos ocorridos há uma semana, quando cheguei em casa de manhã bem cedo, depois de viver uma noite como Cinderela, na qual meu carro quase virou uma abóbora.

O pneu furou a seis quilômetros de casa. Verifiquei que o estepe no porta-malas também estava furado e fiquei desesperada para encontrar uma borracharia. Andei daquele jeito mesmo até chegar a um posto. Lá, o frentista informou que o borracheiro tinha saído, mas voltaria logo. Tentei encher o pneu por conta própria, porém o rasgo era tão grande que não consegui. Eu ainda tentei ligar para casa. Perguntei se havia algum telefone disponível. Ele me informou que estavam sem comunicação devido à queda de um poste. O que me restou foi ficar trancada dentro do carro esperando o borracheiro chegar. Acabei adormecendo e despertei quando o dia estava quase clareando.

Logo que entrei em casa e vi minha mãe e Colibri me esperando, tentei explicar o que aconteceu, mas logo percebi que falar a verdade seria inútil. Eles estavam determinados a não acreditar, sobretudo minha mãe. Como sempre achei melhor acatar seus argumentos, acabei ficando calada e aceitando suas ordens e seus desmandos.

— Sonhadora desse jeito, vai fazer o café esfriar.

Preso nos meus pensamentos, apenas acenei. Não gosto de ficar sozinha com ele nem afirmar que já tenha passado dos limites comigo. No entanto, uma

coisa é certa: seus olhos não me encaram com inocência. E percebo isso desde pequena. Seu ciúme é exacerbado, e seus cuidados, desnecessários.

— Você ainda não contou o que aconteceu naquela noite. Chegou tarde... Quer dizer, cedo. Deduzo que tenha apreciado sua aventura... — Incisivo, ele tenta romper o silêncio impostando a voz. Conheço esse tom muito bem. Ele só o usa quando estamos sós. Sinto-me desconfortável, com a respiração entrecortada. Meu peito se move para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Instintivamente, levo minha mão ao cós da camiseta, para certificar-me de que estou coberta o suficiente.

— Foi legal! — Isso é tudo o que ele precisa saber. Engulo uma colherada de cereal sem mastigar.

— Você não deveria contar a verdade pelo menos para sua mãe?

— Eu contei.

— Não acha que vamos acreditar naquela história, não é? — Reagindo impaciente, ele se levanta da mesa, inquisidor.

Nessa hora, sinto-me prisioneira da verdade, dentro da minha mente. Quanto mais penso, pior fica. Minhas mãos congelam. Tenho vontade de fazer o que nunca fiz: gritar e conquistar minha liberdade.

— Se tivessem verificado meu porta-malas, não estariam ainda duvidando. — Minha voz é um pedido de socorro, assim que o percebo atrás de mim. A proximidade me faz ter medo de correr e, ao mesmo tempo, ficar parada. É uma maneira complicada de reagir.

— Um pneu furado não prova que está dizendo a verdade. O circo que você armou não condiz com a sua dramatização. — Suas mãos empalmam minha cintura. Encolho-me e arrasto a cadeira para a direita, discretamente.

Meus nervos se contraem em alerta. Sinto como se estivesse me afogando cada vez mais profundamente. Meus pés já não sentem o chão. Pulsa em mim o asco que tenho dele.

— Então... Não posso dizer mais nada.

— Não pode ou não quer?

Fico calada, tentando me manter indiferente ao seu possível insulto. Seguro fortemente o copo de iogurte, esforçando-me para não atirá-lo no rosto dele.

— Acha mesmo que o silêncio a levará a ganhar tempo para abrandar sua atitude? — Seu braço encosta no meu. O copo se torna pesado, tanto quanto o fardo que é para mim esse homem. Esvazio-o engolindo rapidamente, procurando forças em meu íntimo. Pouso o copo na mesa, em uma raiva desconhecida.

— Encontrei o Pedro naquela noite. — Sua respiração acelerada cessa, ele muda a posição de predador para presa e eu aproveito. — Ele parece cada dia mais distante. Aliás, você deveria ligar para ele e ouvir sua versão para esse caso. Agora, se me dá licença, tenho um ensaio marcado.

Aproveito o momento para me levantar. Não queria usar o Pedro como uma arma letal e impedi-lo de se aproximar mais de mim. Mas foi o único meio que encontrei de afastá-lo. Agora o vejo petrificado e com o olhar perdido. Acho que alcancei meu objetivo. Saio da cozinha e pego minha mochila, sem dizer nada a ninguém, rumo ao estúdio. Sei o quanto o filho mexe com ele. Colibri nunca aceitou o fato de o menino não ser como ele, de ser como é, o que compromete seu aspecto emocional. Também é frustrado por não ter conseguido a guarda dele. Fecho a porta com remorso. Essa foi a pior alternativa que encontrei, mas, ao mesmo tempo, a melhor opção.

Ao longo dos anos, venho trabalhando a minha ansiedade, minimizando a estatura dos monstros que me aterrorizam. Eu já fui uma menininha assustada.

Eu tinha medo de dormir. Parecia estar sempre sendo observada... Às vezes, chegava a sentir que me tocavam. A escuridão era assustadora para mim. Hoje tranco a porta do meu quarto e deixo um abajur aceso, para saber que as sombras são dos móveis e objetos, e não da suposta presença de alguém.

Foi bom vir caminhando de casa até o estúdio. No vestiário, visto o *collant* por cima da meia-calça enquanto penso como as coisas são engraçadas. Desde que comecei a fazer balé, descobri que o ato de vestir um *collant* era uma forma de o professor observar se os meus movimentos estavam corretos. Isso dava uma boa noção corporal do que eu estava trabalhando. Convivendo diariamente com meu padrasto, aquela peça de roupa acabava tendo outro significado: era a pele da ovelha inocente observada pelo lobo faminto, na minha infância e na minha adolescência. O *collant*, assim, sempre representou um conflito de sentimentos entre o prazer de dançar e o medo de ser observada e julgada por meu corpo. E agora imagino como seria se Walter me visse usando ele. Há dez dias fico lembrando a maneira como ele me olhou. Parecia ver mais do que simplesmente meu corpo, como se tocasse minha alma, e eu gostei da sensação.

Resignada, tentei ocupar todo meu tempo, a fim de distrair a esperança de receber uma ligação sua, que efetivamente não veio. No dia seguinte ao que nos conhecemos, passei praticamente o dia de olho no telefone, e desde então tem sido assim. Procurei alguns bons motivos para justificar essa ausência, mas nada me veio à mente... A não ser o fato de ele ser amigo do Pedro e, por isso, evitar uma aproximação.

Doutrinada e sempre muito regrada, suspendo o cabelo em um coque para me permitir trabalhar em linha reta o pescoço e a cabeça enquanto ensaio.

Olho-me no espelho e questiono: por que não liguei para ele? Por que tenho de seguir sempre as regras? Só porque ficou combinado que ele ligaria? O que mudaria se eu tivesse ligado? Qual a regra que eu estaria burlando? Retiro o grampo que prende as madeixas e chacoalho meu longo cabelo.

— Hoje farei diferente. Dançarei sozinha na sala do conservatório.

Há dois pares de sapatilhas dentro da mochila. Um mais antigo que me dá maior conforto e fluidez de movimentos, e outro que me foi dado pelo estúdio, para uso contínuo, a fim de ser utilizado na próxima apresentação. Rebelde, opto pelo primeiro par e caminho satisfeita até a sala. Os espelhos que a rodeiam refletem minha imagem.

Vamos ensaiar, Malu, digo, feliz por estar burlando as regras. No aparelho de som que fica no canto da sala, coloco o CD da ópera de Adolphe Adam, para ensaiar *Giselle*.

Faço uma série de exercícios até ir para a barra. Sempre fui muito disciplinada com o aquecimento antes de qualquer aula ou apresentação, para poder executar bem os movimentos e não correr riscos de distensão muscular ou qualquer outra lesão.

O alongamento acalma meus ânimos e relaxa os músculos contraídos devido ao estresse daquela manhã. Meu corpo começa a aquecer, e minha mente, a divagar. Chego a viajar nas lembranças da minha noite com Walter. Consigo corrigir o desequilíbrio e me estabilizo.

Devidamente aquecida, estendo a perna direita por toda extensão da barra, segurando a ponta dos pés para um último exercício. Debruço lentamente o tronco. Meu cabelo ganha vida e se desprende do coque, encobrendo minha visão. Cada nota musical acompanha os pensamentos e sentimentos que acolho como ferramentas em cada fase da minha vida.

Satisfeita, respiro fundo, enchendo o pulmão de ar.

— Eu sei que, se não ligasse, ganharia uma inimiga. Então, achei que uma visita surpresa anularia essa sentença. Estou certo?

Ouçõ uma voz grave e quase conhecida. Concentrada, demoro a suspender o corpo para responder. Por segundos, nossos olhos se encontram pelo espelho. Uma expressão de admiração passa por seu rosto e um sorriso se abre. Não posso deixar de pensar que, mesmo me deixando dez dias na expectativa, ele tem um charme irresistível.

— Não consigo imaginar como vocês, bailarinas, podem ter tanta flexibilidade.

Retiro a perna da barra e isso parece diverti-lo. Seu olhar se admira pelas minhas vestimentas e só então noto que estou apenas de *collant*. E o que isso tem demais? Na verdade, se contar com todos os sonhos impróprios que tive com ele, o traje seria o de menos.

Um pouco constrangida por ele estar invadindo um momento tão íntimo, solto o ar ainda preso na garganta. Afinal, ele está interrompendo um ensaio. Viro-me disposta a condenar sua presença, mas logo sinto minhas pernas enfraquecerem. Sei que qualquer bronca é impossível.

— Não lembro de ter dito onde me encontrar.

— Porque você não reconhece que um homem saudoso é capaz de rodar o mundo para encontrar uma linda mulher.

Sua imagem sedutora se reflete em todos os espelhos. Sinto o sangue fluir do cérebro para minha intimidade. É impossível ignorar as sensações que ele me provoca. Principalmente quando há instantes fantasiava dançar para ele.

Ele se veste de maneira formal. Muito charmoso, imponente, com os ombros largos alinhados, um mestre em torturar mulheres desejosas. Mas parece diferente.

— Acho que lhe devo uma explicação. Será que você tem dez minutos?

— Infelizmente não... Como pode ver, estou começando um ensaio. — Quem foi que entrou nessa sala de aula? Essa não sou eu? Quando foi que enfrentei alguém?

— Tenho a tarde livre. Posso esperar o tempo necessário. Na verdade, só preciso desses dez minutos. Quero explicar por que não liguei.

Seu olhar parece sincero. Poderia dar a ele o tempo que fosse necessário, mas assistir ao meu ensaio seria algo íntimo demais.

— Quem sabe um jantar? — Arrependo-me de sugerir o convite. Eu não posso sair com ele. Não que esteja de castigo, o que seria um absurdo para minha idade. Mas ter de explicar para minha mãe que sairia com um amigo... Isso, sim, seria um enorme transtorno. Ainda mais se Colibri se intrometesse.

— Um jantar? Eu peço dez minutos e você sugere passar mais tempo ao meu lado? Vejo que ainda temos chances de sermos amigos — verbaliza ele com sagacidade maliciosa, exibindo charmosas covinhas.

— Creio que dez minutos não sejam suficientes para conseguir me convencer com suas explicações. — Não iria me limitar a ouvir meia dúzia de palavras gentis com desculpas por não ter ligado.

Ele sorri.

— Já que acertamos de jantar, que tal me permitir ficar dez minutos aqui, observando você dançar um pouco?

A cobiça nos seus olhos me deixa em êxtase. Sempre sonhei com cenas sensuais e românticas. O que está acontecendo comigo? O desejo parece tornar-se uma obsessão e esmagar meus bons modos.

Não confio que seu interesse seja apenas em me ver dançar. Tenho certeza de que, por trás desses olhos brilhantes, existe muito mais euforia do que gentileza. Decido jogar.

— Pode ser entediante. Ensaiar passos de balé não é como dançar em um show ou em uma boate.

— Acredito nisso, mas, mesmo assim, gostaria muito de vê-la ensaiar. — Ele puxa uma banqueta e se acomoda, como um espectador. — Não sou inteiramente ignorante em balé, mocinha! Já fui a uma apresentação do Bolshoi no Teatro Municipal.

— Acho que este seria mais um motivo para que não visse meu ensaio.

Ele simula um ar perplexo.

— Discordo. Acho que será muito mais excitante vê-la ensaiar do que assistir ao mais belo espetáculo de dança do mundo.

A resposta maliciosa confirma que eu estava certa: seu interesse maior é pela minha performance. Faço uma pausa, encarando-o para abrandar o arrepio que sinto. Sinto-me desconfortável por estar usando apenas um *collant*.

— O que realmente veio fazer aqui?

— O que vim fazer...? — repete a pergunta com os olhos vidrados em mim, como se o estivesse questionando também.

Ah! De jeito nenhum vou ensaiar com Walter me olhando desse jeito. Ele me deve uma resposta. Para dançar com emoção, é necessário muito mais que armazenar passos na mente e executá-los. Preciso de concentração.

O que diabos ele faz aqui? Os olhos dele sorriem ao passear inquietos por meu corpo e, ao contrário do que sentia quando Colibri me observava vestida

de *collant*, eu gosto. Na verdade, isso não me perturba. Sinto-me desejada de uma forma delicada e simpática.

— Isso! O que veio fazer aqui?

— Sinceramente, acredita que não sei como vim parar aqui? Quer dizer, vim... — Ele faz uma pausa, reflexivo. — Estava almoçando do outro lado da rua quando você passou e entrou aqui. Mas explico isso depois do seu ensaio.

— Ele olha para o relógio depois para mim. — Quanto tempo dura seu ensaio?

— Geralmente a tarde toda, quando não o dia inteiro.

— Então comece, porque tive outra ideia. Não vou ficar mais os dez minutos que pedi.

— Não?

— Não! Ficarei o tempo todo.

As coisas poderiam ficar piores? O que ele quer dizer com isso?

— Mas... não é assim! Você não pode simplesmente resolver assistir ao meu ensaio todo e pronto.

— Esse era um assunto para mais tarde, mas vou antecipar. Sou muito teimoso e, quando tomo uma decisão, não mudo de ideia. Quero levá-la para conhecer um lugar antes de jantarmos. Quem sabe você também não aprecia um pouco da minha arte.

— Não vou mais ensaiar. — Agacho-me para desligar o som.

— Por favor... — replica ele. — Não interrompa o que tem de fazer por causa de mim. — Seus olhos brilham.

— Não sei se consigo.

— Claro que consegue. Esqueça que estou aqui.

Como poderia, se todas as partes do meu corpo ficam excitadas com sua presença?

— Promete não reparar nos meus erros?

— Focarei só os acertos. — Seus olhos voltam a brilhar, maliciosos e cheios de promessas.

Obviamente, só no que achar certo. Algo dentro de mim diz que não há problema em querer experimentar essa sensação libidinosa de ser observada e desejada. Só não sei se conseguirei ser sedutora quando errar, nem se me concentrarei na coreografia seguinte.

Admito que não há mal algum que ele fique me observando. Ou há? Vejo que percebe minha hesitação.

— É tão ruim assim ser admirada? Aplaudida?

Sem responder, volto à posição inicial com *croisé*, um cruzado de pernas em relação a ele. Resolvo tomá-lo como meu ponto um, o *devant*, a plateia. Respiro fundo e espero ressoar os primeiros acordes do balé de Adam, que acabo de colocar. Tento inibir minha timidez e me concentrar, vendo-o como um mero espectador. Quando soube que nosso grupo dançaria *Giselle*, fiquei emocionada. Afinal, foi depois de assistir a um vídeo desse balé que me apaixonei pela arte. Porém, quando me designaram para o papel principal, não hesitei em me empenhar à exaustão, fazendo jus à confiança depositada em mim.

Diferentemente de todas as minhas apresentações para professores e diante do público, dessa vez meu coração pulsa fortemente, parecendo querer saltar de dentro do peito. Um arrepio resfria minha barriga, sinto uma mistura adrenalínica de emoção, excitação e ansiedade. Minhas mãos transpiram, e o

nervosismo de uma adolescente apaixonada cresce dentro de mim. Entrego-me à coreografia, conectando-me às emoções da minha personagem.

Com a fluidez do meu corpo e dos movimentos, vejo-me idealizada, etérea, inacessível e inalcançável pelo que sei fazer: dançar!

No enredo do primeiro ato, a aldeã Giselle está apaixonada por Albrecht, um nobre disfarçado de camponês, mas, em uma festa da colheita, descobre que seu grande amor mentiu para ela sobre sua condição social. Sua descoberta a deixa inconsolável e ela morre. Ajustando-me a cada movimento, imponho toda a emoção, compondo uma linda cena lírica. Encerro o primeiro ato sem erros e o encaro, orgulhosa e extasiada por toda a minha entrega.

Sua admiração se traduz nos olhos marejados.

Seria o Walter o meu nobre disfarçado?

— Bravo! — Ele aplaude, assim que a música dá uma pausa.

A coreografia que estou ensaiando é mínima perto da extensão da obra. Venho me dedicando com afinco a todas as cenas que me cabem.

Ansiosa e feliz, dou início ao segundo ato.

Nele, transmito em meus passos o amor eterno de Giselle a Albrecht e a felicidade de receber a visita dele todas as noites ao seu túmulo. Em uma dessas, Giselle o salva dos espíritos espectrais *willis*, os terríveis fantasmas vampíricos de noivas que morrem antes do casamento. De acordo com a lenda, sempre que um homem se aproxima dos túmulos de suas amadas, as *willis* lançam um feitiço que os obriga a dançar até a morte. Giselle assume o lugar de Albrecht, impedindo que ele chegue à exaustão e, assim, quebrando o encanto das *willis*. Por fim, ela o perdoa. Entrego-me de corpo e alma, transmitindo em cada gesto o amor que Giselle sentiu. No entanto, não há representação quando o desejo aflora dentro de mim, sabendo que Walter

observa cada movimento. Desnudo-me para ele através da dança. Uma explosão de sentimentos parece nos ligar. Ele se transforma no meu ponto cego e danço somente para ele. Em cada passo, há promessa, desejo e honestidade.

Sinto-me exausta, com dores nas pontas dos pés. Encerro o ensaio e novamente vejo meu espectador me olhar fascinado.

Nem minha mãe, que sempre foi admiradora de balé, pareceu tão orgulhosa. Seu sorriso é amplo e enche meu peito de alegria.

— Bravo! Você é brilhante! — Em um piscar de olhos, ele está ao meu lado me entregando a toalha.

— Obrigada.

— Acredita que uma mulher poderia se suicidar por descobrir uma mentira do seu amado?

— Você conhece a história de Giselle?

— Sem querer, li rapidamente algo no seu caderno de anotações.

Vejo que o deixei em cima da banquetta onde ele estava sentado. Nem percebi que o lia.

— Respondendo à sua pergunta, no meu caso, eu não o perdoaria. Tirar minha vida? Isso nunca.

Por um momento louco, imagino que Walter possa estar se referindo a ele.

— Precisa ensaiar mais? Achei tudo perfeito.

Carinhosamente, ele toca meu braço. Tento reprimir um arrepio repentino que sinto. Imagino-o fazendo aqueles carinhos em partes mais íntimas... O que é isso, Malu? Até hoje, não tive relações íntimas com nenhum homem e, agora, quando o vejo, fantasio que está me tocando.

— Se não estivesse aqui, repassaria a coreografia mais algumas vezes. — A intenção é mostrar indiferença ao seu toque, mas minha voz falha.

— Isso significa que acabou por hoje? — Ele parece entusiasmado.

— Significa que estou curiosa para conhecer a sua arte.

Ruborizo assim que termino de falar. Preciso aprender a controlar minha ansiedade quando estou perto dele.

— Estou perdido! — Ele faz uma pausa e leva a mão ao coração — Quer mesmo fazer isso?

— Por que não?

— Porque, depois da sua apresentação, minha arte se tornou insignificante.

Será que ele se arrependeu do convite que fez?

— Nenhuma arte é insignificante quando feita com amor.

— O que mais você faz com amor?

Seu tom não é nada sarcástico, muito pelo contrário. Ele parece curioso e afável. Tenho vontade de dizer que, se me levasse para a cama, faríamos sexo até a exaustão. É desconcertante que possa me sentir a salvo ao lado dele, quando praticamente tudo o que ele fala parece ameaçar minhas boas maneiras.

— Tudo o que me proponho fazer — digo baixinho, sentindo sua respiração quente próxima do meu ouvido.

— E o que quer fazer? — Seus olhos caem para meus lábios. Ele é tão libertino, tão sensual... Tem encantos arrebatadores.

Seu constante questionamento parece me desconcertar. Minha razão sinaliza para eu cortá-lo antes que não aguento mais suas provocações e voe para seus braços para sentir novamente o sabor dos seus lábios.

— Espera eu tomar uma ducha?

Pergunto mais para mim do que para ele. Com exceção do carinho que fez no meu braço, ele não me toca, porém sinto meu corpo em brasas, como se ele tivesse colocado fogo em cada parte de mim.

— Claro! — Afasto-me dele, juntando minhas coisas. — Eu a vi chegando a pé. Então.... — Ele parece receoso. —...será que posso ser seu motorista?

— Nem pensei na hipótese de dirigir hoje. — Pisco, deixando-o sozinho.



Capítulo 5

Nunca imaginei que assistir a um simples ensaio pudesse causar tantos sentimentos. Por um lado, imaginava-a perdida nos meus braços; nossos corpos nus entrelaçados. Por outro, não foi apenas um treino. Ela foi brilhante... Parecia que, assim como a personagem, ela não sobreviveria a uma mentira.

Meu peito apertou em remorso. Fui ali para lhe contar uma mentira, omitir o real motivo por não ter ligado. Deveria dizer a verdade, que não liguei por que me assustei? Que fiquei pensando nela durante toda a semana? Que belo covarde eu estava me saindo...

Os segundos correm, e mantenho meu olhar fixo à porta do vestiário, por onde ela sairá em alguns instantes. Não vou e não posso mentir! Direi a verdade... Admito o remorso que aperta meu peito, mas ser culpado de uma mentira, isso nunca. Se for para tê-la mais uma vez, devo ser autêntico.

Por que eu tive que almoçar com os mexicanos justo no restaurante que fica em frente ao seu estúdio de dança? Mas, também, como eu saberia? Nem falei nada com Pedro para evitar que perguntasse sobre ela. Desde o momento que a vi, fiquei inquieto. A desculpa de que houve um imprevisto foi a melhor opção que encontrei naquele momento. Estava com a ideia fixa de falar com ela, nem que fosse por apenas mais uma vez.

Estávamos tratando dos detalhes para minha transferência para o México. Eles diziam o quanto estavam ansiosos e satisfeitos com os prováveis

resultados que eu poderia oferecer à sucursal, graças às minhas recentes experiências adquiridas. Na verdade, o almoço já tinha terminado...

Putz! Levo a mão à cabeça ao me lembrar dos convidados. Os executivos mexicanos... Eu deveria estar com eles agora, e não aqui. Mas não tinha obrigação de acompanhá-los a nenhum outro compromisso, não é mesmo? Tento me convencer.

Sim, eu deveria passar o dia com eles, repreendo-me. Mas como podia fazer isso se os meus pensamentos só me diziam para procurá-la ali no estúdio? Eu não diria nada coerente, pois minha mente divagava.

E a história de eu também ser um artista, para conseguir ficar mais tempo ao seu lado? O que vou dizer para ela?

— Demorei?

Vejo-a parada na porta, observando-me, e meus pensamentos somem. Linda! O vestido jovial floral lhe confere um ar inocente, ao contrário da blusa decotada que me hipnotizou na noite em que nos conhecemos, mas mantém sua sensualidade. Ainda mais quando sei que a roupa folgada cobre o seu corpo delicioso, cheios de curvas, que tive o prazer de apreciar há minutos, embalado pela dança.

— Estava imaginando que tinha fugido por outra porta. — Brinco, tentando disfarçar o constrangimento da enrascada em que me meti, enquanto o cérebro grita, tentando pensar em algo rápido.

— Não sou tão vingativa assim. Uma semana aí parado não seria legal.

Ela sequer força uma risada. Preciso inventar qualquer coisa. Tenho muitas respostas para dar a ela e até o momento não sei nem ao menos para onde posso levá-la.

— Vamos? — Ela assente e eu me complico ainda mais. Vamos para onde? Meu carro ainda está estacionado na frente do estúdio, o que parece um bom assunto para começar. — É só atravessarmos a rua.

Saímos dali sem dizer muita coisa. Ela parece tentar se convencer de que tomou a atitude certa ao me acompanhar, e eu aproveito para ganhar tempo e pensar em algo.

Parados na calçada, esperamos que o fluxo do trânsito dê uma brecha para podermos atravessar. Instintivamente, ela segura na minha mão para chegarmos ao outro lado.

O contato poderia me imobilizar por um longo tempo. Ficaria apenas absorvendo o prazer surpreendente de sentir sua pele macia sobre os meus dedos. Acho que nunca segurei na mão de nenhuma mulher desse jeito. Uma atitude inocente, mas é bom tê-la assim sob a minha proteção.

— Você estava mesmo almoçando na frente do estúdio. — Caminhando lado a lado, de mãos dadas, fico aliviado com sua contestação.

— Sim, estava acertando detalhes de uma das sucursais em que trabalho. — E só. Como é que vou dizer, logo de cara, que estou indo embora, morar no México?

— Você deve ser muito ocupado.

— Essa semana foi intensa. Reuniões atrás de reuniões. — Quase dou pulinhos de vitória. O mundo realmente está conspirando a meu favor. Consegue entender por que não liguei?

Ela abaixa a cabeça. Não parece muito convencida da minha explicação e eu me sinto um poço de contradições. Disse a mim mesmo que não mentiria, porém essa parece ser a melhor opção.

Passos lentos me transmitem a possibilidade de ter um bom tempo ao seu lado, como os namorados fazem. Seu aroma adocicado me faz querer ser um animal irracional, totalmente sem juízo, e lambê-la da cabeça aos pés.

— Você se importa de ir até a minha casa, conhecer o meu lado artista?

Na verdade, só a quero perto de mim. Tenho vontade de puxá-la, abraçá-la até que perca as forças e se renda.

— Você mora sozinho?

— Moro com meus pais.

— Eles não se importam de receber suas amigas?

Sair do bar com ela aquela noite parecia algo arriscado. Não me contentaria apenas com alguns beijos e abraços. A química sexual era tão grande que talvez acabássemos enrolados entre lençóis. No entanto, imaginá-la em minha casa, sob as minhas garras predatórias, dá uma perspectiva melhor a tudo.

— Eles estão viajando — digo a verdade, esperando sua decisão.

Indico meu carro, parando ao lado da porta do passageiro. Eu deveria manter distância dela, mas meu corpo não pensa assim. Ignoro minha cautela atraído pelo seu olhar. Não importa o que aconteça depois, já estamos aqui e não conseguimos resistir um ao outro.

— Então, acho que seria uma boa opção você me levar para conhecer sua casa.

Nada na voz dela indica que aquela é a resposta que queria dar. Ela parece pronta, porém um pouquinho hesitante.

— O único intuito de levá-la à minha casa é para que conheça minha arte. Se a assusta ficarmos sozinhos, podemos ir para outro lugar. — Avanço um passo em sua direção e ela recua, encostando no carro.

Não quero compromissos, mas isso não significa que vivo em celibato. Minha vida sexual é extremamente ativa. Sei que ela é irmã de um amigo e tenho por lema respeitar seus entes queridos. Acontece que ela despertou algo desconhecido dentro de mim, e sinto que também está interessada em descobrir o que é. Noto pela sua respiração descompassada quando ponho minhas mãos na lataria do carro, perto de seu corpo. Ela se encolhe e, ao mesmo tempo, entrega-se suavemente contra mim. Sua boca entreabre-se com o hálito quente e os olhos se fecham, esperando que eu a beije. É tentador seguir em frente. Mas me contenho ao perceber que ela também trava uma briga interna com os seus desejos.

Torço para que ela queira ir para outro lugar ou terei de me controlar além do que imagino suportar. Pior ainda será explicar que minha arte não passa de um passatempo que se transformou em um hobby.

— Você me convidou para conhecer esse seu lado. Então vamos em frente.

Gosto do jeito dela de não deixar nada no ar. Tenho certeza de que, se sugerisse ir para qualquer outro lugar, um museu ou o Teatro Municipal, ela concordaria. E algo me diz que, mesmo que ache minha arte bizarra, será prazeroso para ela conhecê-la.

Cresci vendo meus pais ouvirem fitas cassetes e dançarem juntinhos, com lembranças da história saudosista dos dois. Não queria que isso acabasse e, vendo que algumas delas começavam a enroscar no velho toca-fitas, decidi digitalizá-las em CD. Um prazer insuspeito que me despertou paixão por mixagem. Fiz alguns cursos de DJ, apenas como hobby, nada para usar profissionalmente. O resultado acabou se tornando o meu lazer preferido.

Decido arriscar, ainda tentando convencê-la indiretamente a escolher outro lugar, pressionando um pouco meu corpo ao seu.

Seu cabelo negro espalhado pelos ombros parece uma cortina e enfatiza sua beleza. O preto da sua íris me atrai de maneira exótica. Seus lábios devidamente delineados tremem de nervosismo. Ou seriam de excitação?

— E se eu disser que eu menti? Que não existe arte nenhuma?

— Direi que está com vergonha de me mostrar o que sabe fazer.

O jeito como enfatiza sua curiosa determinação me dá esperanças. Só consigo pensar nos seus seios nus encostando no meu peito, em sua respiração profunda, ela sentada no meu colo cavalgando, enquanto os tenho em minha boca, sorvendo sua carne macia.

— E o que acha que sei fazer?

Suas bochechas levemente ruborizadas respondem em silêncio. Ela passa a língua úmida pelos lábios. Tudo me remete ao erotismo, mesmo sendo um simples gesto de nervosismo seu. Se fosse qualquer outra mulher, não hesitaria seguir em frente, até convencê-la a deixar-me levantar seu vestido e a tomar ali mesmo. Debruçaria seu corpo em brasa no capô do carro e só pararia de estocar fundo nela quando ambos estivéssemos saciados, porém sei que com ela preciso ter limites e contenho-me.

— Não sei.

— Ainda dá tempo de não querer saber.

Sei que, para ela, não faz muito sentido eu tentar argumentar alguma coisa, mas, para mim, faz. Por que não sei se serei capaz de apenas mostrar para ela meu passatempo preferido sem tentar tê-la nos meus braços.

— Se é arte, por que não iria querer saber?

— Eu quero beijar você. — Seus olhos se arregalam. Abarco sua cintura e a puxo mais próximo. — Você me faz querer ser tão certo e errado ao mesmo tempo...

Ela amolece e meus lábios encontram os seus. Céus! Como eu gosto do seu sabor. Languidamente, nossas línguas se entrelaçam. Ela inclina a cabeça para se moldar como a quero, facilitando que eu envolva minha mão no seu pescoço. Não há frenesi ou loucura... Apenas matamos uma saudade que me dilacerou por toda a semana.

— Senti falta dos seus lábios. — Seguro seu rosto entre minhas mãos. — Começo a compreender que minha arte tem uma ligação muito especial com a sua.



Capítulo 6

Assim que o portão automático se fechou, perguntei-me se tinha sido uma boa opção aceitar o seu convite. A insegurança que me dominou por alguns instantes logo se dissipou, já que Walter mostrou-se um anfitrião perfeito e completo cavalheiro assim que chegamos à porta da sua casa.

— Está achando que vou me aproveitar de você? — Ele me olha sorrindo. — Não faremos nada que você não queira.

— Está tudo bem. — Pisco para ele, que desce do carro e vem abrir a porta para mim.

— Malu, ficarmos sozinhos não significa que tem de acontecer algo. Você já disse que está tudo bem. Mas seus olhos dizem que você não está se sentindo confortável.

— Impressão sua. — Dou a mão para ele e desço do carro. A bem da verdade, estou apavorada.

Ele mora em um daqueles casarões antigos, reformados para dar um ar mais contemporâneo, localizado em um lugar privilegiado no Alto de Pinheiros. Pelas fotos que vi espalhadas pela sala, pude ver que sua família parece ser bem unida e feliz. De excelente humor, ele contou partes engraçadas de algumas das suas viagens. Mas a estranha inquietude de querer saber logo qual era a arte que ele praticava me deixava ansiosa. Walter percebeu isso e se divertiu com a situação, transformando-a em um dos motes de suas brincadeiras. Depois de um tempo, ele me conduziu até o jardim.

Sentada no gramado que cerca a casa, fico admirando a vista do bairro arborizado, enquanto ele pega um refresco para nós. Os esbarrões acidentais na área de lazer da casa alteraram o clima. Senti que a alternativa de respirar um ar fresco foi uma boa desculpa que ele deu para esperarmos os ânimos exaltados se arrefecerem.

— Quando estou em casa, gosto de ficar sentado aqui ao final da tarde.

Uma leve brisa e a bela visão dele parado ao meu lado completam o cenário. No lugar do homem engravatado que me trouxe até aqui, vejo um rapaz de bermuda bege e camiseta branca. Ele não tem o porte atlético de um fisiculturista, mas, ainda assim, seu corpo é perfeito, com ombros largos devidamente marcados pela malha que os encobrem.

— Aqui é tão quieto, tão sossegado... Nem parece que estamos em São Paulo, com todo o agito dessa metrópole.

— A casa era dos meus avós. — Ele senta ao meu lado e me entrega um copo de suco. Aceito com um sorriso. — Quando eles morreram, meu pai fez questão de ficar com ela.

— Deve ter sido bom brincar nesse gramado, livre, ter tido contato com a terra.

Lembrar, nem que seja por um instante, de minha infância fechada entre quatro paredes estudando, ou dentro de salas de aulas de balé, onde minha mãe fazia questão de me matricular em mais de um curso de dança, me deixa um pouco melancólica. Eu praticamente não tinha hora para brincar.

Acho que por isso me afeiçoei tanto a Pedro. Ele era mais novo, porém, ao seu lado, me sentia criança, feliz. Aproveitava nossos breves momentos para correr, brincar de esconde-esconde e até de carrinho às vezes.

— Sou filho único, mas nunca estava sozinho. Nos fins de semana, meus avós reuniam toda a família e os amigos. Tenho boas histórias aqui. A casa sempre estava cheia — conta, e eu o fico observando. Como ele deve ter sido uma criança feliz! — E você, como foi sua infância?

Minhas pernas estendidas na grama se dobram e eu passo os braços em torno dos joelhos em sinal de proteção, como se tivesse vergonha de admitir em voz alta que não fui uma criança convencional. Que vivia reclusa no meu quarto para evitar os olhares intimidadores do homem que vivia com a minha mãe.

— Sempre fui muito doutrinada à dança. — Escolho uma boa resposta.

— Não foi isso que eu perguntei. — Olho para ele e o vejo com a sobrancelha erguida. — Vamos lá, Malu, você não vivia dentro de estúdios o tempo todo, né? — Seu ombro toca o meu em um leve empurrão, incentivando-me a falar mais.

Hesito. Talvez eu devesse inventar uma história qualquer para não ver compaixão nos seus olhos. Mas, diante da sua honestidade, resolvo ser sincera.

— Praticamente. — Limito-me a responder.

Walter franze a testa, demonstrando não estar satisfeito com a minha resposta. Não quero e não vou dizer para ele que preferia ficar dentro do estúdio do que transitando pela minha casa aos olhos de Colibri, que pareciam tirar as medidas do meu corpo a cada ano que eu crescia.

— E seu lance com o Pedro? — pergunta ele, sem rodeios. Penso por instantes sobre como falar a nosso respeito.

— Ele é filho do meu padrasto.

— Devo presumir que isso significa que ele não gosta de você por causa dos seus pais?

Reviro os olhos, consciente de que não posso ser evasiva.

— Não é tão simples nem tão complicado quanto parece. Só que meus pais não foram legais com a mãe dele e, no fundo, posso entender toda a sua revolta.

— Ainda assim, ele não pode culpá-la. — Walter levanta a mão e tira uma mecha do cabelo que me encobre parcialmente o rosto.

— Não! Mas o entendo. Não deve estar sendo fácil para ele viver sozinho.

— Ele é um menino ajuizado. Vai sobreviver e vencer. — Visivelmente consolador, ele me olha e sorri.

— Tenho certeza disso.

— Nunca falamos muito a fundo sobre o pai do seu irmão. Aliás, eu nem sabia da existência dele até conhecer você.

— Colibri não é alguém que mereça ser citado, realmente. — Fico admirada por admitir isso pela primeira vez em voz alta.

— Mas é o pai dele! Deveria estar mais presente na vida do Pedro.

— Você falou bem. Deveria... Mas ele é egoísta demais para tanta grandeza.
— Coloco o copo ao meu lado e tento me levantar. Talvez ele se anime também e mudemos de assunto.

Ele segura meu braço, detendo-me.

— Não precisamos falar sobre isso se você não quiser.

— Não tenho problemas em falar sobre isso.

— Só perguntei sobre a sua relação com o Pedro porque não entendi a reação de vocês dois.

— Sei que não foi algo comum. Eu acabei indo até vocês e cheguei interrogando o Pedro antes mesmo de cumprimentá-lo.

— Pode ser. Você não se sente culpada por nada, não é?

— Não sou a pessoa mais afetada nessa história toda. — Corrijo-o e ele presta atenção em cada palavra que digo. Resolvo contar como tudo começou, em voz alta, para que até eu ouça toda a história. — Quando eu tinha quatro anos, minha mãe resolveu fugir do meu pai. Pelo que conta, ele era muito desajuizado. Sempre nos colocava em situações de risco. Ela queria sumir da vida dele. Por isso, mudou nossos nomes e procurou abrigo na casa da Adriana, mãe do Pedro. Na época, era a melhor rota de fuga e, como eram primas distantes, meu pai jamais saberia seu destino.

A mãe do Pedro nos acolheu com muito carinho. Ela era muito alegre, mesmo na sua condição de cadeirante, e estava grávida. Era o plano perfeito para elas se ajudarem. Minha mãe tendo um teto para morar e a Adriana dispondo da ajuda da minha mãe.

Acontece que minha mãe acabou se envolvendo com o Colibri, namorado da Adriana e pai do Pedro. Eles se relacionavam na casa da Adriana, até que ela descobriu a traição. O resto foi consequência... Uma traição puxou a outra. Colibri nos levou para morar com ele e abandonou Adriana, prestes a ter o filho. — Respiro fundo com a vaga lembrança da tristeza que vi nos olhos dela quando fui me despedir. Perguntei se ela estava chorando e Adriana disse que estava com uma gripe que logo passaria.

—Quando Pedro nasceu, eu fazia de tudo para acompanhar o seu pai e poder ficar perto dele. Suas visitas à minha casa eram muito esporádicas, devido aos conflitos e tormentos que Colibri causava à mãe do Pedro. Na época,

eu não entendia direito, só fui compreendendo tudo o que acontecia na medida em que os anos passavam. Conforme Pedro foi crescendo, seu pai foi ficando mais intolerante com ele. Muitas vezes fazia comparações descabidas entre nós dois.

— Por quê? — Ele me olha confuso.

— Colibri queria transferir seu fracasso como homem e pai ao Pedro. Jogava na cara do menino qualquer coisa que fizesse fora dos padrões do que ele considerasse normal para uma criança.

— Que cruel!

— Muito.

— E a sua mãe? — Noto uma certa reprovação em seus olhos.

Fico em silêncio por instantes refletindo, um pouco melancólica. Sobre ela, prefiro não falar. Teria de entrar em questões delicadas, como o ciúme exacerbado que ela sentia de mim quando ficava perto do Colibri e sua dedicação em me matricular em todos os cursos de dança possíveis para que eu ficasse fora de casa pelo máximo de tempo.

— Ela não tinha muito o que fazer. Ele sempre foi um marido muito atencioso e, como já sabe, ela também não tinha muito contato com o Pedro.

— Vocês são próximas?

Hesito, mais uma vez.

— Seu dia a dia é uma loucura. Ela sempre acompanhou meus ensaios. É muito preocupada com tudo o que faço, uma ótima mãe. — Esse detalhe é puro exagero, porque sei que ela me questiona sobre tudo por ordens do Colibri. Por ela, tenho certeza de que poderia fazer o que eu quero, quando quero e com quem quero. Mas as coisas em casa não funcionam bem assim.

— Devo tomar nota que tenho de enviar bombons e flores à sua mãe? — Ele acaricia meu cabelo.

Sorrio para ele. No fundo, ela torce tanto para que eu arrume um namorado que seria bem capaz de encher Walter de presentes para conquistá-lo.

— Creio não ser preciso — acrescento às pressas. Não quero que Walter conheça minha mãe por enquanto. Muito menos Colibri, pois ele faria de tudo para assustá-lo. Tento finalizar o assunto. Acredito que, para um início de amizade, ele já sabe o bastante. — Essa é minha história com o Pedro.

— No fundo, acho que vocês dois são totalmente inocentes nessa história toda, mas vamos esquecer isso um pouquinho. Vem! Quero te mostrar uma coisa. — Ele levanta em um piscar de olhos e estende a mão para mim.

O contato físico causa um choque elétrico. Na verdade, isso acontece toda vez que ele me toca. Arrepios correm pela minha pele.

— Resolveu me mostrar a sua tão misteriosa arte?

— Ainda não. — Ele sorri. A ideia de segui-lo forma uma estranha combinação de nervosismo, euforia e uma sensível possibilidade de felicidade.

— O que está fazendo? — pergunto sorrindo, sentindo-me como uma adolescente, acompanhando-o a passos largos entre as palmeiras que rodeiam a casa, até chegar nos fundos.

— Tentando tirar essa carinha triste dos seus olhos. Menina perdida, considere-me seu Peter Pan e venha para a minha Terra do Nunca.

Não poderia ser diferente... A casa tem uma linda área verde. Quando ele me mostrou o amplo salão de jogos, próximo da garagem, pensei que já tinha visto praticamente tudo. Mas não... Claro que tinha de ter uma piscina, enorme e

linda! Seu olhar é enigmático. Ele me encara parecendo pensar na hipótese de me jogar nela. Rá! Não mesmo! Ele achava que eu ia entrar?

— Sua Terra do Nunca não é submersa, é?

— Ela fez parte. — Walter para de repente e me olha. Seu sorriso parece travesso e, ao mesmo tempo, indecifrável... — Não desconfia do que eu mais gostava de fazer.

— O quê?

— Você é muito desconfiada, mocinha.

Ele para ao meu lado e faz o meu coração acelerar. Então, determinado, Walter me vira de frente para ele. Em um piscar de olhos, estou pronta para concordar com tudo.

Seu cabelo não está mais alinhado como antes. Sua respiração é ofegante como a minha. Seus incríveis olhos azuis me analisam.

Tão forte! Meu braço encosta no seu e posso sentir o quão sólido é. Encolho-me instintivamente quando ele me abraça com mais força. Sinto-me ser esmagada e, ao mesmo tempo, estar protegida.

— Essa semana pensei tanto em você...

Tenho vontade de dizer que eu também pensei muito nele, mas a proximidade me impede de ser corajosa. Quero apenas sentir o desejo crescente dentro de mim, ouvi-lo falar e me fundir a ele. Mergulhar no calor do seu corpo. Não importa se ele vai desaparecer novamente ou não.

— O que estou sentindo por você pode ser tão errado... — Acuada, sinto seus lábios perto dos meus. — Tenho uma montanha de bons motivos para não fazer o que quero... Acontece que beijar você é o que mais desejo nesse instante.

E então ele me beija, me aperta e parece que não vai me largar mais.

Ainda não consigo raciocinar direito sobre o que ele acaba de me dizer. Como eu posso ser errada para ele? Suas palavras sinceras me deixam chocada. Esperava ouvir dele qualquer coisa, menos isso.

Ele me beija tão carinhosa e lascivamente ao mesmo tempo... Entrego-me ao momento, esquecendo-me de pensar. Sua língua explora a minha boca com sabor, atacando os meus sentidos. O misto da combinação agradável e desagradável do desconhecido. Protetor e, ao mesmo tempo, libertino. O beijo se alonga, se intensifica. Sua língua investe na minha com malícia.

Os beijos que dei no passado não foram memoráveis como este. Todo meu senso de preservação e contenção se esvai quando estou em seus braços. Ele toca o céu da minha boca, ousado, ardente... Tão bom... Não importa que eu possa ser errada para ele; retribuo, segurando-o com as pontas dos dedos, cravando as unhas nos músculos das suas costas, todo meu desejo por ele vindo à tona. Walter me pega pelos cotovelos e me encosta na parede gelada e dura.

— Malu... — sussurra entre nossos lábios colados. — Não consigo pensar direito quando estou ao seu lado...

Não tenho certeza se é um aviso ou uma aprovação. Pouco sei dele e, para mim, agora, pouco importa. Porque é a primeira vez que quero realmente me libertar. Deixar de me reprimir a um desejo. Quero deixar de ser inocente e me tornar perversa somente para ele.

Recuperando o fôlego e gemendo contra meus lábios, Walter afasta sua boca da minha e a leva próxima ao meu ouvido.

— Vamos esquecer a Terra do Nunca. Vem comigo. Vou mostrar minha arte.

— Esquecer? — O que é esse homem? Eu quero ir para essa Terra do Nunca e nunca mais voltar. Será que ele quer testar meu autocontrole, para me provar que sou realmente errada?

Seu pedido é estranho e, por segundos, sinto-me envergonhada por ser tão liberal e me entregar a ele. Não precisava daquela interrupção. Eu queria apenas continuar beijando-o.

— Que carinha é essa? Não quero que esqueça nada, Malu. Estou apenas resguardando-a de ser tomada por mim ao ar livre, dura e cruamente. — Ele encosta sua virilha à minha e toda a sua virilidade ereta prensa a minha pelve. — Quando disse que sentir o que sinto por você parece errado, é porque você é certa demais para tudo em que estou pensando.

Ele me dá um beijo casto em meus lábios, que ainda formigam, como se quisesse me convencer de que nada do que estou pensando realmente é.

— Não consigo entender você. — Meus dedos se contorcem dentro dos sapatos, porque sua linguagem corporal me diz muito. Ele parece registrar minhas dúvidas, apertando mais seus braços em volta do meu corpo.

— Ficaria surpresa se eu dissesse a você o quanto a quero. — Aí é que ele se engana. Não ficaria nada surpresa, pois nesse momento o que mais queria era sentir sua força, sua dureza, seu calor. Queria tudo. Queria me esquecer de tudo.

Estaria ele se fazendo de bom moço apenas para me levar à sua cama? Puxo o ar com força para argumentar que sou adulta o suficiente para saber o que quero. Ele não descansa e o tempo todo fica beijando, indo do meu rosto até a lateral do meu pescoço, como se não tivesse o bastante de mim.

Não tenho forças para dizer nada além de sentir suas carícias nas minhas costas, que descem até a curva das minhas nádegas e voltam.

Seus lábios quentes na minha pele fazem as dúvidas se distanciarem e perderem o sentido. Pressionando o rosto nos seus lábios, fico pensando que, por mais esclarecimentos que tenhamos a acertar, certamente estar nos braços dele é o melhor.

— Vamos? — Ele sugere querer entrar, mas suas atitudes parecem indicar o contrário. Sua indisfarçável ereção pressiona minha intimidade.

— Vamos.



Capítulo 7

Nada do que vi até agora se compara ao lindo ambiente revestido com placas diagonais para acústica, repleto de aparelhos e CDs espalhados pela estante da sala. O espaço lembra um salão de baile futurista, todo brilhante.

Conduzida pela mão firme de Walter, fomos da área da piscina até o local, passando por vários cômodos, sem dizer nada. Cheia de expectativa, olho para ele, ansiosa para saber o que ele quer me mostrar. Ele me dá um beijo inocente e sinaliza para eu me sentar, indo até uma mesa de som.

— Está confortável? — pergunta, enquanto coloca os fones de ouvido em descanso no pescoço.

— Essa poltrona parece me abraçar.

— Não diga isso. Posso desistir de mostrar a você meu hobby e me juntar a vocês.

A ideia seria perfeita, porém a curiosidade é maior.

— Talvez, se você se sair bem, eu arrume um espaço para você ao meu lado.

— Está me desafiando, Malu?

— Apenas tentando descobrir o quanto é bom na sua arte.

Testando, ele solta a primeira mixagem de uma música que demoro alguns segundos para reconhecer.

— Quando era novo, gostava de ver meus pais dançando. Eles eram verdadeiros pés de valsa. — Vejo admiração em seus olhos ao falar dos pais. — Havia muitas músicas antigas que eles gostavam de dançar, mas a maioria não tocava mais no toca-fitas que tinham.

Presto atenção em tudo o que ele diz enquanto separa alguns CDs nas estantes. Ele conta que catalogou tudo conforme a época, cantores e bandas e, em vários deles, fez seleções que despertaram a nostalgia dos pais.

— Você nunca quis trabalhar como DJ? — pergunto fascinada em ver sua desenvoltura com os eletrônicos.

— É só um hobby. Sempre fui fascinado por siderurgia e hoje faço o que gosto. Preparada? Essa é a primeira seleção que fiz.

Aceno com a cabeça, ansiosa. Ele sorri e coloca o fone de ouvido, como um maestro em frente à sua orquestra, que, nesse caso, são as *pickups*.

Uma seleção de músicas dos anos 1970 começa a ressoar. Ele é brilhante e desenvolto atrás da parafernália de eletrônicos. O som que sai das caixas explode em altura, enquanto as melodias vão se alternando sem que haja quebra de ritmo. São músicas dançantes, da época das grandes discotecas. Quando disse que seus pais gostavam de dançar, logo imaginei que ouviria um bolero ou um tango. No entanto, entendo e aprecio demais o gosto musical deles. Eles devem formar um casal muito ativo e bem animado.

Concentrado, ele mixa uma música a outra. É vibrante... Tenho vontade de levantar e dançar. Não tem como não se contagiar. Decido-me, por fim... Cansei de me sabotar. Quero ser livre, sensual, e atrair, sim, um olhar ousado e cheio de promessas pelo que eu sou.

— Pensei que ficaria sentada apenas me observando. Essa seleção vai para você.

Ele olha para mim, carismático, e entra no clima alternando as músicas, tocando diretamente para mim, conquistando cada balanço meu. Deixo-me levar e danço, encarando-o.

She drives me crazy, do Fine Young Cannibals, começa a tocar e eu me animo mais ao ritmo ao sentir seu olhar me acariciar, quente e excitante. Um amplo sorriso se dissemina no seu rosto e eu me entrego.

Walter

Meus dedos mal se movem nos CDs. Tão fascinado, fico olhando-a tão livre e feliz a dançar. Esfrego a mão na têmpora, exigindo um pouco de autocontrole, para não deixar a música rolando e me juntar a ela na dança.

Relutante, intercalo meus olhos entre ela e as *pickups*, como em um jogo de xadrez, tentando mover a peça certa para não errar a jogada. Se fizer isso, acabarei levando um xeque-mate dessa rainha, oponente fraco que sou, hipnotizado por sua beleza e sua magia.

Diferente do que aconteceu mais cedo, ela não segue a ordens dos passos. Ainda assim, movimenta-se de forma única, deixando-se conduzir pela música.

Mudo a música com a intenção de ver até onde ela vai. Escolho um ritmo árabe, *El arbi*, do Khaled. Ela não me desaponta. Ou melhor, eu me desaponto ao sentir meu corpo rijo e encantado.

Ela rebola o quadril, como uma dançarina que se adapta a qualquer harmonia. Meu pênis quer se ver livre, exhibir-se para ela, e bate contra o zíper da bermuda.

No lugar da menina tímida que dançava há pouco, surge a visão da pura sensualidade, perfeitamente feminina.

Acompanho a ondulação sinuosa do seu tronco até os nossos olhares se encontrarem e ela retribuir o sorriso malicioso que dou.

— Linda! — digo, admirado.

Ela parece uma *go-go dancer* performando dentro de uma gaiola, desejada por todos, sem poder ser tocada.

Seus braços balançam elegantemente, como se me convidando. Dessa vez, a luxúria me invade e desisto de deixar minhas preocupações ditarem os meus passos. Ela pode ser uma distração para minha carreira profissional? Não ligo. Provoco-a e incentivo-a, mordendo os lábios maliciosamente.

Explicitamente, ela atíça minha libido, movendo o dedo e me chamando para me juntar a si. Meus testículos parecem se revirar quando penso em pedir a ela que me espere. Estou me aproximando.

Não consigo me lembrar se alguma vez fiquei tão envolvido eroticamente, tão hipnotizado por uma mulher. Mas é ela... Flutuando com leveza pela dança e fazendo-a parecer a mais bela de todas as belas.

Não! Essa música era boa para eu ser seu espectador e não seu parceiro. Rapidamente penso em outra, para aliviar seu olhar encabulado por ter eu rejeitado me juntar a ela. Se soubesse o quão excitado estou para tê-la em meus braços, não ficaria decepcionada.

Here I go again, do Whitesnake, parece servir. Não consigo imaginar outra música para ela que não seja essa. Programo “iniciar” e volto os meus olhos em sua direção.

— Aquela música era só para você. Essa agora é para nós.

Tiro o fone de ouvido e a chamo. Prontamente ela vem até mim. Pensei que fosse relutar, mas ela parece estar em seu território. Malu dança à minha frente, levando-me ao limite do desejo.

Manipuladora? Não. Apenas uma linda mulher esperando o meu próximo passo.

Ela era uma talentosa bailarina, escondendo através da magia da dança sua tristeza e talvez algumas amarguras. Queria ter o dom de apagar tudo de dentro dela, como uma borracha que apaga o erro escrito por um grafite. Não consigo distinguir os sentimentos que uma ária de ópera transmite, mas sei quando o céu se abre diante de mim: é nessa hora que ela se entrega à música como se estivesse fazendo amor.

— Eu disse a você que minha arte tinha muito a ver com a sua. — Coloco um fim rápido à distância entre nós, passando meu braço largo pela sua cintura fina. Seus seios se levantam, tomando uma respiração profunda, e um som gutural sai dos seus lábios. Suas mãos pousam em meus ombros. — O que estamos prestes a fazer pode ser um erro, mas não consigo ficar um segundo a mais longe de você.

— Por que você disse que posso ser um erro?

Sua voz ofegante mexe profundamente com as minhas fantasias. Seus quadris trabalham, roçando o meu corpo com a batida da música. As coisas começam a ficar quentes rapidamente, e ela solta um gemido de prazer quando me esfrego a ela, acompanhando seu movimento.

— Porque, cada vez que penso em você, parece que jamais terei o suficiente. — Eu a aperto mais forte contra meu corpo, absorvendo todo o seu balançar. Seu cabelo roça nos seus ombros e sua atenção se volta para mim.

— Então, por que não testar até onde eu posso ser suficiente para você...? — Agilmente, ela se vira de costas para mim e eu não a largo. Ela roda meio corpo

pela minha ereção e eu não deixo por menos, encaixando meu volume rígido entre suas nádegas macias.

Entre dois males, sempre escolho o que nunca experimentei, e por mais que possa comprometer o momento, decido arriscar a verdade.

— Mas, antes, precisa saber de uma coisa: em menos de dois meses irei para o México e não quero passar dos limites para que não nos machuquemos.

— A saudade não machuca. Ela é apenas a lembrança das coisas boas. — Sua voz é tão hedonista, tão tentadora, tão incentivadora...

Afrouxo meu braço e, com o outro, faço um zigue-zague no ritmo da música. Sinto o peso incrível do seu seio na palma da minha mão. Ela solta um leve gemido e eu continuo explorando.

— Você tem razão! — E como! Por que não viver o presente? Algumas esfregadas são suficientes para eu chegar às alturas. — Diz que essa música é acelerada e eu mudo o ritmo. — Sua cabeça cai no meu peito. — Diz que não quer essa dança. — Atrevo-me e deslizo a mão pelo seu ventre até a sua intimidade, tocando-a, fazendo-a estremecer sob o tecido do vestido. O calor entre suas pernas mostra que estou no caminho certo e ela confirma.

— A música e a dança estão perfeitas. — Voltamos a ficar frente a frente. — Como pude imaginar algum dia que o que estou sentindo possa ser errado, quando você é tão certa?

Ela fecha os olhos.

— Sim.

Posso sentir seu corpo contra o meu tremendo, seus mamilos endurecidos e seus lábios molhados. Ela me quer duro, tanto quanto eu.

— Diga que posso levá-la para minha cama, Malu. Peça-me para levá-la. — Ela pisca, escondendo seus olhos negros e, por um momento, penso que entendi a sua entrega de maneira errada. Não alivio. Quero muito que ela aceite meu pedido, mas por vontade própria, sem complicações futuras. Sigo em frente e mordo o lóbulo da sua orelha, sussurrando. — Depende de você, Malu... Quero que seja bom para mim, assim como para você.

— Ah! — Ela abre os olhos e os fixa aos meus. — Sim, Walter. Escreva a letra da nossa música. — Pontos rosados colorem seu rosto. Ela é tão malditamente tímida, sedutora... A emoção pulsa dentro de mim.

Selando minha boca à sua, eu a pego em meus braços.

— Nossa música será eternizada, Malu. Não posso lhe prometer nada, mas agora você é tudo o que mais quero.



Capítulo 8

Eu quis dançar para ele. Entrego meu corpo a ele e à música, lembrando que sempre imaginei como seria este momento, aquele em que eu me perderia e me entregaria a um homem. Claro que fantasiei ser diferente. Romantizei mais... Não contava nem imaginava sentir esse desejo, o contato da pele desse jeito, a maciez dos seus lábios, suas mãos grandes percorrendo meu corpo, substituindo o romantismo por todas essas sensações proporcionadas.

Estou prestes a descobrir como é estar nos braços de um homem, transformando-nos em um só corpo. E não estou nem um pouco assustada com isso ou com o que pode acontecer depois.

As mãos dele estão por todo meu corpo enquanto me carrega no colo. Nossas línguas se conectam, se entrelaçam lascivamente. Seu nome escapa dos meus lábios em um som gutural para alertá-lo que é minha primeira vez. Preciso lhe dizer isso. Ele parece não entender meu chamado e empurra mais forte a sua língua em minha boca.

A sensação do prazer se intensifica, deixando-me em êxtase, e paro de tentar pensar. Sigo o que iniciei quando comecei a dançar naquela sala. A total entrega, sem receios, perdida nos seus olhos que me encaram com admiração, me fazendo seguir sem medo, confiante junto a ele. Sim, foram seus olhos que me fizeram sentir assim, desejosa para ser dele.

Sua boca é voraz e, sem que eu perceba, sou levada até a sua cama.

— Isso pode ser a maior loucura das nossas vidas, mas... — Seu tronco se debruça lentamente junto ao meu corpo e eu vou de encontro a ele, buscando seus lábios. —...não me lembro de ter dito a você que sou normal.

Ele puxa a camisa pela cabeça, incentivado pela minha vontade.

— Você é insanamente irresistível.

Vidrada nas veias que delineiam seus braços inspeciono cada parte de sua pele. A tatuagem de um dragão celta com asas abertas, transmitindo força e poder, vai do início do bíceps até o seu ombro, convidando-me a tocá-la. Mais duas, uma serpente acima da costela, do lado direito, e um guerreiro no ombro esquerdo. Ele sorri maliciosamente, diante da minha intensa curiosidade.

— Você sabe que logo estarei indo morar no México? — Ele muda de assunto, preocupado. Não consigo decifrar se ele pergunta mais para si mesmo ou para mim.

— Por mim, sem problemas. Não me guardei imaginando me entregar para alguém que me fizesse de refém para o resto da vida. Um romance breve me parece bom.

Um caso descompromissado me parece tudo o que preciso. Tenho meus problemas pessoais e particulares para resolver. Um namorado me traria uma enxurrada de explicações a dar, e ainda não me sinto preparada para assumir meus conflitos nem para mim, nem para ninguém.

— Acha que serei um bom parceiro para uma nova dança?

Com a mão no cós da bermuda, Walter me olha. Por instantes, ele parece relutar em abrir o zíper. Ansiosa, mordo o lábio na expectativa.

— Se me ensinar o ritmo, posso garantir que aprendo rápido.

— Não vamos pensar no amanhã?

— Quem disse que estou pensando?

Ele parece pensativo.

— Por que só agora você decidiu dividir esse momento com alguém?

— Não foi com alguém. Foi com você.

— Deixe-me ver se consigo entender o que está me dando. — Ele me encara sério. — Teremos uma noite linda e você não espera que amanhã estejamos juntos?

— Isso. — Aproveitando minha coragem, subo um pouco o vestido pela minha coxa. — Precisamos somente desse momento para escrever a letra da nossa música.

— Estou muito certo disso. — Sorrindo, ele abre o zíper da bermuda e o calor volta a tomar meu corpo. A ansiedade atinge meus nervos. Seu membro aponta diretamente para mim, grosso e duro. Eu o quero. Inspiro o ar conforme ele se aproxima. Minhas mãos apertam a barra do vestido com força. Puxo-o rapidamente pela cabeça para não tampar a visão mais erótica que já tive na vida.

— Você quer me tocar, Malu?

— Sim! Eu quero... — Recebo a pergunta como uma ordem, e minha mão trêmula desliza sobre seus bíceps duros, encorajando-se a chegar até seu membro. Ele fecha os olhos e solta um gemido lento de aprovação. Com o dedão, exploro delicadamente sua glândula, umidificando-o da ponta até a base com a gota de fluido por ela liberada. Ele é quente e suave. Posso senti-lo pulsar, e meu coração dispara. Uno os dedos com mais pressão em volta dele. Preciso sentir mais, muito mais. É bom senti-lo pulsar.

— Bombeia, minha doce bailarina. — Sua mão encobre a minha e sigo timidamente as instruções que ele me passa. — Céus! — Ele engasga. — Malu, você é perfeita. Não sei se serei capaz de ouvir essa música apenas uma vez.

Esqueço-me de qualquer responsabilidade mediante a atração sexual e a cena erótica hipnotizante. Ele tem razão: é uma loucura como estou reagindo. Seu olhar acompanha meus movimentos e viaja até meus seios. Sinto meus mamilos túrgidos sob a renda que os encobrem. Ele tira minha mão de seu pênis e a leva até sua boca dando um beijo, incendiando a fonte de calor dentro de mim e queimando meu ventre.

— Daqui eu sigo. — Sua promessa sensual formiga minha pelve. Ele sobe na cama e empurra gentilmente minhas pernas com o joelho, acomodando-se entre elas. Sou brutalmente puxada pelo quadril para suas pernas dobradas. Minha intimidade fica rente a ele. O calor das suas coxas esquentando minhas nádegas. Ele aperta os dois lados do meu quadril esfregando minha intimidade ao seu membro.

— Temos roupas demais por aqui.

Ele desliza seu pênis sobre meu monte de Vênus para frente e para trás, deixando à mostra a cabeça do seu membro brilhando com uma gota de sêmen. Fico atordoada e desnorteada. Meu coração dispara. Ele trabalha as mãos obscenamente, deslizando os dedos pelo meu ventre, trilhando até chegar acima dos meus seios. Habilidosas, elas me pegam desprevenida, apertando-os com força em um gesto de posse, sustentando um toque dolorido e prazeroso em cada seio.

— Ah! — Exclamo com o ar que foge dos meus pulmões. Minha intimidade procura o calor do seu membro, que se acomoda entre minha abertura quente e úmida, massageando-a. — Oh! — Choramigo, excitada. Seu sorriso baixo, satisfeito e sexy me devasta.

— Vamos libertá-los. — Ele ergue meu corpo facilmente. Seu rosto se encaixa entre meus seios enquanto suas mãos abrem o fecho do sutiã. Walter é o homem mais sexy que já conheci. Não contenho outro choramingo ao sentir seus dentes puxarem o tecido e desnudarem meus seios túrgidos. — Pronto! Livres e perfeitos. — Ele morde o lábio, faminto, me encara e desce a boca aos meus seios. Nunca imaginei que o contato de maneira tão crua como da sua língua ao redor dos meus mamilos, intercalando de um para o outro, pudesse despertar um desejo tão lascivo de querê-lo dentro de mim a qualquer custo.

Não há palavras, apenas gemidos meus, rompendo o silêncio, junto com o som da sua boca me beijando. Nossas intimidades se reconhecem em luxúria. Arqueio meu corpo pedindo mais, precisando de mais. O calor me queima por dentro.

— Quero tanto você...

Ele não me dá chance de pensar e rapidamente deita meu corpo sobre o colchão novamente, trabalhando sua língua a cada centímetro da minha pele, arrepiando todo caminho por onde lambe obscenamente, até chegar ao meu íntimo. Sinto seu hálito quente próximo, muito próximo. Seus dentes abocanham minha calcinha, mordendo de leve minha intimidade, colocando de lado o tecido que a encobre. Ele esfrega o rosto, raspando intensamente a barba por fazer contra minha intimidade. Sinto pinicar uma dor aguda prazerosa. O ato é tão envolvente que levanto meu quadril de encontro ao seu rosto. Parece que vou explodir com aquelas sensações jamais vivenciadas.

Seu polegar puxa o tecido de lado e sua língua investe deslizando entre minha fenda. Oh! Ele não me dá tempo para absorver todos os toques libidinosos. Meus músculos se contraem.

— Relaxe, minha bailarina.

Sinto seu hálito quente proferir palavras e gemidos como um sopro se intercalando entre lambidas.

Estendo meus braços, esperando que ele venha até mim. É intenso tê-lo entre minhas pernas, me sugando e saboreando com tanto prazer. Ele me penetra com a língua e eu acho que vou enlouquecer.

— Ah... Céus... — Não esperava que fosse assim. Sinto como se fosse rachar ao meio. Minhas terminações nervosas entram em choque. Meu rosto parece que vai pegar fogo. Rendo-me, puxando com força o lençol que encobre a cama. — Walter! Eu preciso de você dentro de mim. — Pensei que jamais diria a um homem o que lia nos livros. Mas não apenas digo, como também tenho vontade de implorar para que ele sacie esse desejo que tenho de ele me preencher.

Plantando as mãos de cada lado do meu corpo sobre o colchão, ele me encara e arranca minha calcinha em um puxão mágico. Sua mão assalta a bermuda do chão e, de dentro do bolso, ele retira uma camisinha.

— Antes que possa pensar qualquer coisa, ela estava no bolso apenas como precaução. — Sorrio, sarcástica, e ele retribui. — Que foi?

— Nada. Não estou pensando nada. — Desvio o olhar para a camisinha. Ele a coloca na ponta do membro e desenrola facilmente.

Todas as partes do meu corpo queimam. Ele veste a proteção com tanta facilidade e precisão que suponho deva ter feito isso várias vezes. Ajeita-se entre minhas pernas abertas. Sinto-me exposta e vulnerável. Ele pisca para me tranquilizar, só que o efeito é contrário, e um arrepio cálido sobe pela minha espinha, deixando-me em pânico diante do inesperado.

— Eu a quero tão malditamente... É isso mesmo que você quer?

— Muito! — digo rapidamente com medo de ele fugir ou que eu fale alguma coisa errada. Sorrindo com ternura íntima, ele me encara, e seu corpo se

debruça sobre o meu. Posicionando seu membro na minha entrada em um vaivém provocador, ele brinca e eu fecho os olhos, sorvendo cada movimento. O som da sua respiração baixa e instável me faz consciente que seus lábios estão pertos dos meus.

Ele ergue um pouco meus quadris, impulsionando lentamente para frente e para trás, deslizando por entre minhas dobras úmidas. Seu membro parece ficar cada vez maior conforme mergulha cada vez mais fundo.

— Olhe para mim, Malu. Quero ler nos seus olhos até onde posso ir. — Levanto meu quadril incentivando-o. Ele vai mais fundo e recua. — Putz! Você está tão molhada! — Eu confirmo mexendo o quadril. — Temos todo o tempo do mundo. — Ele penetra mais um pouco e recua novamente, testando meu limite. — É tão difícil se controlar vendo-a tão preparada... — Ele me invade mais um pouco e recua mais uma vez. — Sinta como deslizo perfeitamente dentro de você.

— Ah! — Ele recua e o sugo para dentro de mim. A sensação é tão boa...

— Malu, me leve para dentro de você e dite as notas da sua canção de prazer.

Curvo-me e ele me rasga. A dor aguda aponta dentro de mim. A sensação é de um prazer dolorido e gostoso. Sinto-me estilhaçada e recomposta. Ele não se move. Paciente, espera eu me acomodar à sua grossura e ao seu tamanho.

— De todas as canções que já ouvi, seus sussurros e gemidos são as mais maravilhosas que existem. — Ele se move lentamente e eu solto um sussurro. — Deliciosa... — Mais um pouco — Oh! Minha doce bailarina, você está me levando ao limite!

Não consigo dizer nada. Só penso em sentir, provar e experimentar como é bom tê-lo dentro de mim. Seus movimentos aceleram e ele sorri com meus gemidos de satisfação.

O som de nossos corpos em movimento parece ensurdecedor diante do silêncio que nos envolve.

— Céus! Você é muito apertada. — Avidamente, ele acelera, e acompanho seus movimentos, sentindo toda a aprovação do meu corpo ao seu. — Não vou conseguir me segurar, Malu, mas queria muito que você viesse comigo.

Quero perguntar o que ele pretende que eu faça e também saber como fazer. Simplesmente quero vir para ele e mostrar o quanto ele está me fazendo bem.

Totalmente fora de controle, vejo nos seus olhos a batalha que ele trava para se conter e, por mais que eu esteja adorando a sensação de êxtase, sentindo o tesão insuportável me abraçar, não consigo me concentrar exatamente para chegar onde ele quer que eu chegue. Ele emite um grito silencioso, junto com uma investida profunda.

Suga o ar entre os dentes e torna suas estocadas curtas e esporádicas.

— Você é muito gostosa, Malu.

Sua boca toma meus lábios entre gemidos e sussurros. Sua mão desce para meu clitóris. Seus dedos dedilham no mesmo ritmo alucinante. Estremeço, incapaz de aguentar a pressão que minhas terminações nervosas querem liberar de repente. É alucinante a combinação do seu toque com as arremetidas dentro de mim. Golpe após golpe, não aguento e chamo seu nome:

— Walter!

Olho nos seus olhos tentando descobrir se sente as mesmas coisas que eu. Não preciso ter experiência sexual para ler em sua expressão e seu olhar intenso que a resposta é positiva.

— Sim, minha bailarina, dance em mim. Venha para mim, junte-se a mim.

Suas investidas se intensificam e ele pulsa com força, dá estocadas mais fundas, fazendo-me ofegar de prazer. Uma arremetida longa acende o pavio de pólvora de nossas vontades, levando-nos a uma explosão de êxtase. Enterro meu rosto profundamente no seu pescoço, cravando meus dentes em sua pele, tentando me impedir de gritar, e ele solta um gemido grave, seguido de um suspiro, parecendo se acalmar encontrando a sua libertação. Por segundos, nossos corpos se colam e ele me abraça apertado, girando meu corpo para cima do seu.



— Que música foi essa, Malu? Passa a noite comigo? — pergunta ofegante, beijando meu pescoço, fazendo carinho por toda a extensão de minha pele.

— Dormir? — É só o que consigo indagar, antes de sua boca máscula e carnuda capturar a minha. Ele me beija lenta e sofregamente, fazendo-me esquecer qualquer senso de responsabilidade.



Capítulo 9

Dezessete anos depois...

De forma sedutora, deslizo o robe de seda pelo corpo, sentindo a maciez do tecido escorregar pela minha pele febril, desejando que meu marido me toque onde preciso, nas regiões mais carentes. Observo, frustrada, que meu gesto não surtiu efeito: Walter enfia a camisa na calça e afivela o cinto, indiferente a mim. Os anos passaram e o fizeram ficar cada dia mais lindo, irresistível, e também mais ocupado.

— Pensei que passaria o feriado em casa. — Caminho, tentada e esperançosa, em sua direção, para ajeitar a gravata. Nas pontas dos pés, inclino-me para sussurrar no seu ouvido. — Tinha tantos planos para hoje... Planos que envolviam apenas nós dois...

Ele não precisa me tocar para deixar-me sedenta, excitada e louca para me entregar.

— O feriado é aqui, meu amor, não nos outros países. O mercado não para um só segundo.

Seu braço cinge a minha cintura, carinhosamente. Inspiro o ar junto com seu perfume de sândalo almiscarado. Seu cheiro mexe comigo, fazendo correr no meu organismo um desejo incontrollável, como se o momento que eu o senti pela primeira vez nunca tivesse passado.

— Como executivo da sucursal, pensei que tivesse alguns privilégios — digo, manhosa, estendendo a mão, descendo os dedos pelo seu peito sobre a camisa.

— Malu, você sabe que não é assim que funciona o mercado da siderurgia. Não existem privilégios. A concorrência nos faz ter que matar um leão por dia. — Minha mão ousadamente arrisca descer e encher-se com seu membro sobre a calça. Ele balança a cabeça, sorrindo preguiçosamente. — Podemos jantar. O que acha?

Bela resposta de consolo, penso. E o que faço até lá? Tomo um banho gelado?

— Você quer dizer jantar ou cear? Não acredito que volte para casa antes das dez horas da noite.

— Sem drama... — Seu polegar levanta meu queixo, para que eu o encare. — Não vamos discutir novamente sobre meus horários. Se a estou chamando para jantar, é porque estarei aqui no horário marcado.

— E o que aconteceria de tão grave para a Sidercon se o poderoso executivo decidisse tirar um dia de folga com sua esposa, já que estão sozinhos em casa?

Vejo suas narinas se inflarem...

— Talvez não aconteça nada, mas meu senso de responsabilidade não me permite desfrutar de um dia sozinho com a minha esposa, uma vez que já tivemos muitos assim e ainda teremos tantos outros pela frente.

Largo os braços, em um gesto de derrota. É desanimador ser trocada pelo senso de responsabilidade. Quando ele diz tantos, me questiono quantos foram, afinal, nesses dezessete anos juntos. Talvez noventa? Sim. Porque ao longo desse tempo, o que venho fazendo ao seu lado é ser sua companheira, mãe de sua filha e esposa exemplar mudando de país a país, organizando as mudanças para nos instalarmos e, quando isso acontece e acho que vamos ter paz, ele aparece com uma promoção e um novo lugar para morarmos.

— Se não puder ligar, manda uma mensagem dizendo o horário em que poderemos jantar.

Espero que ele não diga que pedirá para a secretária cuidar disso. Dou um passo para trás, me sentindo derrotada, e ele percebe. Aperta os dedos largos na minha cintura. Sua reação é um profundo beijo, para evitar qualquer outro protesto meu.

— Às oito da noite está bom para você? — pergunta entre meus lábios, sem romper o contato. Aprecio sua língua deslizar pela extensão do meu pescoço e chegar aos meus seios. Sua movimentação incita minhas terminações nervosas. Meu marido sabe bem buscar meu prazer quando pode e tem disponibilidade. Só que, dessa vez, não me contentarei com apenas um orgasmo para ficar satisfeita e deixá-lo trabalhar em paz. Bonitão, esse jogo eu também sei jogar. Roçando os dedos na sua mandíbula, trago seu rosto junto ao meu. — Já que não podemos gozar de um dia inteiro juntos, tenho algo para mostrar a você... O que vai perder.

Antes de perceber, estou ajoelhada diante dele abaixando o zíper da calça, tirando para fora toda sua plenitude, circulando com a língua a coroa do pênis brilhoso, que me contempla com uma gota de fluido. Ouço-o puxar o ar com força, um som que é como poesia para meus ouvidos. Continuo lambendo-o de cima para baixo, de trás para frente. Sua mão entrelaça meu cabelo apertando e mostrando o quanto o agrada quando o coloco avidamente e inteiro dentro da minha boca.

—Ah! Malu, você sempre me surpreende.

Queria muito que você também me surpreendesse às vezes. Devaneio nas fantasias íntimas que venho sonhando nesses anos juntos. Quantas vezes esperei algo a mais que não veio...

Inclino a cabeça para encará-lo, submissa aos seus gemidos de prazer. Sua ereção pulsante vibra na minha língua, enquanto a cabeça do seu membro invade minha garganta. Sua mão se move acompanhando o ritmo frenético do vaivém. Motivada pelo seu delírio, sigo freneticamente. Sinto que ele está no limite e retiro toda sua extensão da boca. Ignorando seus protestos, ergo-me e sussurro no seu ouvido.

— Às oito da noite está perfeito para mim. — Viro as costas, pego o robe e entro na suíte. — Walter, não precisa reservar nenhum restaurante. Tenho a tarde toda para preparar nosso jantar. — Vibro, comemorando sem remorso nenhum em largá-lo no quarto com o membro exposto, sem saber para onde ir.

— Até mais tarde! — Ouço-o se despedir com voz frustrada.

Desde o dia da minha estreia interpretando *Giselle* no Teatro Municipal, venho abrindo mão dos meus sonhos e vontades e o seguindo pelo mundo. Os aplausos de mais de quinhentas pessoas ecoando entusiasmados pelo recinto não foram suficientes para mudar a minha decisão de dedicar-me pelo resto da vida a apenas um homem. Claro que não posso reclamar de nada do que Walter proporciona para Beatriz e para mim. No entanto, hoje me sinto um pouco vazia por ter abandonado o que mais amava fazer: a dança.

Ele nunca exigiu que eu parasse de dançar. Muito pelo contrário: sempre me incentivou a continuar com meus projetos. Porém, pouco mais de um mês após nos conhecermos, eu descobri que estava grávida e que minha gestação era de risco. Seu pedido de casamento ao final da minha apresentação foi um choque e tanto para todos. Colibri tentou convencê-lo de que não precisávamos casar só porque eu esperava um filho dele. Mas ele gritou ao mundo e aos quatro cantos que não me queria ao seu lado apenas por estar grávida, e sim porque estava apaixonado.

Eu o amo mais que tudo, mas não posso dizer que não sofro as consequências das minhas decisões que, na época, considerei certas.

Tudo aconteceu muito rápido. Eu me deixei levar por um turbilhão de episódios. Naquela noite, quando cheguei em casa, minha mãe e Colibri discutiram feio sobre minha situação, como se coubesse a eles decidir meu futuro. Até aquela ocasião, eu sempre tinha vivido com o medo e a impressão de que Colibri me assediava indiretamente, já que ele nunca tinha me tocado ou bolinado. Mas, assim que minha mãe se trancou no quarto, ele veio ao meu encontro e me agarrou dizendo que eu não poderia aceitar o pedido de casamento do Walter, porque eu era dele e ele me assumiria e a meu filho. Nada até hoje se compara ao nojo que senti ao ouvir aquilo. Minha reação foi levar meu joelho na mira certa dos seus genitais e agarrar minha bolsa, enquanto ele se contorcia. Então minha mãe entrou na sala e olhou para mim como se eu fosse culpada por aquela situação.

Sofri como nunca. Caminhei quilômetros debaixo de chuva, tentando entender o que tinha acabado de acontecer... Minha mãe, como sempre suspeitei, me culpava por eu ser assediada pelo meu padrasto. Isso explicava os motivos para ela me matricular em todos os cursos possíveis: queria me ver longe de casa. Nunca contei para Walter meus medos e muito menos o motivo de minha fuga. Simplesmente disse que saí de casa porque eles não queriam aceitar seu pedido de casamento. Ele e seus pais me acolheram até o dia da cerimônia matrimonial.

Quando chegamos ao México, tudo era novo para mim. Os dias foram se passando e a lua de mel, acabando. A realidade não demorou a surgir. Walter começou a trabalhar e eu, a procurar uma casa para morarmos. Assim que a encontrei, cuidei de comprar a mobília e organizar tudo sozinha, pois ele trabalhava de sol a sol. Tentei ser o mais útil possível para privá-lo de distrações. Chegava em casa esgotado e ainda se dedicava por horas a estudar os projetos e fazer relatórios e mais relatórios.

Durante toda a gestação, ele mal tocou em mim devido ao descolamento que tive na placenta, diagnosticada em uma ultrassonografia. O médico pediu

repouso e abstinência por apenas 15 dias, mas ele me afastou por meses. Quando Beatriz Eva nasceu, esperei o resguardo e o ataquei. Não esperei um segundo sequer depois de estar liberada.

Bom, assim nossa vida sexual voltou à ativa, mas não era como quando nos conhecemos, com os mesmos fogo e paixão. Simplesmente o sexo passou a ser um complemento da nossa relação, mas eu nunca me queixei pela intensidade ter diminuído. Nas nossas mudanças de países e o corre-corre diário, fui me tornando a dona de casa, a mãe e a amante disponível. A dinâmica do nosso relacionamento foi mudando constantemente. Surgiram crises decorrentes dessas inúmeras mudanças. Durante muito tempo, considerei que tinha o suficiente. Só que hoje me encontro querendo mais, precisando de mais.

Ele já alcançou seu almejado cargo profissional e conquistou estabilidade no trabalho. Por isso, não vejo a necessidade de se doar incansavelmente como faz. Nossa filha está com dezessete anos e é um orgulho para nós. É amiga, estudiosa e companheira. Não depende de nós dois. Poderíamos muito bem fazer uma viagem para curtimos um momento só nosso, mas isso parece impossível. Sempre que planejamos, algo acontece no mercado siderúrgico.

A verdade é que não importa o quão perfeito tem sido nosso casamento e quantos momentos românticos temos vivido. Eu preciso de mais. Estou com trinta e sete anos e os hormônios à flor da pele.

Hoje mesmo planejei um dia diferente para nós. Fiz algumas comprinhas em um desses catálogos virtuais eróticos. E o que me restou? Guardar tudo na gaveta e tentar usar algo diferente, se possível, depois do jantar.

Cansada de me lamentar, saio do quarto e procuro algo para fazer durante o dia, para distrair a solidão. Se ao menos a Beatriz estivesse aqui, poderíamos passear juntas.

Atualmente, moramos em Marbella, na Espanha, em um bairro luxuoso. Quando vi a casa, foi amor à primeira vista. No início, mesmo fascinada, fiquei temerosa por ser um pouco longe de Málaga, cidade-sede do escritório da Sidercon. Mas ele insistiu que alugássemos a casa, vendo meu grande interesse em perguntar tudo para o corretor sobre a cidade, e ainda me garantiu que eram apenas quarenta minutos até o escritório. Que não abriria mão de morar em um paraíso como esse.

Nossa casa foi construída nos anos 1970 e totalmente remodelada de modo a destacar suas belas colunas de mármore. Temos um magnífico jardim com piscina e vista para o Mediterrâneo. É luxuosa e muito bem decorada. O fato de estar toda mobiliada foi fundamental na escolha. Eu sofria por me desfazer de todos os móveis escolhidos com tanto carinho, em cada casa que moramos antes.

Abro as cortinas das janelas de vidro e sou contemplada pelo sol reluzente a brilhar sobre o mar. Corro os dedos pelo batente com a cabeça inclinada para trás, deixando a brisa brincar com meu cabelo. Congratulo-me intimamente por não ter tirado o robe de seda e senti-lo colar-se no meu corpo nu, conforme o vento sopra.

Olho em direção ao horizonte. Minhas escolhas tinham sido feitas. Agora aceitava as consequências que elas trouxeram. As coisas não saíram como eu sonhava, mas eu ainda tinha a dança para a minha particular satisfação.

Em todo lugar onde moramos, Walter sempre fez questão de ter uma sala de dança, junto a seus aparelhos de som. Saudosista, ele mantém seu hobby por todos esses anos em memória aos seus pais, que morreram em um acidente, pouco depois que casamos. Para aonde quer que vá, seus CDs e a parafernália sonora o acompanham — não interessa o valor do frete.

Sigo até a sala, abro as cortinas e janelas e ligo o som. A música e a dança sempre foram consoladoras aos meus momentos mais difíceis.

Orientada pela luz do sol que entra pela janela, aproveito que estou sozinha e abro o cinto do robe, deixando-o deslizar pelo meu corpo. Os espelhos que cercam a sala refletem que a natureza tem sido minha aliada por todos esses anos. Meu corpo continua praticamente o mesmo. Há alguns excessos, talvez, mas, ainda assim, tenho tudo em seu devido lugar.

Tiro as sandálias de salto, descansando meus pés descalços na cerâmica fria, absorvendo toda a energia do piso. No canto da sala, estão penduradas as minhas sapatilhas, ao lado de um par menor, que comprei quando a Beatriz ainda era uma menininha. Vou até elas e sorrio com a lembrança de que a minha filha não gosta de balé. Torci tanto para ela se encantar pela dança, mas ela sempre preferiu assistir a lutas com o pai a concertos comigo.

Os raios de sol centralizam-se no meio da sala, como holofotes em um palco, e eu caminho até eles, posicionando-me para começar a dançar, enquanto eles aquecem meu corpo. As lembranças da época que eu vivia pela dança borbulham dentro de mim. Gostava de passar meses ensaiando vários balés, mesmo que os fosse apresentar para pouco conhecedores, porém admiradores do que eu exibia a eles. No fundo, sinto saudades de ser observada, notada e até mesmo ovacionada, muito diferente do que venho vivendo hoje, onde eu apenas me doo e não sou percebida.

Os acordes de *Valsa das flores* ressoam assim que termino de trançar a última fita da sapatilha na perna direita, e meu corpo se volta para uma posição inicial. Começo a dançar com leveza, deixando-me arrebatado pelas notas musicais, que crescem com intensidade. Dou voltas, fico na ponta dos pés... Desço, subo e rodopio. Meu corpo se leva pela música. Meus braços se erguem com movimentos simples e graciosos. Danço com emoção, paixão e desejo, com olhos fechados, imaginando-me ser assistida por uma enorme plateia. Entrego-me languidamente. Aplico um passo no movimento *tendu*, esticando a perna ao lado e à frente do meu corpo, arrastando o pé, levantando primeiro o calcanhar e em seguida a planta do pé, mantendo a ponta dele

apoiada no chão, emendo um *jeté* esticando e abrindo minhas pernas no ar, com toda a energia que tenho, repetidas vezes até chegar diante do espelho. Olho-me com intensidade.

Ali vejo a mulher em que me transformei e que sente falta de ser desejada.

Dou tudo de mim, incansavelmente. Sinto as pontas dos dedos do pé doloridos, a cada movimento que faço com exaustão. Encerro a valsa rodopiando, rodopiando, até que me canso e me ajoelho no centro da sala, sentindo o suor escorrer pela minha espinha.

Volto à realidade e, pelo espelho, me deparo com um par de olhos negros e concupiscentes voltados para mim, um peito masculino subindo e descendo de forma ritmada. Se não fosse uma nova música ecoar pelas caixas de som, poderia até ouvir sua respiração ofegante, diante da janela toda aberta.

Esqueço quem sou, onde estou, o que estou fazendo. Meus olhos hipnotizados demoram a enviar mensagens para meu cérebro.

Não consigo pensar em recuar, frações de segundos se passam e o desejo incontrolável de me exhibir é tórrido dentro de mim. Eu deveria questionar meu espectador, mas a ânsia de ser observada, nem que seja por breves minutos, é mais forte do que eu.

— *Lo siento. No fue mi intención.* — Dou por mim que é Lorenzo, nosso novo jardineiro, que me observa. Como assim não foi sua intenção invadir minha privacidade? — *Usted parecía flotar.*

Meu Deus! A camisa colada de suor no corpo emoldurando os músculos o torna sexy, selvagem... Já não é bastante embaraçoso flagrá-lo me olhando desse jeito? Tenho de sentir minhas pernas tremerem assim?

— O que faz aqui? — Reajo assustada, tentando encobrir meu corpo com as mãos, enquanto o vejo diante de mim, do outro lado da janela, com um rastelo na mão. Atrapalho-me até com os idiomas e corrijo. — *Qué hace por aquí?*

Ele parece estar em estupor me encarando, fascinado. Preparo-me para gritar, caso ele dê um passo em direção à janela. O reflexo da minha imagem refletida no espelho me faz ver que estou nua, porém sua expressão não é luxuriosa, mas de admiração e, por mais sujo que possa parecer, algo incendeia dentro de mim. É íntimo, imoral. Seu olhar me faz sentir desejada, atraente, viva, capaz...

— ¡Trabajo!

É rotineiro e normal que, morando na Espanha, ouça seu idioma, mas ouvi-lo falar com essa voz rouca e preguiçosa faz meu coração bater descompensado.

— *Les di el día de descanso a todos.* — Trabalhando? Questiono enquanto tento encontrar o robe que deixei cair em algum lugar. Eu dei o dia de folga para todos. Os espanhóis não sabem o que é feriado?

— *Estar en contacto con la naturaleza es un placer para mí. No necesito tiempo libre.*

— *Lo que viste aquí nunca sucedió. Pensé que estaba sola.*

Não sei se me saí bem com as explicações na sua língua. Disse que nunca tinha feito aquilo nua. Pensei que estivesse sozinha.

Ele desvia seu olhar, como se me desse a privacidade que necessito para me vestir e amarrar o cinto. Olho para ele e noto o quanto é bonito. Deve ter no máximo trinta e cinco anos, exhibe um sorriso de garoto e arranca suspiros por onde passa. Seus olhos negros se voltam para mim com a mesma intensidade de antes. Selvagem, ele parece bruto e sensível ao mesmo tempo. É

contraditório como gosto de ser observada por ele, enquanto a razão diz para que eu exija que vá embora.

— *Estaba estupenda.* — O brilho dos seus olhos parece me ovacionar. Em outras circunstâncias, eu até o agradeceria por dizer que eu estava esplêndida.

Há anos não sou elogiada com tamanha admiração, e nem digo isso por não dançar mais. Faz tempo que não recebo elogios por alguma coisa. Walter tem um péssimo hábito de se alimentar lendo e-mails, nem liga se preparo algo diferente ou um prato que ele goste. Tudo vai parecer ter o mesmo sabor. Posso cortar o cabelo, mudá-lo de cor, que só vou ouvir elogios se perguntar se ele gostou... As respostas sempre são semelhantes: “Você é linda de qualquer jeito”.

— *He sido una buena bailarina. Pero hoy...*

Tento explicar que fui uma bailarina e que hoje a dança é só uma distração, mas ele me interrompe.

— *No debería decir eso. Usted ha nacido para bailar.*

— Pode ser, mas a vida não me permitiu continuar — desabafo refletindo.

— *Se la vida não le permitió, é porque tenía outros planos.*

Olho-o assustada com sua resposta em portunhol.

— Você entende português?

— *Mi madre era brasileña.* — Ele sorri.

Então sua mãe era brasileira? Interessante.

— Não me diga! — Aliviada, agradeço aos céus por não dizer tudo o que pensei momentos atrás, em voz alta.

Eu deveria me sentir constrangida diante da situação. Mas estou bem à vontade com a presença dele.

— *Cuando supe que mi nuevo trabajo sería en la casa de un brasileño, me puse contento por poder recordar el acento de mi madre.*

Seus olhos chegam a brilhar quando diz sobre a felicidade em trabalhar em nossa casa e lembrar da sua mãe.

— Já estive no Brasil, Lorenzo?

— *Cuatro veces. Es un lindo país.*

Traduzindo a apreciação em um gesto, ele abre um sorriso, deixando à mostra dentes perfeitos e uma covinha sensual no queixo. Sacudo a cabeça. É loucura minha ou estou cobiçando o rapaz?

— O que faz trabalhando em um dia tão lindo, Lorenzo? Deveria estar passeando com sua esposa, ou namorada. — Estranhamente, fico curiosa e estremecida com seus olhares intensos.

— *No hay mejor compañía que la naturaleza.*

Surpreendo-me com sua resposta sucinta. Então ele prefere a natureza no lugar de boa companhia.

— Agora entendo por que o jardim é tão lindo.

— *Sólo hago lo que puedo. Los méritos son de las plantas.*

— A natureza pode fazer seu papel, mas suas mãos têm sido muito úteis a ela. — Retribuo a gentileza que me fez quando disse que fui esplêndida. — O jardim ganhou vida com a sua chegada.

Eloquente e sedutor, ele me fita.

— *Nunca se quejan de mis manos.*

— Deve usá-las muito. — Olhos negros se arregalam, juntamente com a sobrancelha que se levanta, no mesmo instante em que percebo o que acabo de insinuar.

— *Como jardinero y como hombre libre. Estoy contento con mis habilidades.*

Livre? Ele responde com conotação dúbia. Sem graça, mordo os lábios, nervosa e constrangida. O que ele quis dizer com sua habilidade como homem e jardineiro? O telefone toca, e eu me lembro de que Mercedes não veio hoje. Por um instante, me sinto mal e, ao mesmo tempo, aliviada, por ter de interromper nossa conversa.

— Lorenzo, se me dá licença, preciso atender a uma ligação.

— *Esta semana voy a estar aquí. Hablamos. Una vez más, discúlpeme.*

— *Hablamos.*

Viro-me e pergunto-me: o que foi isso? Sinto Lorenzo me olhar enquanto me afasto. Será que a falta de amizades na Espanha me fez tão carente a ponto de desejar ficar conversando com o jardineiro? Não que eu seja preconceituosa, mas não tem cabimento tudo o que acabou de acontecer e ainda me sentir à vontade ao conversar com ele.



Capítulo 10

Assistindo ao noticiário, ouço o repórter confirmar as informações que Walter mencionou no telefone há poucos minutos.

“Ainda não se sabe o número de vítimas no acidente do ônibus dos trabalhadores. Em nota, os dirigentes da Sidercon informaram que estão acompanhando a identificação de todas junto dos familiares”.

Desligo a televisão, sensibilizada pelas famílias e praticamente conformada por ficar mais um dia sem a presença do meu marido. Hoje foi essa fatalidade, ontem uma reunião de última hora, a semana passada a chegada de novos investidores, e assim tem sido sempre... Muitos planos e poucas ações. Começo a me questionar em que parte da vida dele eu me encaixo. Qual a minha importância nisso tudo. Será que ele realmente se importa comigo?

Ele ainda me questionou na ligação, surpreso, se estava tudo bem. O que esperava ouvir? Largue tudo e volte para mim? Eles não são sua família! Venha para sua esposa que está em casa, esperando-o sedenta, louca por seus toques e carícias...

Não! Não mais. Cansei de correr atrás dele, anular minhas vontades e desejos por um homem que me coloca em último plano.

Nossas discussões intermináveis nunca nos levam a lugar algum. Não será agora que isso vai mudar.

Acho que os últimos acontecimentos me fizeram ver que somos duas pessoas irreconhecíveis uma para a outra. Ele, por não saber que cheguei ao meu limite, e eu, por não saber qual é o seu limite.

Contenho meu fôlego e suprimo o desejo imenso de gritar, largar tudo como está e fugir, sem rumo, pesos ou responsabilidades que não são apenas minhas.

Não queria passar o dia sozinha, mas era inevitável. Almoçar acompanhada apenas do eco da minha voz, circular pela imensa casa sem ter nada fora do lugar para ajeitar... Um longo dia de espera, como tantos outros. Esperando pela noite, esperando para adormecer sozinha, sem noção do horário que Walter voltaria para casa.

Tinha de respirar, precisava ficar calma. Talvez estivesse fazendo tempestade em copo d'água. Para distrair, fui até o mercado, tentar ocupar o tempo, e aproveitei para dar uma volta por Marbella.

Situada na chamada Costa do Sol, no Sul da Espanha, a cidade é conhecida por ser um dos balneários mais badalados do país. As pessoas que andam pelas ruas são lindas, transpiram riqueza. A arquitetura local ostenta charme tanto em seu centro histórico quanto na extensa orla marítima. Vejo casais de mãos dadas passeando pelos parques verdes, famílias sentadas nos restaurantes, e a solidão me diz que é hora de voltar.

Em casa, já ao entardecer, tiro as compras do carro e dou uma volta pelos ambientes fechando as janelas. Na sala de dança, agito a cabeça ao avistar, no centro, um copo-de-leite no chão.

— Walter? — chamo por ele várias vezes, sem resposta. Engraçado... Não vi seu carro na garagem. Cruzo lentamente a sala para recolher a flor aveludada. — Que bom que você chegou mais cedo! — grito para ele me ouvir. — Não

sabia mais o que fazer sozinha... — desabafo, feliz. Apanho a flor, que tem junto um bilhete escrito em um papel gasto.

Gracias por la presentación con tanta suavidad. No creio que haya un regalo más adecuado al baile que tuve el placer de desfrutar.

Minhas mãos tremem quando leio.

“Obrigado por sua apresentação tão suave. Não creio que exista um presente mais adequado do que a dança que eu tive o prazer de desfrutar.”

Perdoe-me novamente.

É apenas uma congratulação, Malu, repito para mim, com medo da crescente intimidade que esse gesto possa representar. Não quero experimentar sentir simpatia pelo comportamento gentil de um quase desconhecido. Não quando estou tão vulnerável aos meus problemas existenciais.

Meu Deus! Esse copo-de-leite é lindo. Como uma flor tão bela pode ser venenosa, tanto quanto a situação em que ela foi me presenteada. Quanta incoerência em tudo o que ela simboliza. Amei o gesto, mas não posso demonstrar os meus sentimentos ao recebê-la. Esta flor é romântica e, ao mesmo tempo, ilícita. Cair nessa armadilha, me encantar por sua majestosa representação, pode me causar um grande problema.

Aspiro seu aroma doce, parecendo uma adolescente, segurando-a com as duas mãos, contrariada em admitir que gostei de ganhar a flor do Lorenzo.

Amasso o papel sem querer profetizar o que tudo isso pode representar. Chego à janela e faço uma varredura com o olhar pelo jardim para saber se ele ainda está lá.

Nada... Olho para um lado e para o outro e não o vejo. Nunca senti tanto desejo de agradecer a alguém, mesmo sabendo que isso podia ser perigoso.

Que os anjos me ajudem a me proteger de qualquer tentação. Estaria alucinando, perdida em devaneios fantasiosos? Que besteira eu estava pensando. Foi apenas um bilhete, é claro... Mas por que eu me sentiria assim?

Desisto de toda a sandice e sigo para guardar as compras que deixei na dispensa.

Walter

Passava de uma da madrugada quando cheguei em casa. Tento me levantar, mas quase não tenho forças, de tão cansado que estou. Foi difícil acompanhar e amparar todas aquelas famílias. Ir e voltar de Málaga a Barcelona, de avião, foi cansativo demais. Mas deixar Malu sozinha em casa não me pareceu uma boa ideia.

Ouçó o som da água escorrer no banheiro e deduzo que ela já tenha acordado. Imagino a discussão matinal que teremos e não posso lhe tirar a razão.

Ontem a provocadora me fez pensar na sua boca envolta no meu pênis o dia todo. A ereção só sumiu quando levei o choque da notícia sobre o acidente do ônibus da empresa. Uma verdadeira tragédia!

Desço para apanhar um copo com água e despertar. Um copo-de-leite me chama a atenção, em um fino vaso no meio da mesa.

Ao fitar a flor solitária, vejo como estou displicente e negligente com a minha esposa.

Ultimamente, eu e a Malu travamos imensas discussões e, sempre que planejo respostas para suas reclamações, tentando anteceder suas abordagens, sou pego de surpresa com seus argumentos. Ela sempre tem uma resposta inesperada. Isso me deixa sem ação.

É exatamente nessas horas que ela diz tudo o que acha e tenho certeza de que minha frustração transparece. Se digo que aí é que ela se engana, ela bufa e me pergunta onde está enganada. Na verdade, sou eu que ando por uma vida toda correndo atrás da minha ambição de vencer profissionalmente, para dar a ela e Bya o melhor e acabo pecando, deixando-a de lado. Quando tudo isso vem acompanhado por seu choro, meu coração se parte ao meio, e eu decido dar um basta na loucura profissional que sigo. No entanto, os problemas na empresa surgem e me forçam a uma virada de planos, fazendo tudo voltar à estaca zero.

Malu merecia dúzias de rosas para me desculpar por não cumprir a promessa que fiz de jantar com ela em vários dias desta semana. Porém, pelo horário e pela correria, não tive tempo de pensar nisso, e a flor no solitário me parece cair bem para um pedido de desculpa.

Os azulejos suados de vapor mostram a temperatura da ducha e um aroma de rosas paira no ar. Vejo pelo vidro embaçado o contorno do seu corpo, e sua imagem deslizando as mãos pelas curvas enquanto se ensaboa me deixa duro.

Não sei se ela já percebeu minha presença, mas concluo, pela forma como explora o corpo, que é a minha provocadora de sempre. A mulher que me leva à loucura diversas vezes.

Ela enfia a cabeça embaixo d'água e leva as mãos ao cabelo para tirar o xampu. A posição a faz empinar seus seios e mostrar o quanto os mamilos estão intumescidos.

Quanto um marido pode desejar sua esposa e nunca cansar de querê-la?

Não consigo me manter afastado. Desde o dia anterior, sinto que preciso estar dentro dela...

Abro a porta do box e agora tenho a certeza de que ela nota a minha presença.

— Já estou saindo — diz ela como se desculpando por estar no chuveiro e me atrapalhando. Admiro sua submissão em querer me agradar.

— Fique. Adorei saber que você estava no banho.

Seus olhos me encaram. Tomado vorazmente por satisfação em ver seu sorriso, encurralo-a contra a parede.

— Não consegui esperá-lo.

— Cheguei muito tarde. Não havia a necessidade de me esperar. — Seu peito sobe e desce, e eu o pressiono com o meu, sentindo a pele escorregadia, excitante, massageá-lo. Pressiono o tórax nos seus seios macios. Amo o contato da nossa pele. Ela morde o lábio inferior, mostrando sua doçura atrevida, erguendo o rosto. Não resisto à sua boca. Abaixo minha cabeça e cubro seus lábios. — Sinto muito.

— Você não tinha opção.

Sua voz soa magoada, mas ainda assim compreensiva. Minha esposa é linda. Perfeita. Minha companheira. Ela fica na ponta dos pés para roçar sua virilha na minha ereção. Meu peito arde de desejo. Pressiono-a mais, mostrando que quem vai dominar hoje sou eu. Ali quem devia um pedido de desculpa era eu, e não ela. Não tinha que me aceitar sendo compreensiva. Eu estarei no comando dessa vez. Ela tenta tomar as rédeas e eu interrompo o beijo entre palavras e a viro de costas.

— Não tive. Mas agora eu tenho. — Pressiono seus seios contra a parede e puxo seu quadril de encontro à minha ereção. Ela geme, e isso é música para meus ouvidos. — Não precisamos programar algo para ser gostoso. — Passo a mão por entre suas pernas e encontro seu ponto macio, quente, túrgido. Flexiono os joelhos um pouco para me encaixar entre suas nádegas, enquanto acaricio seu monte de Vênus.

Molhada como um dia chuvoso, meu dedo desliza livremente para seu interior. Quero me enterrar dentro dela, ser envolvido, mas ela merece um pouquinho de tortura, pelo que fez comigo, me deixando na mão quando quis fazer charme. Suas pernas prendem minha mão, mostrando querer mais, e eu recuo.

Meu membro parece ouvi-la e se posiciona na abertura, deslizando até sua entrada.

— Walter, estou esperando. — Rouca, ela abre as pernas. — Logo seu celular começa a tocar e você vai me abandonar mais uma vez. Não pare agora!

Sua advertência é desnecessária para o momento, mas não deixa de ser verdade. Comprometi-me a estar cedo no escritório para cuidar pessoalmente de todos os detalhes relativos ao acidente.

— Eles podem esperar. — Brinco em um vaivém delirante.

— Mas eu não. — Ela suga meu membro para dentro de si. Sinto-me penetrando-a até o fundo.

O sexo com ela é intenso, me enlouquece, as arremetidas e sua acolhida me fazem explodir de tesão, sem tempo de me conter. Abraço-a como me desculpando por não conseguir esperá-la e a massajeio até ouvir seus gemidos e suspiros de prazer, extasiada.

Ela se vira para mim. Parece satisfeita, mas eu não estou. Não consigo me controlar e quero dar mais a ela. Não era certo eu possuí-la assim, quando no dia anterior, ela disse, com brilho nos olhos, que havia preparado algo especial para nós.



Capítulo 11

Passo a toalha pelo corpo enquanto caminho para o quarto, surpresa por ter sido atacada no banho pelo meu marido. Perdi as contas de quantas vezes nesses anos fantasiei e ansiei para ele chegar de surpresa no meio da tarde e me jogar nos lençóis ou invadir o boxe e me possuir, como fez há pouco.

Meu coração desacelera por alguns segundos quando vejo um copo-de-leite sobre o vestido que deixei na poltrona.

— Meu Deus! — Levo a mão ao peito. Será que o Lorenzo entraria no meu quarto?

— Você a encontrou? — Dou um pulo, assustada.

— Achei que a agradaria ser surpreendida por uma flor. — Viro-me para ele, que se aproxima. Não consigo encará-lo, minhas mãos tremem e as pernas bambeiam. — Se soubesse que ficaria ruborizada desse jeito, teria levado a flor comigo no banho. — Sua mão toca meu ombro, e seus dedos descem trilhando carícias, entrelaçando-os na minha mão. — Suas mãos estão frias.

— Onde você pegou esse copo-de-leite? — Forço um sorriso, causando dor na mandíbula.

— Apanhei no solitário sobre a mesa... Quis agradá-la. — Prático? Esse é o alto executivo com quem me casei. Irônico, não é? A mesma flor recebida, com dois significados tão divergentes. Um pedido de desculpas com admiração e outro improvisado.

— Não precisava.

— Sei que não. Acontece que eu quis. Se o dia não tivesse sido tão estressante, poderia ter cuidado pessoalmente de enviar flores com um pedido de desculpa. — Ele beija minha testa e se afasta, pegando o celular.

— Desculpa? Você tinha suas responsabilidades, não é mesmo? — respondo com certo sarcasmo enquanto me visto.

— Não me lembre disso. Hoje não será melhor que ontem. — Percebo por sua resposta que não deu atenção à ironia das minhas palavras.

Colocando o vestido, vejo que seu semblante já mudou para o de executivo preocupado. Nada de perguntar como foi meu dia, o que fiz. Mas o que eu queria? Como é de praxe, para ele sou eu que devo fazer as perguntas. Acaso tenho esperanças de que ele acredite que meus afazeres domésticos são mais importantes que sua atribulada vida profissional?

— Deve ter sido tudo muito desgastante. E o que você terá mesmo que fazer hoje?

Seus olhos encontram os meus. Acho que essa é a primeira vez que o desafio...

Espero sua resposta prontamente para rebater. O clima, por um momento, fica tenso, mas o telefone da sala toca junto com seus lábios que se abrem para retrucar, e seus dedos que fecham os botões da camisa.

— Tenho muitas providências a tomar. — O telefone insiste. Imagino que tenha! Até porque ele é o único na siderúrgica para resolver os problemas... Óbvio que não deixaria algo escapar aos seus olhos. — Vai atender? — indaga, sério. É o que faço em seguida.

— Mãe?

— Filha, que saudade! — digo, empolgada. Aquela era a primeira viagem sozinha de Beatriz. Ela nem ao menos já dormiu na casa de alguma amiga. Quando, na reunião da escola, informaram sobre esse cruzeiro de três dias com os alunos do último ano do colégio, fui a primeira a incentivá-la.

— Mãe, quanto drama! Estou fora de casa faz um dia apenas.

— Só isso? Jurava que era uma eternidade.

— Tá bem... A senhora pensa que não vi a felicidade nos seus olhos quando descobriu que ficaria sozinha com o papai. Olha lá vocês, hein? Não quero um irmãozinho quando voltar.

— Conta pra mim... Como está a viagem? — Mudo de assunto.

— Chata!

Por que será que sua resposta sucinta não me espanta? Beatriz não queria fazer esse cruzeiro de jeito nenhum. Nós duas somos muito parecidas no que diz respeito a apego a novas amizades. Talvez pelas inúmeras mudanças de países, não nos aproximamos de ninguém. Medo do apego, talvez... Por isso, ela é minha melhor amiga desde sempre.

— Tenta aproveitar.

— Aproveitarei. E vocês? Estão aproveitando?

— Seu pai está aqui mandando um beijo.

— Mãe, está tudo bem?

Sua voz soa preocupada. A despeito dos meus problemas com seu pai, ela sempre capta no ar quando alguma coisa não está bem.

— Tudo bem, amor. Seu pai teve que trabalhar até mais tarde ontem e eu aproveitei para fazer umas comprinhas.

— Trabalhar? Ontem foi feriado. Você fez tantos planos...

Olho as águas do Mediterrâneo através da janela e me lembro dos planos que fiz, mas prefiro não falar nada sobre o assunto.

— Teremos muitos feriados pela frente. Quer dar uma palavrinha com ele?
— Olho para Walter e o vejo mexendo no celular. — Querida, acredito não ser possível. Ele está no telefone.

— Mande um beijo para ele e diga que eu exijo que tire o dia de folga.

Sorrio como se isso fosse possível. Até parece que ele tiraria um dia de folga, mesmo que o pedido viesse da filha.

— Vou dizer.

— Mãe, preciso desligar. Esses monitores acham que somos retardados. Ficam anunciando os minutos que temos para cada evento. Beijos.

— Vai lá. Beijos, querida.

Saudosa e consciente de que terei mais um dia solitário, desvio meus olhos quando desligo o telefone. Observando-o, percebo que não ouviu uma palavra que eu troquei com Beatriz.

— Beatriz mandou beijos. — Seus olhos brilham. Ele é apaixonado por ela. Não sei como não pediu para trocar algumas palavras. — Problemas?

— Malu, prepara uma mala pequena. Estamos indo para Barcelona.

Ele não pede. Praticamente ordena.

— Estamos indo para onde? — Reviro os olhos, frustrada; não por ir para Barcelona, mas sim pela forma como ele fala comigo.

— Precisarei ficar até amanhã em Barcelona. Não vou deixá-la sozinha em casa. Lá poderemos passar algum tempo juntos e apreciar a cidade. O que acha?

Será que ele me imagina esperançosa de aproveitarmos algum tempo juntos? Ficarei, se muito, presa no hotel... Ou andando solitária pelas ruas da cidade.

— Walter, não há motivos para se preocupar em me deixar sozinha. — Adianto-me, tentando demovê-lo de tão absurda ideia.

— Não é preocupação. Só quero passar um tempo com a minha esposa em outros ares. — Sua expressão muda. Ele é especialista em adequar seus desejos, utilizando de toda a sedução possível para me convencer. — Não vai me negar passarmos alguns momentos juntos, não é?

— É irônico você me pedir isso — alfineto.

— Não entendo você, sabia? — Os traços do seu rosto não demonstram o que está por vir e sou pega de surpresa por seu braço comprido, que puxa meu corpo para próximo do seu. Será que homem tem sexto sentido? Será que ele desconfia que ontem fui cortejada pelo Lorenzo? Não é possível! Excita-me essa possessão, mesmo que involuntária... Sinto os pelos da nuca se arrepiarem por sua aproximação. — Você vive reclamando que viajo e nunca a levo. Agora que faço o convite, quer me convencer de que não é necessário?

Sinto-me gloriosa diante da expectativa de me desmanchar em suas mãos, pela segunda vez na mesma manhã. Meu olhar passeia por seus ombros largos. Quanto tempo fazia desde a última vez que eu fiquei assim próxima a ele, ofegante, sem saber qual rumo ele irá tomar?

— Não quero dizer que acho desnecessário. Simplesmente acredito que você não terá tempo para ficarmos juntos. — Ofegante, desabafo diante do sorriso charmoso e suave que marca sua boca.

— Permito-me dizer que minha esposa vem sendo muito negligenciada por mim. — Sua voz rouca, cheias de confissões, envolve meus sentidos, fazendo minha pele se arrepiar. Walter ergue a mão para acariciar meu rosto e a desliza pelo meu cabelo. A excitação vibra em mim.

— Não seja ironicamente condescendente comigo. Eu sei que você está falando isso só para me convencer a acompanhá-lo.

— Nada me atrai mais que um desafio em provar à minha esposa que está redondamente enganada.

Poderia dizer que sua ameaça não teria nada de obsceno não fossem suas mãos com segundas intenções abrirem o zíper do meu vestido. Vejo suas narinas se inflarem, seu peito estufar convencido em ver como meu corpo responde a ele, enquanto o vestido escorrega, parando aos meus pés. Suspensa em seu colo, sou levada para a cama.

— Não está atrasado? — pergunto sorrindo, satisfeita e totalmente convencida de que ele está disposto a me dar mais atenção, crente que pode ser o início de novos tempos.

— Suspeito que o jatinho da empresa possa esperar. Tenho uma passageira que precisa ser convencida a embarcar nele. — Tomando meus lábios, ele me tem entregue a seu beijo saqueador, faminto e cheio de promessas.



Capítulo 12

Aceno com a echarpe para Beatriz, que retribui sorrindo enquanto desembarca do navio.

Um dos únicos privilégios de ser casada com um executivo do ramo da siderurgia é poder contar com um jatinho à sua disposição. Agradeço aos céus por não ficar um minuto a mais em Barcelona. Como previa, minha estada lá não foi diferente, tendo em vista que Walter se enrolou mais do que pretendia, segundo as palavras dele, e acabou me enviando um motorista para que eu pudesse passear. Quase devolvi o motorista com um laço vermelho de presente no pescoço e um bilhete mandando-o para o inferno. Não entendo até agora por que toda aquela encenação de marido atencioso comigo se mal saímos de casa e ele já estava pendurado no celular, falando com o mundo. Em Barcelona, tirando o café da manhã de vinte minutos que tomamos juntos, praticamente nem nos vimos. Desculpa! Essas foram as palavras repetidas por ele diversas vezes. Estou farta disso!

— Mãe! — Beatriz me chama, mais empolgada do que nunca. Larga a mochila no chão e corre até mim, como se ainda fosse uma criança.

— Que saudades, filha!

— Também! — Ela me beija e me abraça forte, e eu retribuo. Como é bom amar e ser retribuída.

— Como foi a viagem?

— Cansativa.

Seu sorriso permanente estampado no rosto. Ela parece absolutamente satisfeita. Mesmo que eu esteja morrendo de curiosidade para saber sobre a viagem, sei que minha filha não dará mais detalhes. Desde pequena, ela sempre gostou de *dar* notícias e não de *ser* a notícia. Então, mais cedo ou mais tarde, saberei o motivo desse sorriso largo.

— Você me parece tão bem... Está bronzeada e com a pele ótima. Não acho que o passeio tenha sido apenas cansativo...

— Não estou dizendo isso. — Ela torce a boca. — Para falar a verdade, renovada é uma boa definição. Cansativas foram as pessoas fúteis e a quantidade de monitores tratando a todos como criancinhas.

— Com tantas escolas reunidas, o excesso de zelo é importante, não acha? Vamos para casa?

— Se não se importar, queria passear um pouco em Málaga.

— Você jura que quer fazer isso hoje?

— Por que não?

— Nós duas acabamos de chegar de viagem. O que acha de voltarmos outro dia?

— Como assim acabamos de voltar de viagem? — Ela me fita, surpresa.

— Eu estava com seu pai em Barcelona.

— Quer dizer que os pombinhos fizeram uma viagem de lua de mel?

Engulo em seco a angústia e minha garganta apertada, antes de tentar explicar o ocorrido.

— Poderia até ter sido se o seu pai não fosse um homem tão ocupado.

— Você não vai me dizer que ele levou você para Barcelona e ficou trabalhando?

— Exatamente nessa ordem.

— Por falar nisso, onde ele está que não veio junto com a senhora me buscar? — indaga, olhando para os lados.

— Ainda em Barcelona. Está enrolado com um acidente que aconteceu há três dias com um ônibus que levava os operários para trabalhar.

— Foi grave?

— Um pouco... Agora me diga por onde devemos começar a “turistar” em Málaga?

Mudo de assunto, já que sempre privei Bya dos meus conflitos com Walter. Tenho certeza de que muitas vezes ela ouviu algumas discussões, porém nunca foi nada além disso. Nunca me queixei sobre nada e não há necessidade de ela saber quais são as minhas frustrações. Caminhamos juntas até o carro, e vejo o motorista que Walter contratou nos esperando.

— Com um motorista à nossa disposição, você ainda estava pensando em não conhecer Málaga? — indaga ela, com um brilho nos olhos.

— *Bienvenida, señorita!* — O senhor a cumprimenta e abre o porta-malas para colocar sua mochila.

— Mãe, que plantas são essas?

— Ah! Comprei em Barcelona em uma exposição de flores. Você mesma vive dizendo que nosso jardim é muito verde. Pensei em colori-lo um pouco.

— Adorei a ideia. — Beatriz sempre foi encantada com a beleza das flores. Até a mais singela que encontrasse queria levar para casa e, logo que chegava,

cuidava de cavar um cantinho de terra ou encontrar um vasinho para plantar. Os moldes de menina delicada e sempre impecável nunca foram seu forte, pois vivia com as unhas sujas de terra.

— O jardineiro terá trabalho. Você exagerou na quantidade — concluiu, contando as mudas.

— Não estava pensando em deixar o jardineiro plantá-las.

— Não?

— Pensei em fazermos isso juntas — afirmei, sorrindo para ela.

— Se as provas finais me permitirem, vamos cavoucar aquele jardim!

— Vamos, sim. — Animada, entro no carro. Nem eu imaginei que tivesse comprado tantas mudas de azaleias, antúrios e outras enquanto passeava pela exposição. Quando dizem que o consumismo tem a ver com seu estado de espírito, acredito que tenham razão.

Málaga é uma cidade litorânea encantadora. Nossa primeira parada é no Mirante de Gibralfaro, cuja localização histórica e estratégica faz dele ponto de referência para poetas e historiadores.

— Vamos, mãe, fôlego! — Ofegante, Bya me incentiva a subir o caminho direto até o Mirante.

A vista para o Mediterrâneo e o centro da cidade é linda. Mas a subida... Essa é de matar. Não foi por falta de aviso: nosso motorista, sr. Afonso, mencionou que precisaríamos de fôlego... Só não imaginei que fosse tanto.

— Fotos! — Ela me fotografa em vários ângulos. — *Saca una fotografia de nosotras.*

— Por favor — repreendo-a por entregar a câmera para um senhor sem pedir com educação. Somos muito cúmplices uma da outra. Na maioria das vezes, não precisamos dizer nada para nos entendermos. Os flashes disparam, e sorrimos abraçadas, com uma linda paisagem de fundo. Fazemos várias poses. Acabo ficando melancólica em meio aos sorrisos, pelo fato de Walter não estar ali, aproveitando conosco.

O senhor devolve a câmera para ela.

— *Gracias* — Debochada, pisca para mim, mostrando que é educada. Pensativa e nostálgica, meu bom humor volta com seu atrevimento.

— Vai encarar o Castelo de Gibralfaro ou vai desistir no meio do caminho?

— Tenho pernas para descer e subir mais algumas vezes, mas, se você estiver cansada, me espera aqui que volto logo.

— Sendo assim, te espero lá em cima. — Ela vai caminhando na minha frente a passos largos.

A subida, a partir de La Casa del Jardinero, é um pouco difícil. Bya perde o ritmo, e eu passo por ela, brincando.

— Acho que quem vai te esperar lá em cima sou eu.

Como duas adolescentes, provocamo-nos. Entusiasmadas com a diversão, subimos brincando e, enfim, com as pernas trêmulas e a respiração acelerada, chegamos à entrada do castelo juntas.

— Que lindo! Um verdadeiro monumento, muito bem conservado — diz ela, radiante.

— Valeu a pena a subida. Passeio perfeito...

O castelo era uma fortaleza que servia para proteger a cidade de Málaga. Tem uma muralha que cerca a cidade... A vista é deslumbrante. Registramos muitas fotos da paisagem, de nós duas juntas, para que aquele dia ficasse marcado.

— Ainda bem que o sr. Afonso disse que nos esperaria aqui para descermos de carro. Por que não o ouvimos e subimos de carro?

— Porque perderíamos a diversão. Foi bom eu mostrar a você que estou em forma e consegui caminhar à sua frente por diversos momentos. — Eu a abraço, seguindo para o carro.

Ela sorri e não discorda. Beatriz é excelente companhia. Já no carro, o sr. Afonso sugere que conheçamos o Museo Picasso Málaga. Orgulhoso, conta que o pintor nasceu na cidade, e nós aproveitamos para conhecer o local que fica em um pequeno palácio.

— O prédio por si só é um charme — digo, animada e encantada.

— Esse museu é bem didático, não acha? — Sorrio com as observações de Beatriz.

— É bom conhecer um pouco da vida dele. Picasso era brilhante! Dá vontade de conhecer mais, já que o acervo, infelizmente, não é muito grande.

— Vem! Vamos assistir ao vídeo que conta um pouco sobre ele. — Impulsiva, ela me puxa pela mão para o local.

A exposição humaniza o pintor, e eu adorei conhecer um pouco mais sobre a vida e as fases artísticas de Pablo Picasso. A entrada ao museu deu direito a um tour com audioguia, onde foram explicadas as histórias e a construção de cada obra. É um museu para se visitar com calma e a mente aberta.

— Cansada?

— Um pouquinho.

— Acho melhor voltarmos para casa. Ainda temos uma estrada para Marbella.

— Ótima ideia. — Juntas, saímos do museu de mãos dadas. — Mãe, adorei passar o dia com você!

— Eu também, minha menina.



Capítulo 13

Na manhã seguinte, procurei Lorenzo para pedir que plantasse as flores no jardim, mas não o encontrei. Fiquei preocupada, pensando que as mudas poderiam não resistir depois de passar um dia inteiro praticamente no portamalas.

Encorajada pelo desafio, Beatriz arregaçou as mangas, chamou-me para ajudá-la e botamos a mão na massa... Ou melhor, na terra. No meio da manhã, recebemos a ajuda do Lorenzo, que nos encontrou sujas até a testa, em dúvida se estávamos fazendo certo. Ele acabou nos ajudando com toda a paciência do mundo, explicando as técnicas de plantio.

Hoje, pouco mais de uma semana dessa aventura, caminho pelo jardim. Olho com orgulho para as mudas que começam a crescer e penso, com tristeza, como Walter e eu estamos cada vez mais distantes, pensando diferente um do outro. Enquanto achei extremamente prazeroso passar aqueles momentos com a Beatriz, com as mãos na terra, para ele a pequena tarefa não significou muito. No jantar, quando, animadas, contamos a nossa proeza, ele simplesmente sorriu e disse “muito bem”, sem ao menos perder cinco minutos do seu precioso tempo para ver o trabalho que tínhamos realizado juntas.

— *As mudas gostaram do suelo.*

A voz grave e o sotaque espanhol acentuado atingem partes do meu íntimo, fazendo com que eu me vire em sua direção.

— Lorenzo!? Vejo que está levando a sério os conselhos da Beatriz em exercitar o português — comento, sorrindo.

— *Como ela diz, praticando o portunhol.* — Ele dá de ombros. — *A señora precisa de alguma coisa?*

— Já disse que não precisa de formalidade, Lorenzo. Gostaria que seguisse meus conselhos também e me chamasse de Malu.

Temos mantido conversas esporádicas por todas as semanas, e ele insiste em me chamar de *señora* para cá, *señora* para lá. Nenhuma das empregadas da casa me chama assim. Sempre detestei essa formalidade. Não acho que o respeito se conquista por rótulos.

— *Perdón, Malu.* — Ele pronuncia meu apelido como se o saboreasse, com uma exótica entonação estrangeira. Ele olha intensamente a minha boca, e a sinto formigar. Umedeço os lábios, para me impedir de fantasiar sobre qualquer coisa. Desvio os olhos dele. Lorenzo parece perceber meu desconforto e diz algo casual: — As mudas estão indo bem.

— Parece que sim. Exceto as de antúrios. Admito que você tinha razão: o sol não fez bem para elas.

Achei que os antúrios ficariam perfeitos próximos à entrada do portão, e Lorenzo afirmou que não era um bom lugar, que eles não aguentariam, pois pegariam o sol do dia todo. Teimosa, quis provar para ele que era ali que eu os queria. Além disso, o vendedor, que se dizia produtor das flores, tinha afirmado que elas gostavam de luminosidade. Confesso que minha decisão foi como lançar mão de ferro contra mim mesma para tentar provar ser imune a ele, diante da atração latente que não podia sentir.

— *No tem culpa.* — Ele dá um passo em minha direção como se quisesse me confortar. — *Foi el produtor que disse a usted que ela gostava de la luminosidad.*

Ah, meu Deus! Ele mal se move, e eu sinto o calor do seu corpo... O mundo ao meu redor parece diminuir quando estou perto desse homem.

— Ele disse luminosidade e não exposta ao sol. Coitadas das mudinhas! Estão murchas.

Lorenzo abre um enorme sorriso, surpreendentemente atraente.

— *Faremos algo por ellas. Si?*

A ideia de fazermos algo juntos me tira o fôlego. Devo estar ficando louca: desde quando podia me permitir ao desfrute de fantasiar alguma coisa com um homem que não fosse o meu marido? Talvez a saudade do Walter, que está viajando há cinco dias, esteja fazendo mal para meus hormônios... Olho para ele e vejo que espera uma resposta. Sua feição demonstra que sabe o que estou sentindo. Muito abalada, dou um passo atrás, tentando me convencer de que minha reação a Lorenzo se deve ao fato de ele ser atencioso demais e não por ter algo de selvagem e predatório em seus gestos, que me fazem sentir uma presa no abate.

— Como?

— *Entre las palmeiras elas vão reagir bien.* — Sua voz soa baixo. Assinto sem fazer comentários, apenas concordando.

— Você me ajuda a trocar de lugar?

— *Puede deixar, Malu. Yo cuido disso.*

— De jeito nenhum. Fui teimosa, portanto, eu o ajudarei.

— *No es à toa que se diz que o antúrio es una ótima flor para regalar a las mujeres cheias de confiança.* — Ele responde em um portunhol desastroso, pega a enxada, coloca no ombro e se vira.

Faço uma pausa, tentando entender o que ele quis dizer. *Malu, Maluzinha, pare com esses pensamentos.* Não existe nenhuma química ou conotação erótica entre vocês.

— Será que as mudas vão sentir muito com essa mudança? — Eu o sigo enquanto ele caminha sem se virar para mim. Enfim, responde.

— *Voy fertilizar o solo com terra vegetal e fibra de coco.*

Céus! Caio na tentação de olhá-lo novamente e vejo-o bater com a enxada entre um pequeno espaço entre as palmeiras. Admiro os traços másculos do rosto e o seu jeito rústico. Suas mãos seguram firmemente o cabo da ferramenta, e os braços retos fazem força para cavoucar a terra. Volto a sentir aquela confusão pervertida que desperta meus sentidos. Ele ergue a cabeça, e seus olhos encontram os meus. Meu Deus! Eu preciso me proteger desse homem.

— Quando foi que decidiu ser jardineiro?

— *Yo ainda era pequeno* — diz, agachado e mexendo na terra.

— Muito? — pergunto, curiosa.

— *Sim.* — Ele afofa a terra, pegando um punhado na mão. Estuda-a entre os dedos. Acompanho tudo em câmera lenta. — *O solo aqui é úmido, perfeito para as mudas de antúrios.* — Pegando a palma da minha mão, Lorenzo derruba sobre ela um punhado de terra. Respiro fundo, dividida entre o moral e imoral. — *En la infancia, acompañava mis padres na lavoura e mi passatempo predileto siempre foi brincar com la tierra.* — Segurando minha mão, seu polegar circula a areia áspera sobre a minha pele. — *Nunca me liguei muito no processo de germinação. Meu negócio era correr de um lado a outro e rolar sobre a terra. Yo só prestava atenção quando mis padres passavam horas limpando a horta e retirando ervas daninhas. Um dia, mi padre não pôde ir à lavoura e, enquanto mi madre se distraía com o trabalho, yo acreditei que ia ajudar e tirei todos os*

matinhos de um canteiro na horta. O que yo no sabia era que no eram ervas daninhas e sim brotinhos de rúcula, que haviam começado a crescer.

Seus movimentos circulares continuam... A tensão absurda que se acumula em cada parte do meu corpo se amplia. Levo minha mão à boca, abafando um riso nervoso.

— Meu Deus! — Minha voz sai estremecida. Limpo a garganta e concluo. — Que menino levado!

— *No se espante. Foi bueno lo que aconteceu.*

— Bom? — pergunto, confusa, sem saber se ele diz que foi bom por ter segurado a minha mão ou porque gostou de arrancar as mudinhas. Vejo as veias em sua têmpora pulsarem; a mandíbula dele parece travar. Ele inspira fundo e, por instantes, fecha os olhos. Então, dá de ombros e se afasta. Sua boca abre um sorriso, deixando-me ansiosa pela resposta.

— *Foi bueno porque mi padre descobriu e mi fez replantar todas las muditas. A partir de ahí, descubri mi pasión.*

— Grande lição.

— *La vida é uma grande lección. Vou pegar as muditas, Malu.*

— Acho que você tem razão... Minha ajuda já não é mais necessária.

— *Espere!* — Ele ergue a mão e leva ao meu rosto. O ar foge do meu peito. Eu perco o fôlego e dou um passo atrás. Por segundos, o silêncio se adensa. Entro em pânico. O medo me envolve.

— Lorenzo, eu...

Em vez de afastar a mão, ele desliza preguiçosamente os dedos quentes por meu queixo. Seu toque mina todas as minhas reservas de proteção.

— *Su rosto está sujo de tierra.*

Ah, meu Deus, preciso fugir daqui!

— Obrigada! — Levo a mão gentilmente em direção dos seus dedos e tiro do meu queixo. — Vou ver se a Mercedes precisa de alguma coisa. Até logo, Lorenzo.

Meu Deus! Não é certo sentir todo esse turbilhão de emoções proibidas.



Capítulo 14

— Posso saber o que vocês estão conspirando o tempo todo? — Intercepto Beatriz na sala, depois de flagrá-la cochichando o dia todo com o pai.

— O que a faz pensar que estamos conspirando algo, amor?

Não sabia que ele estava na sala! Se o tivesse visto, perguntaria a ela em outro momento. Penso em recuar, mas hesito. Estou muito chateada ainda para encará-lo. Daquela vez, Walter havia ido longe demais. Tudo o que eu tinha pedido é que estivesse em casa no fim de semana passado para comemorarmos nossas bodas de dezoito anos. E o que ele fez? Voltou na segunda-feira, cheio de desculpas... Desculpas essas que eu não quis ouvir.

Ele viajou de novo em seguida, e retornou há dois dias. E tem escutado de mim apenas o trivial. Na maior parte do tempo, só resta o silêncio.

— O que me faz pensar que está acontecendo algo? Hum, deixe-me ver. Talvez porque, primeiro, faz anos que você não tira dois dias seguidos de folga e fica em casa. Segundo, por carregar a Beatriz para cima e para baixo, saindo com ela toda hora.

— Não posso mais sair com a nossa filha? Não foi você mesma que decidiu ficar sem falar comigo?

— Continuo com o mesmo desejo. Não acho que temos nada para conversar.

— É mesmo? Diz para sua mãe, Beatriz: temos algum segredo?

— Não sei de onde você tirou isso, mãe.

— Não sabem? Devo estar imaginando coisas, então.

O celular do Walter toca. *A conspiração acabou*, penso comigo. Decerto, o mercado da siderurgia deve estar entrando em colapso devido à sua ausência, e já o encontraram.

— Mãe, facilita para o papai. Ele não teve culpa. A filial de...

— Por favor, filha, não vamos falar sobre isso.

Minha mágoa só aumenta. Não sei o que ele anda falando com Beatriz, mas eu não gosto nada disso. Nunca me queixei do pai a ela. Muito menos pedi para que ela interviesse em qualquer discussão nossa. Como podia defendê-lo conhecendo apenas um lado da história?

— O que foi? — pergunta Walter, quando me vê sorrindo ironicamente, assim que desliga o celular. Mais uma vez, ele agiu todo misterioso, falando em códigos.

— Devo deduzir que a siderúrgica suspendeu os seus dias de alforria? — Dessa vez, não espero para falar com ele em particular, como sempre faço, privando a Bya das nossas discussões. Eu não me seguraria mais.

— Está chutando feio hoje, meu amor.

— Acredito que sim. — Sorrio ironicamente. — Por que eu não acertaria o motivo de você receber uma ligação no meio da tarde, em um dia de descanso?

— Mãe, pega leve...

— Deixa sua mãe, filha. Ela sempre tem razão. — Sua voz baixa me faz estremecer. Walter me irrita quando é condescendente comigo, porque eu sei

que faz isso para que eu não tenha argumentos a fim de seguir com a discussão.

— E sobre o que é que eu tenho razão, Walter? — Irritada, ergo meu olhar até encará-lo e lá está ele, curvando seus lábios em um sorriso que toca meu coração, fazendo-o disparar. Torno-me indefesa, laçada por seus encantos e lindos traços.

— Se vocês vão discutir, vou para meu quarto.

— Não há discussão, Bya. Não temos motivos para isso, não é, amor? — digo, sem me alterar.

Seus olhos se mostram ternos, como se estivesse me pedindo desculpas. É um olhar de rendição, de arrependimento, como se minha indiferença nesses dois dias fosse um castigo mais do que suficiente pelo seu erro.

— Exatamente. Não vamos discutir, Malu. Admito que... — As palavras morrem nos seus lábios, interrompidas por Bya.

— Já que não haverá discussão, vamos contar para a mamãe com o que o senhor vai nos presentear amanhã?

— Pode dizer. — Ele caminha incerto na minha direção.

— Papai nos deu uma manhã no spa, com direito a tudo! Ainda ganhamos três ingressos para uma ópera no Teatro Ciudad de Marbella.

Ah, meu marido sabe como tentar fazer as pazes...

— Então vocês não estavam conspirando? — Brinco com eles.

— Está vendo, Malu, como você sempre tem razão? Nada me atrai mais que estar com vocês... — Sussurrando quase de forma inaudível, ele se inclina em minha direção. Como senti saudade do calor que seu corpo causa ao meu, ao

mesmo tempo em que arrepiava a minha espinha. Ele pode ser presunçoso o quanto quiser, mas consegue despertar todos os sentidos em meu corpo, com excitação.

Walter

Certifico-me de que tudo está pronto assim que Bya me liga, dizendo que elas estão saindo do spa. Não posso me esquecer de enviar uma gratificação para os administradores do lugar. Eles fizeram exatamente como combinamos, segurando-as lá o maior tempo possível.

Com a desculpa de que estava resolvendo alguns problemas da empresa, enviei uma limusine para pegá-las, combinando de encontrá-las no teatro. Bya cumpriu sua tarefa com excelência e conseguiu convencer Malu a me pedir que enviasse suas roupas pelo motorista, já que não teriam tempo de voltarem para casa e se arrumarem. Fico imaginando a cara de surpresa da Malu quando recebeu, junto com suas roupas, um conjunto de colar e brincos cravejados de pedras azul-turquesa.

Resolvi fazer uma festa-surpresa para comemorar nossas bodas de casamento, e não foi fácil conseguir organizar tudo em três dias. Acho que eu iria até o inferno para conseguir essa proeza, para tentar amenizar a tristeza que vi nos olhos da minha esposa. Quando cheguei em casa e vi que a magoei como nunca, falhando em estar presente no dia de nosso aniversário, morri mil vezes. Nos últimos anos, foram tantos perdões concedidos por ela que pedir isso novamente seria crueldade da minha parte. Não que tenham sido injustos. O que acontece é que ela está se cansando disso tudo. Nosso contato está desgastado. Minha esposa não é mais a doce menina que eu conheci. Hoje ela é uma mulher diferente, forte, a melhor mãe que minha filha poderia ter, a amante que sempre me surpreende, com quem quero viver para o resto da minha vida.

Estava tão ansioso como no dia do nosso casamento. Ando de um lado a outro, verificando se está tudo certo com nossos convidados e cumprimentando-os, agradecendo por suas presenças. Por não termos parentes e amigos aqui em Marbella, restava convidar alguns executivos da empresa com as esposas, pessoas que eu e a Malu encontramos em algumas ocasiões. Não posso dizer que são grandes amigos, mas os mais próximos. Xingo-me mentalmente, tendo consciência de que a culpa é minha por não estabelecermos laços mais íntimos. Sei que acabei privando-a de uma vida social, com amigos de verdade, devido às nossas mudanças anuais constantes. Como Malu aguentou tudo isso?

Respiro fundo, satisfeito em ver fotos dos nossos convidados pelos telões espalhados. Tudo registrado em tempo real, quase simultaneamente. Hoje quero que Malu veja em toda a festa o quanto a amo.

Malu

Não poderia haver uma pedra mais perfeita do que essa para simbolizar o quanto amei viver ao seu lado...

Esta pedra azul representa não só o céu, mas também o mar que, assim como nosso casamento, passam por mudanças constantes. O mar tanto pode ser calmo e sereno quanto agitado. O céu pode ser límpido e azul, e também tempestuoso. Nesta etapa do nosso relacionamento, já passamos por muitas turbulências, não é mesmo? Mas o melhor de tudo isso é saber que, como depois da tempestade, sai o sol. E, da agitação do mar, surge a calmaria. Não importam quais tenham sido os desafios que tivemos de superar: eles me ensinaram que tenho a mulher mais maravilhosa do mundo e pretendo, daqui para frente, não ser culpado por criar percalços para nossa história.

Eu te amo para sempre.

W.

A mensagem que ele enviou junto com o lindo conjunto que me deu de presente não sai da minha cabeça. Sim, meu amor... Valeu cada desafio.

Estava perdida nos meus pensamentos quando me dei conta de que o caminho seguido pelo motorista não é o do teatro.

— Por que estamos voltando para casa? — pergunto.

— Papai deve ter pedido para o motorista ir buscá-lo.

— Será? — Curiosa, abro a divisória que nos separa do motorista — *Debido a qué no vamos al teatro?* — questiono.

— *El señor me pidió a buscar.*

— Que ótimo! Essa noite será demais.

Aplaudindo, vejo a Bya eufórica.

— Guardarei seu celular na minha bolsa.

Ela sorri.

— Tenho a impressão de que não será possível.

A frente do veículo desponha diante da nossa casa e estranho uma certa movimentação de carros parados e o portão aberto.

— Surpresa! — O carro mal estaciona. Ela desce correndo.

Não sei direito o que tudo isso significa. Vejo pessoas espalhadas pelo jardim e um cenário de festa montado. Começo a entender a sucessão de presentes... E sorrio.

A porta se abre lentamente e lá está o meu marido. Lindo, de terno cinza, camisa branca e gravata chumbo. Ele estende a mão para me ajudar a descer do carro.

— Vale uma festa atrasada para comemorar nossas bodas? — inquire, charmoso, enquanto sua mão me puxa sem muito esforço para fora da limusine.

— Então, o presente que me deu ontem era parte de um plano, meu marido? — Na noite anterior, quando ele me levou para o quarto depois do jantar, surpreendeu-me com uma caixa de presente. Dentro dela, estava uma linda surpresa: um longo vestido pérola que ele sugeriu que eu usasse hoje.

— Plano esse que quase não deu certo, pois a minha esposa é muito vaidosa e disse que não o usaria no teatro, já que o achou um pouco extravagante para uma ópera. — Sua voz profunda me envolve como seus braços. De frente um para o outro, sinto meu peito tocando o seu, acompanhando a sua respiração.

Esse é o meu marido. Persuasivo.

— Agradeço-o por ser tão convincente. Acho que, para este novo evento, o vestido está perfeito. — Minhas mãos formigam, ansiando por acariciá-lo. Eu as levo ao seu rosto. — Obrigada!

— Você está linda!

— Você também não está mal.

Meu corpo chega mais perto do seu. Fico quase sem respirar com tamanho aperto. Seus olhos se abrem ainda mais e me dou conta de que ele está tão nervoso quanto no dia do nosso casamento.

— Quero vê-la assim para sempre. Nunca mais quero ver a dor em seus olhos...

— Não me prometa nada, Walter.

— Não é uma promessa. É uma determinação. — Seus lábios tocam os meus. Conforto e calor preenchem o meu peito. Por instantes, a confiança

alivia a dor que estava presente dentro de mim. — Você é o meu melhor, Malu. — Vou às lágrimas, emocionada por ver em seus olhos o esforço que está fazendo para me provar que tudo será diferente. — Eu te amo!

— Amo você, Walter. — Seus lábios engolem minha declaração, e eu não me importo de ser impedida de dizer para ele tudo o que sinto, deixando que o sentimento transborde.

— Não é antes do beijo que você entrega a aliança? — Uma voz nos surpreende.

— Já temos a nossa aliança. — Sorrindo, sem separar meus lábios dos dele, respondo para Beatriz.

— Vem aqui, filha. — Ele a puxa para junto de nós. Testas coladas, os três olham para a caixinha preta que ela segura na mão. — Abra-a, Beatriz. — Ela o atende e dentro há uma meia aliança cravejada de pedras azul-turquesa. Percebo suas mãos trêmulas pegarem o anel. Não separamos as testas, firmando um círculo cúmplice entre nós. Ele pega minha mão e coloca a aliança no meu dedo. — Unidos por uma vida. — Walter me dá um beijo casto na boca e outro na testa da Beatriz, abraçando-nos com muito amor.



Capítulo 15

Estou até agora sem acreditar em tudo o que Walter preparou. Por todo o jardim onde está sendo realizada a festa, há biombos em estilo provençal, decorados com folhagens e flores. Em todos, há fotos nossas, mostrando os anos de casamento juntos. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi o vestido que usei em nosso primeiro encontro, que ele vestiu em um manequim, como se fosse uma peça rara. Nunca imaginei que ele o tinha guardado até hoje.

Conversando com amigos, Walter levanta sua taça de champanhe em um brinde, junto com uma piscada, que eu retribuo. Permaneço afastada, desinteressada dos assuntos fúteis das esposas de seus amigos, gente que eu mal conheço.

O tempo passa, os papos se estendem e eu me aproximo do meu marido algumas vezes. Percebo que, por mais que ele se esforce, seu passatempo e seu tema prediletos continuam sendo falar o tempo todo de trabalho. Mesmo ali, no dia em que deveríamos estar comemorando o nosso amor.

Insisto em atrair sua total atenção, mas o que consigo são alguns beijinhos tímidos antes de algum amigo chamá-lo e voltarem a falar de trabalho. Momentaneamente me afasto e percebo que ele nem nota a minha ausência.

Vago feliz pela festa e, ao mesmo tempo, carrego no peito sentimentos conflitantes. Nunca fui de distribuir falsos sorrisos e, quando percebo, estou afastada de todos, próxima às palmeiras, olhando as mudas de antúrios que começam a ganhar vida.

Lágrimas surpreendem os meus olhos embaçados ao conseguir ver que a pequena folhagem verde começa a ganhar forças para dali surgir um dia uma linda flor de antúrios. Tudo o que eu queria agora era ter esperança de que meu relacionamento com Walter também pudesse reflorescer.

— *Bela fiesta.*

A voz, com sotaque portunhol, me traz de volta dos pensamentos: é preguiçosa, com tom aveludado, me traz paz e, nos dias de ausência do Walter, estava ali, ao meu lado. Ele tem sido um grande amigo. Entre as batidas apressadas do meu coração, levanto a cabeça levemente e encontro seus olhos negros me observando tranquilamente.

— Não o tinha visto. O que faz aqui?

Recostado no biombo, Lorenzo mantém seu jeito rústico. Porém, noto que está diferente. No lugar das camisetas e calças surradas, ele usa uma camisa com a gola aberta branca, que contrasta com sua pele bronzeada, e uma calça cáqui. Veste-se formalmente, como qualquer outro convidado da festa. Entretanto, é completamente diferente de qualquer outro convidado. Ele pode ser humilde, mas olha nos nossos olhos quando está conversando e não repara no que as pessoas estão vestindo.

— *Su esposo me ha invitado a la fiesta como los demás.*

— Então vá se divertir — aconselho. Preciso ficar sozinha, mas ele não arreda pé. Ele tem esse hábito de querer ser um leal companheiro sempre que me vê só.

— *Yo estoy aquí por...*

Interrompo-o.

— Lorenzo. Eu... — Ele estende o braço tocando meu ombro e me olha longamente; sustento meus olhos nos seus. — Por favor, eu preciso ficar só.

— *Está llorando?* — Como sou fraca... Em meio passo, Lorenzo se aproxima e me aconchega em seus braços protetores. Por um instante, não penso e aceito o conforto, deixando apenas as lágrimas correrem. — *No llore, cariño.* — Ele encosta seus lábios ternamente nos meus. Não há contato de línguas, nem promessas luxuriosas, apenas aconchego, carinho e acalento para abrandar a minha dor. Dou-me conta do bom senso e o empurro.

— O que você fez, Lorenzo?

Não espero para ouvir suas explicações. Corro para a festa, limpando minha boca, sentindo-me suja e, se achava que as coisas não poderiam piorar, estava enganada. Todos olham para os telões gigantes e para mim. Desvio a atenção para as imagens e nelas estamos Lorenzo e eu, corpos juntos atrás do biombo, como se estivéssemos nos beijando. O desespero toma conta de mim e rapidamente procuro por Walter e Beatriz. Primeiramente vejo Bya, que me olha em choque e depois meus olhos encontram os de Walter.

Um misto de ódio e desprezo estampa a expressão do seu rosto e uma sensação de frio percorre minha espinha. Uma onda de medo me domina. O homem que sempre me admirou com chamas nos olhos parece de repente morto por dentro.

— Walter! Espere. Não é isso que você está pensando.

Corro desesperada a seu encontro, mas ele se vira e me deixa sozinha, abandonada, no meio de todos os convidados, condenando-me como se eu fosse uma libertina. Sua negação em me ouvir me fere como uma lâmina sendo enfiada em meu peito.

Contra fatos não há argumentos. Mais uma vez apavorada, olho para Beatriz. Eu preciso pelo menos falar com ela, mas é em vão. Ela me dá as costas e vai atrás do pai.

— Céus! — Caio de joelhos no chão, sentindo-me culpada e conformada por ser dona das consequências que virão. Os convidados começam a ir embora e eu me vejo sozinha, sofrendo calada, segurando o peso da dor das minhas lágrimas. Como fui deixar as coisas chegarem a esse ponto? Por que não me afastei do Lorenzo quando percebi que a qualquer hora poderia acontecer alguma coisa entre nós, visto que a química que nos envolvia era latente demais?

Meu Deus! O que eu fiz?



Capítulo 16

De volta ao Brasil, sinto-me cada vez mais solitária, e as lembranças não saem da minha mente.

Após uma semana de silêncio, sem responder a um só dos meus apelos de perdão, Walter abriu a porta do escritório e comunicou que estava indo embora para o Brasil. O mais dolorido foi que convidou apenas Beatriz a ir com ele.

Ao me fitar, vi que seus olhos estavam negros no lugar do azul vibrante de sempre. Não havia brilho. Estavam opacos, sem vida.

Desesperei-me, implorei, chorei, pedi perdão repetidas vezes. O homem à minha frente era frio e agia como se em suas veias não passasse sangue.

Ir embora? Como assim? Quer dizer que ele se trancava atrás de uma porta e, quando aparecia, resolvia jogar uma bomba sobre mim e simplesmente me dar as costas? Ainda por cima, incluindo somente a nossa filha no seu futuro? Aquela novidade explodiu dentro de mim... Foi um choque. Pela primeira vez na vida eu precisava gritar. Precisava falar, colocar para fora tudo o que estava guardado dentro de mim e fiz isso. Passei dezoito anos ao seu lado aceitando e recebendo migalhas da sua atenção, desculpei Walter todas as vezes, mascarando os motivos como se fosse o suficiente para lhe conceder perdão. Ele não podia simplesmente ir embora e me excluir do seu futuro. Não antes de ouvir tudo o que eu tinha para dizer.

Não me importei em falar tudo na frente da Beatriz. Cansei de privá-la da verdade, de como eu sua mãe vivia enclausurada, carente. Acontece que eu

não podia me calar mediante a solução que Walter tinha encontrado para resolver *o seu* problema. Quando eu a procurei no mesmo dia para pedir desculpas e dizer que tudo era um engano, ela apenas me abraçou, disse que me amava e não se importava o que tinha feito. Ela sabia que tinha uma explicação. Sem julgamentos, sem necessidade de ouvir o que eu tinha para falar ou não...

No entanto, ele não. Walter me humilhou e, de queixo erguido, desafiou-me. Insistiu que eu ficasse na Espanha com meu “amante”, sem acreditar em uma só palavra do que eu dizia. Ouvindo seus argumentos, entendi naquele momento que não era apenas a verdade que se recusava a aceitar. Era a imagem que deveria ter ficado gravada na sua mente: Lorenzo e eu nos beijando. A maior dor que senti não foi apenas sua negativa em me perdoar, algo que eu tanto fiz, mas também a forma como ele conduzia os fatos, sendo egoísta, pensando somente nos próprios sentimentos. Conhecer esse seu lado minou minhas forças para tentar prosseguir com minha defesa.

Eu não podia deixar minha família se desfazer sem tentar esgotar todas as minhas chances. E é certo que não podia pensar em viver longe da minha filha.

Fui forte. Aguentei sozinha ler o que a mídia divulgou nos jornais. Fui exposta e julgada por todos e, mesmo assim, permaneci firme como uma rocha.

Beatriz teve que intervir e disse que só seguiria com ele se eu estivesse junto. A desaprovação no seu olhar mostrava o quanto ele me odiava, mas Walter por fim cedeu. Agora, aqui estamos, há quase um mês vivendo como dois estranhos, falando apenas o necessário. Na noite de Natal, ele até me deu um abraço, sem emoção, mas uma pontinha de esperança brilhou para mim.

Fazia anos desde que estivemos pela última vez no Brasil. Beatriz ainda era pequena. Foi no enterro de Colibri, e só fomos depois de eu insistir que não voltariamos para velar sua morte, e sim para dar forças ao Pedro. Afinal, por mais que seu pai não assumisse seu papel, ainda era a pessoa mais próxima

que Pedro tinha e eu devia isso a ele. Até porque, no enterro da minha mãe, ele estava lá para me apoiar. A ideia parece fúnebre, mas as únicas vezes que voltamos para o Brasil foram para o enterro dos pais do Walter, da minha mãe e, por último, do Colibri.

Nostálgica, de repente sinto saudades do Pedro, da nossa infância. Como queria revê-lo... Ele e eu perdemos contato, mas sei que com Walter ele volta e meia se comunicava. Pedro é a única pessoa que posso considerar parte da minha família aqui no Brasil.

Pronta para a festa de Natal oferecida aos executivos pela sede brasileira da Sidercon, vou para a sala me encontrar com Walter e Beatriz.

Em um canto, observo-o sozinho, com um copo de uísque, tilintando com o gelo. Só em examiná-lo e ver sua postura ereta e seus ombros largos, vestido com uma camisa azul que molda o contorno dos seus ombros, meu peito aperta e um nó se forma no meu estômago de saudades. Estou tão próxima e ao mesmo tempo tão longe de Walter... Como gostaria de tê-lo entre os meus braços novamente! Sem graça, digo a primeira coisa que vem à minha cabeça, para chamar sua atenção.

— O que acha de procurarmos Pedro depois desses dias de festas?

— Belo momento para encontrá-lo, não acha? — Ele permanece de costas, sem nem se dar o trabalho de virar para me encarar. Agito a cabeça, consciente de ser culpada. O frio das suas palavras migra para os meus ombros nus, e começo a pensar se foi uma boa ideia colocar este vestido vermelho sem mangas, com um pronunciado decote, escolhido para chamar sua atenção. Tensa e incomodada com a situação, ponho-me na defensiva.

— E o que Pedro tem a ver com o que aconteceu entre nós? Eu apenas disse que poderíamos procurá-lo.

— Faça isso você mesma. Não precisamos estar juntos.

— Farei isso.

— Fico imaginando como você contaria a ele o que aconteceu e o porquê de ter voltado ao Brasil. — A ironia e sua insinuação são certeiras. Ele não precisa ser mais claro para dizer o que pensou. Por mais que eu tente controlar, um suspiro de humilhação escapa da minha garganta.

— Até quando você ficará jogando na minha cara o que aconteceu?

— Não sei do que está falando. O que é mesmo, Malu?

Uma seca e cínica interrogação brota em suas palavras. Ele se vira bruscamente em minha direção, e suas pálpebras baixas vão se erguendo conforme ele vai me olhando dos pés à cabeça. Sinto-me formigar conforme vou sendo observada, até nossos olhares se encontrarem. Posso jurar que ainda vejo dentro deles uma chama que não se apagou. Minhas pernas ficam trêmulas... Como esse homem ainda mexe com meus sentidos? Ele enfia a mão sob a gola por trás da nuca, confuso.

— Não eram essas as perguntas que você me fazia quando discutíamos e você ficava insistindo em me lembrar sobre meus erros? Não era a admissão deles que você sempre quis ouvir? — A chama que eu apostava ainda ver é encoberta, e seus olhos azuis ficam novamente escuros. Sinto vontade de discutir com ele e ao mesmo tempo consolá-lo, abraçá-lo e fazer desaparecerem nossos problemas.

— Não me peça para admitir o que nunca existiu.

Seus lábios tremem, e a pequena nuvem de fumaça parece clarear um pouco seus olhos. Ele leva o copo até a boca e, em uma golada, ingere toda a bebida. Dá um passo em minha direção, e eu fecho os olhos, podendo sentir sua aproximação. De repente, parece que algo o detém. Respirando fundo, abro os olhos e lá está ele com a cólera visivelmente estampada no rosto. Com força, ele coloca o copo sobre a mesa.

— Avise a Beatriz que estamos atrasados. Espero vocês no carro. A estrada de Ibiúna até São Paulo não é a das melhores.

Walter

Tenho vivido os piores dias da minha vida. A imagem da minha mulher nos braços de outro homem não sai da minha cabeça. E, por mais que eu me esforce em me convencer que sua dor mostra que ela fala a verdade, não consigo perdoá-la. É mais forte do que eu... Parece que morri por dentro. Sinto-me oco, insensível e egoísta por estar pensando somente nos meus sentimentos.

Na manhã em que chegou a minha aprovação para voltar para o Brasil e assumir a direção de uma das nossas sucursais, no interior de São Paulo, eu estava decidido a deixá-la na Espanha para que fosse feliz nos braços de seu amante. Foi muito duro chegar a essa conclusão, mas o que eu poderia almejar mais do que isso, se eu era o maior culpado por deixar as coisas chegarem àquele ponto? Fui negligente, abandonei minha esposa, acreditando que o que eu lhe dava era o suficiente, quando na verdade o que ela sempre me pediu foi a minha atenção e o meu amor. E o que eu fiz? Fui ambicioso e não me contentei com o que tinha. Pior: não fui justo com ela. Se eu estava naquela posição de sucesso foi porque ela aguentou toda a barra doméstica e foi o meu suporte emocional em todos os momentos. Eu a manipulei como uma marionete, levando-a de país a país, como eu precisava que fizesse. Ainda mais duro foi aceitar ela querer me acompanhar de volta para o Brasil. Não achava correto. Por amá-la demais, queria que ela fosse feliz e tivesse ao seu lado uma pessoa que lhe desse o que fosse melhor. Porque ela merece isso. E, mais uma vez, ela me mostrou que o seu melhor é estar ao meu lado.

Como fui egoísta, brigo com meus pensamentos enquanto danço com minha filha pelo salão e vejo minha linda esposa timidamente dançando sozinha, em

um cantinho, tentando parecer conformada por estar só. Sua graciosidade e sua leveza nem de longe sugerem que ela carrega nas costas um fardo de dor.

— Mamãe dança tão bem, não é mesmo?

— Sim. Uma bailarina nata.

Mal conheço as pessoas convidadas. Poucos são os conhecidos com quem trabalhei em outros países, pela empresa. Só vim na tentativa de amenizar o clima chato que estávamos vivendo. Quando a empresa me convidou para essa festa de Natal, achei por bem participar, principalmente por Beatriz.

— Quando chegam nossos objetos pessoais da Espanha?

Por mim, ficaria tudo lá, mas algumas recordações, como meus CDs, fotos e nossas lembranças particulares, preciso providenciar que tragam. Nem pensei nisso quando decidimos partir.

— Vou tratar disso no começo do ano.

— Acho bom. Não digo pelas minhas coisas, mas pela mamãe seria bom trazer pelo menos tudo o que ela tem guardado da época em que era bailarina.

— Farei isso. — Meus olhos se voltam para Malu.

Ela dança como se estivesse sombreando as nuvens. Como se na dança ela encontrasse seu porto seguro. Não carrega o semblante de quem está feliz. Parece preocupada, cansada, triste... Mas, ainda assim, é linda. Lembro-me do dia em que a segui até o estúdio. Fiquei tão encantado e fascinado ao ver sua entrega à personagem, enquanto ensaiava *Giselle*. O que eu fiz com a doce bailarina que conheci? Vendo-a agora dançando, acho irônico como a vida imita a arte. Assim como a personagem, elas tinham duas paixões: a dança e o amor. E ela fez pelo seu amor a mesma coisa que Giselle: salvou-o. Na arte, a personagem salva seu amado da maldição das bruxas que o atraíam para a

morte e, no entanto, a minha esposa, mesmo com suas esperanças mortas, não desistiu de mim e está aqui ao meu lado para me salvar do meu egoísmo. Como fui estúpido!

— Pai, você ainda quer continuar dançando? Ou vai querer continuar parado aqui me segurando pela cintura, mas com os olhos na minha mãe?

— Filha, se você não se importar, gostaria de conduzi-la até a mesa para depois conversar com a sua mãe e tentar consertar um erro na minha história com ela.

— Não precisa me conduzir até a mesa. Sou grandinha, sabia?

— Sei disso, filha, e estou orgulhoso por ser tão madura para sua idade. Acontece que sou um cavalheiro e jamais abandonaria uma dama no meio do salão.

— Por favor, senhor. — Ela me dá o braço, sorrindo, e eu a levo até a mesa reservada para nós.



Capítulo 17

Nervosa por receber a mensagem do Lorenzo no celular, dizendo que está no Brasil e precisa me encontrar para se desculpar, danço entre os convidados, na linda festa, tentando acalmar meus ânimos. Por que ele tinha de vir atrás de mim aqui? Por que não dei cabo desse aparelho na Espanha? Por que eu tinha que olhar o celular justo hoje? Aliás, por que eu o trouxe? Tento me concentrar na melodia. Que cafajeste! Ele teve tempo suficiente para se desculpar enquanto estávamos morando em Marbella e não fez isso. O que pretende vindo aqui? Procuro por Walter e Beatriz, que agora há pouco estavam dançando na minha frente e não os vejo.

— Será que minha eterna Giselle concede uma dança a seu Albrecht e o salva dos seus próprios fantasmas?

— Walter? — Desprevenida, assusto-me com a voz rouca e familiar soprada no meu ouvido. Sinto seu peito quente encostar nas minhas costas nuas e meu corpo se arrepiar.

— Deduzo que não esperava que eu ainda pudesse surpreendê-la desse jeito? Diga que está disposta a quebrar o feitiço dos meus fantasmas, e eu juro que não viverá um só segundo sem a minha presença ao seu lado. — A sensação da sua boca próxima do meu ouvido faz um fluxo grande de sangue correr fortemente pelo meu corpo.

— Não preciso quebrar o feitiço dos seus fantasmas. Por estar aqui, acho que você mesmo os aniquilou.

— Ah, sim, você tem razão. Mas eu ainda estou esperando saber se a minha esposa vai conceder uma dança para mim.

— Ela está concedida a você desde o dia em que o conheci.

Braços largos giram o meu corpo, para que eu fique de frente a ele. Meus olhos piscam, ofuscados pelo brilho dos dele, que é mais intenso do que nunca. Ficar frente a frente com o meu marido, depois de tanto tempo separados, me faz estremecer.

— Malu, como senti falta do seu perfume...

Não importa se começamos a dançar no ritmo da música ou não. O que importa nesse momento é ouvir a sua voz grave murmurando o quanto fiz falta, senti-lo me apertar contra o seu corpo quente, uma das mãos na minha cintura e a outra acariciando o meu cabelo. Sentir seu corpo rijo e forte é vivenciar a plenitude de estar em seus braços novamente.

— Eu também, meu amor. Não sei por quanto tempo eu suportaria viver sem poder senti-lo novamente. — Deleito-me em cada sensação, comprimindo-me cada vez mais em seu peito. Mal consigo pensar ou raciocinar. — Walter, eu nunca tive nada com...

— Eu sei disso, meu amor.

O corpo dele contra o meu, bailando-os de um lado ao outro lentamente é tão certo, tão envolvente. Walter me segura de um jeito diferente, como se me mostrasse que nunca mais irá me largar.

— Você acredita em mim?

— Claro que sim — responde. — O que eu não acredito é como não fui capaz de ouvir, apesar de você ter repetido diversas vezes toda a história.

Sinto meu coração pulsar de emoção. Ele acredita em mim.

— Estou tão feliz por você ter visto que tudo não passou de um engano.

— Obrigado por insistir em nós — diz Walter.

Deixo-me conduzir na nossa dança e por suas palavras. Não há mais necessidade de pedir perdão ou tocar no assunto que ficou no passado. Sei que preciso contar para ele que Lorenzo me enviou uma mensagem, mas não agora. Agora preciso apenas curtir estar em seus braços e me aconchegar a ele o quanto possível. Seus braços apertam minha cintura e eu tenho a certeza que é neles que nasci para estar. O lento roçar dos nossos corpos faz o desejo queimar dentro de mim com a certeza de que viverei ao seu lado até o último dia das nossas vidas.

— Eu jamais desistiria. Não até ter esgotado todo o amor que sinto por você.

— Eu a amo tanto que chega a doer, Malu.

Por um segundo ele fica imóvel, seus dedos entrelaçados enfiam-se por entre o meu cabelo. Sob seu olhar intenso, meu coração acelera ainda mais. Percebo seu rosto se aproximar de meu e estremeço com a magnitude de sentir tudo isso como nunca antes. Seus lábios suavemente tocam os meus e, como se não fosse possível, ele me puxa para ainda mais perto, exatamente onde eu devo estar pelo resto de nossas vidas. Reconquistado de amor e cheio de paixão, ele me beija vorazmente, até que precisamos nos afastar para respirar.

— Ainda faltam algumas horinhas para a meia-noite, mas já sinto que uma vida nova vai começar. O que acha de darmos as boas novas para nossa filha?

— Eu também, meu amor. Não sei por quanto tempo eu suportaria viver sem poder senti-lo novamente. — Deleito-me em cada sensação, comprimindo-me cada vez mais em seu peito. Mal consigo pensar ou raciocinar. — Walter, eu nunca tive nada com...

— Eu sei disso, meu amor.

O corpo dele contra o meu, bailando-os de um lado ao outro lentamente é tão certo, tão envolvente. Walter me segura de um jeito diferente, como se me mostrasse que nunca mais irá me largar.

— Você acredita em mim?

— Claro que sim. O que eu não acredito é como, mesmo você repetindo diversas vezes toda a história, não fui capaz de querer ouvi-la.

Sinto meu coração pulsar de emoção. Ela acredita em mim. — Estou tão feliz por você ter visto que tudo não passou de um engano.

— Obrigada por insistir em nós. — Deixo-me conduzir na nossa dança e por suas palavras. Não há mais necessidade de pedir perdão ou tocar no assunto que ficou no passado. Sei que preciso contar para ele que Lorenzo me enviou uma mensagem, mas não agora. Agora preciso apenas curtir estar em seus braços e me aconchegar a ele o quanto possível. Seus braços apertam minha cintura e eu tenho a certeza que é neles que nasci para estar. O lento roçar dos nossos corpos faz o desejo queimar dentro de mim com a certeza de que viverei ao seu lado até o último dia das nossas vidas.

— Eu jamais desistiria. Não até ter esgotado todo o amor que sinto por você.

— Eu a amo tanto que chega a doer, Malu. Por um segundo ele fica imóvel, seus dedos entrelaçados enfiam-se por entre o meu cabelo. Sob seu olhar intenso, meu coração acelera ainda mais. Percebo seu rosto se aproximar de meu e estremeço com a magnitude de sentir tudo isso como nunca antes. Seus lábios suavemente tocam os meus e, como se não fosse possível, ele me puxa para ainda mais perto, exatamente onde eu devo estar pelo resto de nossas vidas. Reconquistado de amor e cheio de paixão, ele me beija vorazmente, até que precisamos nos afastar para respirar.

— Ainda faltam algumas horinhas para a meia-noite, mas já sinto que uma vida nova vai começar. O que acha de darmos as boas novas para nossa filha?

— Não tenho ideia melhor — digo feliz, puxada pelas suas mãos que desfilam comigo entre os convidados da festa.

Na mesa, Beatriz bate palmas antes de chegarmos a ela.

— Não precisam me contar que fizeram as pazes, pois eu e mais de duzentas pessoas fomos testemunhas da cena de amor mais linda que já vi.

Comemorando entre risadas, nos curtimos muito. Vibramos e até brindamos.

— Mãe, vamos comigo ao toalete.

— Não sei se será possível. — Brincalhão, Walter puxa minha cadeira para mais perto da sua. — Jurei para sua mãe que não ficaria mais um segundo longe dela.

— E o senhor está pensando em se aposentar, pai?

— Ainda não posso, mas passarei mais tempo trabalhando de casa. Não aceitarei mais viajar feito um caixeiro sem rumo.

Ele fala com convicção e, esperançosa, não consigo formular palavras, fitando-o admirada.

— O que acha de irmos os três, então?

— Má ideia. Ser preso por atentado ao pudor por invadir o banheiro feminino me faria quebrar o juramento de nunca mais ficar longe da sua mãe, nem por um minuto. Podem ir, meninas, mas não demorem.

— Voltamos logo. — Eu me aproximo para lhe dar um beijo casto e ele ousadamente invade minha boca com a língua. Incentivada por todas as emoções que me dominam e pelo desejo crescente que venho mantendo por ele todos esses anos, me deixo levar, esquecendo de tudo.

— Vocês dois podem, por favor, me respeitar e se controlar um pouco? A cena que tive de presenciar mais cedo foi suficiente para me traumatizar pelo resto da vida. Tem coisas que uma filha não precisa ver.



Capítulo 18

— Bya, me empresta seu batom?

— Sua mãe não a ensinou que uma mocinha sempre tem de levar sua bolsa para retocar a maquiagem no toalete?

Percebo que esqueci minha bolsa na mesa e um mau pressentimento me assombra.

— Vamos logo para mesa. Seu pai deve estar nos esperando.

— Não vai querer o batom?

— Não! — Saio apressada do toalete e a Bya me segue.

— Nunca vou depender de um homem assim a ponto de não poder retocar o batom por não aguentar ficar longe dele.

Meu coração parece que vai sair pela boca. Pode ser o peso na minha consciência que está falando mais alto, por não ter contado ao Walter que Lorenzo me mandou uma mensagem há poucas horas. Porém, pela forma como sinto meu peito apertar, imagino que seja algo bem maior. Paro de pensar por um instante ao ver, na mesa em que estamos sentados, Walter segurando meu celular e me lançando um olhar letal.

Mal chegamos e ele se levanta, alterado. Seu olhar indagador me congela. Porém, não deixo de encará-lo. Com quem ele pensava que estava lidando, para mais uma vez tirar conclusões precipitadas antes de ouvir qualquer coisa? Será

que estava tão alterado pelas taças de vinho que tomou que não percebia que tudo era um engano? Que eu nem ao menos respondi a mensagem de Lorenzo?

— Beatriz, pegue suas coisas. Nossa noite acabou. O amante da sua mãe resolveu estragar a surpresa do Papai Noel.

— Pai, o que está acontecendo? — grita ela.

— Filha, faz o que seu pai está dizendo...

Sem nos esperar, ele levanta da mesa e começa a andar. Para eu não ter outra exposição pública da minha imagem e ser julgada por pessoas que nunca vi na minha vida, faço o que ele está mandando.

Já dentro do carro, ele dirige como um louco pelas ruas de São Paulo.

— Walter, vai mais devagar.

Ele não responde, demonstrando pouco-caso diante de meu pedido. Tenho medo de continuar falando e provocá-lo ainda mais. Mas rompo o silêncio ao vê-lo dirigir imprudentemente. Não posso deixar que ele nos mate.

— Eu não o mandei vir atrás de mim.

Contorcendo os lábios, ele vira o volante em uma via de acesso à estrada, sem olhar para os lados.

— Não mandou? Você quer me enganar! Esse jardineiro não deve nem ter casa para morar! Como ele conseguiu dinheiro para vir atrás da amante no Brasil? Sozinho?

Presto atenção em todos seus atos vis, gélidos, e vejo a maneira como troca o câmbio para uma marcha mais potente, fazendo o carro acelerar de forma perigosa.

— Não sei como ele conseguiu nos encontrar. Nunca mais falei com ele.

— Você mente como a sua mãe. Você trai as pessoas à sua volta que nem ela. Claro, o que eu podia esperar de você?

— Pare de correr e gritar comigo! Falamos sobre isso no hotel! A Beatriz não precisa saber dos nossos problemas.

— Então agora você tem respeito pela sua filha? Tarde demais, não acha? Esqueceu que todos nós a flagramos engalfinhada com o jardineiro?

— Eu já pedi perdão a ela.

— Choro descontroladamente. Não consigo me conter. Viro a cabeça para o banco de trás e vejo minha filha assustada, enquanto Walter continua a vociferar:

— Você não sabe o que é perdoar. Você é egoísta! O perdão não tem o poder de acabar com o seu egocentrismo. A sua vaidade não sabe o valor do perdão.

Ele se inclina para meu banco, gritando comigo. Seu braço segura o meu com força. Sinto ele me machucar fisicamente, porém suas palavras injustas são as que mais doem. Pela primeira vez na vida o vejo chorar. Sinto que ele perde o controle do carro e eu imploro que pare.

— Pai! — Ouço Bya gritar e, junto do seu alerta, um clarão de dois faróis gigantes nos atinge.

Ouço o estrondo do metal sendo raspado no asfalto se misturar com os nossos gritos de horror. Nossos corpos são jogados abruptamente por todos os lados do carro.

Minha cabeça bate com força em algo duro e eu apago momentaneamente. O som de sirenes me faz despertar aos poucos. Tudo é muito confuso. Flashes do que aconteceu vêm à minha mente, e eu me desespero.

— Beatriz? Walter? — grito repetidas vezes, mas a minha voz falha. Puxo o ar para meu pulmão com dificuldade. Tento me mexer e percebo que estou amarrada.

O som audível de uma sirene parece se distanciar e, com toda a minha força, tento soltar o cinto que me segura.

— Senhora? Por favor, fique deitada.

— Minha filha... — suplico em lágrimas, e um paramédico vem ao meu lado.

— Ela está bem, a caminho do hospital.

— E o meu marido? — digo devagar, sem ar. Meu peito dói muito. — Estão trazendo ele?

— Vamos levá-los ao hospital. Agora fique calma. A senhora precisa manter a paciência para o bem da sua saúde.

Mal ouço o que ele diz. Meus olhos vagam para os lados e, em segundos, minutos talvez, vejo a movimentação de outros paramédicos ao colocarem a maca de Walter ao meu lado. Minha visão se paralisa na imagem do seu rosto, com um corte superficial na testa.

Agradeço aos céus por ele estar ali, mesmo que ainda de olhos fechados. Aparentemente, nada de pior lhe aconteceu.

Sua maca fica bem perto da minha. Consigo mexer os meus dedos e tocar a mão dele.

— Meu amor, fala comigo — suplico sem forças. — Juro que eu ia te contar sobre a mensagem, meu amor. Eu só não tive tempo. Estávamos tão felizes. Não queria atrapalhar o nosso momento. — Puxo o ar com dificuldade. Não sei de onde arrumo forças e continuo. — Tudo o que contei na Espanha é pura

verdade. Eu nunca tive nada com o Lorenzo. Não sei como ele descobriu que estávamos no Brasil. Para mim, sempre foi você. Só você.

Seus olhos se abrem, e eu os vejo vermelhos, com todo o sangue centralizado nos globos oculares. Uma lágrima escorre. Meu Deus! Queria poder ter forças para poder livrá-lo de toda dor.

— Por favor, me perdoa. O que eu fiz com todos nós. — Sua voz é bem baixinha.

— Shhh! Não pense nisso agora, por favor. — Dilacera-me a impotência de não poder abraçá-lo e consolá-lo.

— Amo tanto você, Malu.

— Eu também, meu amor. Tudo vai dar certo. — Tento acalenta-lo com as palavras.

— Procura o Pedro... — Sua voz vai perdendo forças. O paramédico está cuidando dele, medindo sua pressão, e eu acompanho tudo desesperada. Vejo em seu rosto que nada está indo bem. — Diz que pedi para ele cuidar de vocês.

Enlaço meu mindinho ao seu com força.

— Por quê?

— Não estou me sentindo bem, meu amor. Se algo acontecer comigo, fale com o Antônio Almeida. Ele é meu advogado e saberá cuidar de tudo. — Cansada, muito cansada, balanço a cabeça, negando que tudo isso está acontecendo.

— Não, Walter. Não vamos precisar deles.

— Meu anjo, estarei sempre ao seu lado. — Seus olhos se fecham, junto a uma lágrima que escorre. O paramédico lhe coloca apressado uma máscara de

oxigênio, rasga sua blusa e começa uma massagem cardíaca. Tudo é muito rápido.

— Não, por favor, meu amor... Não faz isso comigo! Não faz isso conosco! — Tento arrancar as fitas que me amarram e não consigo arrumar forças. — Não vai embora, por favor! Fica comigo! — Choro desesperada. Outro paramédico entra na ambulância, para e troca olhares com o primeiro que, derrotado, diz:

— Ele não resistiu.

Sinto-me despedaçada e inerte diante dessa constatação. Sem me dar conta, ouço um aparelho apitar ao meu lado e os paramédicos se virarem para cuidar de mim também. Eu olho para ele novamente. Parece tão sereno...

— Eu o perdi! Não, meu amor! Me leve com você...

Meu coração dispara. Sinto-o pulsar, e todas as veias do meu corpo. Por um instante, desligo-me de tudo o que acontece à minha volta. Uma luz aparece diante de mim, irradiando força e dizendo que eu ainda preciso seguir e cuidar do futuro da nossa filha.

Tento permanecer próxima à luz que me atrai, porém ela vai ficando escura e eu entendo que a única certeza de que temos na vida é a de que todos partiremos algum dia. O difícil é se preparar para perder alguém, ou se desligar da matéria que nos dá a vida. Algumas almas elevadas conseguem ser fortes e vão à frente com suas missões. A dor da saudade é imensa e acordo desse sonho confuso, por algumas vezes, para fazer o que a luz me orienta. Entre os sonhos longos e o despertar, deixo tudo preparado para o futuro da minha filha e, quando sinto que chegou meu momento, faço o que tenho de fazer para a minha última missão. Ligo para a pessoa que tenho certeza de que cuidará dela.

Qualquer ato, seja de omissão, aceitação, negação, traição, tentação, sempre traz consequências...

Cada um de nós tem um destino...

*Se você ficou curioso para saber o futuro de Beatriz, leia Tutor e se emocione
ainda mais...*

Surto de beijos

F I M